



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura
Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



COMO OS FALANTES DE FEIRA DE SANTANA E SALVADOR TRATAM O SEU INTERLOCUTOR?

por

FRANCIELI MOTTA DA SILVA BARBOSA NOGUEIRA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marcela Moura Torres Paim

**SALVADOR
2013**



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura
Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



COMO OS FALANTES DE FEIRA DE SANTANA E SALVADOR TRATAM O SEU INTERLOCUTOR?

por

FRANCIELI MOTTA DA SILVA BARBOSA NOGUEIRA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marcela Moura Torres Paim

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

**SALVADOR
2013**

Sistema de Bibliotecas da UFBA

Nogueira, Francieli Motta da Silva Barbosa.

Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor? / por Francieli Motta da Silva Barbosa Nogueira. - 2013.
135 f.

Inclui anexos.

Orientadora: Profª. Drª. Marcela Moura Torres Paim.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2013.

1. Língua portuguesa - Pronomes. 2. Língua portuguesa - Variação - Feira de Santana (BA).
3. Língua portuguesa - Variação - Salvador (BA). 4. Sociolinguística. I. Paim, Marcela Moura Torres. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 469.5

CDU - 811.134'367.626

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura

FRANCIELI MOTTA DA SILVA BARBOSA NOGUEIRA

COMO OS FALANTES DE FEIRA DE SANTANA E SALVADOR TRATAM O
SEU INTERLOCUTOR?

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Letras

Salvador, 09 de maio de 2013

Banca Examinadora:

Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso

Doutora em Letras, UFRJ
Universidade Federal da Bahia

Celina Márcia de Souza Abbade

Doutora em Letras, UFBA
Universidade do Estado da Bahia

Marcela Moura Torres Paim

Doutora em Letras e Linguística, UFBA
Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

A DEUS, em primeiro lugar, que, neste caminho, deu-me força e condições para empreender esta tarefa e finalizá-la.

A meu esposo, David, pelo amor, companheirismo, incentivo, paciência e dedicação em todos os momentos.

A Joel Barbosa e Elizabete, meus pais, por terem me ensinado a lutar pelos meus objetivos.

Às minhas irmãs, Adriana, Laiane e Laiara, pelo apoio e compreensão de longa data.

À Prof^a. Dr^a. Marcela Moura Torres Paim, orientadora, muito dedicada, receptiva e, acima de tudo, incentivadora.

À Prof^a. Dr^a. Suzana Alice Marcelino Cardoso, por suas contribuições nesta caminhada.

Às professoras Norma Lucia Fernandes de Almeida e Silvana Silva de Farias Araujo, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, por terem gentilmente cedido o *corpus* do Projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*.

À professora Norma da Silva Lopes, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, que, prontamente, disponibilizou o *corpus* do Projeto *Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado em Salvador – PEPP*.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia – UFBA, por todo o conhecimento compartilhado.

Aos colegas do Instituto de Letras, da UFBA, pelo companheirismo. Em especial, Valdo e Izabel.

Às amigas, Mayane, Mivane e Lidiane pelas palavras de encorajamento.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Para David, *Amor!*

E para minha família, amores!

RESUMO

Esta pesquisa trata da variação entre as formas de tratamento *tu/você* no português culto e popular das cidades de Feira de Santana e Salvador – Bahia, tendo como aporte teórico-metodológico a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). Adota-se na composição dos *corpora*, o entendimento de *norma culta* como padrão de comportamento linguístico dos falantes com formação universitária e *norma popular* como padrão de comportamento linguístico dos falantes com Ensino Fundamental ou nenhuma escolaridade (LUCCHESI, 1998). Este trabalho objetiva identificar os fatores linguístico-discursivos e sociais que atuam na escolha das formas alternantes *tu/você*, para tanto, são analisadas amostras de fala de pessoas de três faixas etárias – faixa 1 (25 a 35 anos), faixa 2 (36 a 55 anos) e faixa 3 (56 anos em diante) – distribuídas em dois níveis de escolaridade – ensino superior completo e ensino fundamental. Os *corpora* analisados são compostos por 48 entrevistas do tipo DID – Diálogos entre Informante e Documentador, 12 pertencentes ao *Projeto Norma Linguística Urbana Culta de Salvador* NURC/SSA, 12 pertencentes ao *Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado em Salvador* – PEPP, 24 pertencentes ao *Projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano* e 07 conversações espontâneas entre informantes de Feira de Santana. A partir da análise realizada, observou-se que: a) a preferência geral dos falantes recai sobre o pronome *você*; b) os fatores linguísticos função sintática, tipo de frase, tempo verbal, tipo de discurso, tipo de referência e os extralinguísticos considerados exercem influência na escolha do recurso de que os falantes de Feira de Santana e Salvador se valem para tratar o seu interlocutor.

PALAVRAS-CHAVE: Formas de tratamento; Norma Urbana Culta; Norma Popular; Sociolinguística.

ABSTRACT

This research focuses on the variation of the pronouns *tu/você* in standard and vernacular portuguese in Feira de Santana and Salvador in Bahia. We adopt as theoretical-methodological approach, the theory of linguistic variation and change proposed by Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). To organize the *corpus*, we understand as standard language that which is used by speakers who have college education and vernacular form as the language used by speakers with only high school education or with no formal education (LUCCHESI, 1998). This study aims at identifying linguistic and social factors that influence on the choice between alternate forms *tu/você*. We analyze speech samples of people organized in three age groups: group 1 (25 to 35), group 2 (36 to 55) and group 3 (from 56 years on). These groups are separated in two school levels: complete college education and high school education. The *corpora* consist of 48 interviews that are structured as dialogues between informants and interviewers, 12 of those belong to NURC/SSA – *Urban Standard Form Project/Salvador*, 12 belong to PEPP – *Program of Studies about Vernacular Portuguese Spoken in Salvador*, 24 interviews belong to *Portuguese Language in Bahia Semiárido* Project and finally 7 spontaneous conversations with informants from Feira de Santana. Upon analysis, we concluded that: a) there is a general tendency to use *você*; b) linguistic factors, syntactic function, type of phrase, verb tense, type of discourse and extra linguistic aspects used for this study have influence on the choice of resource speakers from Feira de Santana and Salvador turn to in order to approach their interlocutor.

KEY WORDS: Pronouns address; Standard Form; Vernacular Form; Sociolinguistics.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Formas de tratamento em Belém – PA	24
Tabela 02	Referências à segunda pessoa em Tefé, Martins (2010)	25
Tabela 03	Uso de <i>tu</i> em função do grau de intimidade dos interlocutores em Martins (2010)	25
Tabela 04	Uso do <i>tu</i> cruzando-se os grupos de fatores sexo e grau de intimidade do falante com o interlocutor em Martins (2010)	26
Tabela 05	Uso do <i>tu</i> pelo tipo de referência em Martins (2010)	27
Tabela 06	Ocorrências de <i>tu/você</i> em Santo Antônio de Jesus – BA e no ALiMA	29
Tabela 07	Ocorrências de <i>tu</i> de acordo com a faixa etária em Alves (2012)	29
Tabela 08	Ocorrências de <i>tu/você</i> segundo a faixa etária em Amor Divino (2008)	30
Tabela 09	Ocorrências de <i>tu</i> de acordo com a localidade em Alves (2012)	30
Tabela 10	Efeito da variável sexo sobre <i>tu/você</i> em Alves (2010) e Amor Divino (2008)	31
Tabela 11	Ocorrências de <i>tu</i> de acordo com o tipo de relato em Alves (2012)	32
Tabela 12	Totais de referência à segunda pessoa em Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010)	34
Tabela 13	Variação <i>você/cê/tu</i> na Vila Planalto segundo o tipo de relação e a faixa etária	35
Tabela 14	Efeito do tipo de relação entre os interlocutores sobre o uso do <i>tu</i> em Lucca (2005)	36
Tabela 15	Relacionamento com o interlocutor e frequência do pronome <i>tu</i> em Dias (2007)	36
Tabela 16	Sexo do falante e frequência de <i>tu</i> em Dias (2007) e Andrade (2010)	37
Tabela 17	Efeito do sexo do falante sobre o uso de <i>tu</i> em falas reais e	

	retomadas em Lucca (2005)	37
Tabela 18	Varição <i>você/cê/tu</i> em relação ao tipo de referência em Andrade (2010)	38
Tabela 19	Distribuição dos pronomes de 2ª pessoa nos <i>corpora</i> investigados	40
Tabela 20	Influência do fator sexo do informante no uso do pronome <i>tu</i>	40
Tabela 21	Totais de ocorrências de <i>tu</i> e <i>você</i> em Modesto (2006) e Mota (2008)	41
Tabela 22	Frequência e valores absolutos do uso das formas de tratamento segundo a escolaridade em Modesto (2006)	42
Tabela 23	Frequência e peso relativo das formas <i>tu</i> e <i>você</i> em função do fator monitoramento em Modesto (2006)	42
Tabela 24	Totais de referência à segunda pessoa em Loregian-Penkall (2004) e em Franceschini (2011)	45
Tabela 25	Localidades da amostra x sexo em Loregian-Penkall (2004)	46
Tabela 26	O uso de <i>tu/você</i> e a determinação do referente em Franceschini (2011)	47
Tabela 27	Uso de <i>tu/você</i> em Martins (2010), Amor Divino (2008), Alves (2012), Lucca (2005), Dias (2007), Andrade (2010), Paredes Silva (2003), Modesto (2006), Mota (2008), Loregian-Penkall (2004) e Franceschini (2011)	48
Tabela 28	Totais de referência à segunda pessoa nos <i>corpora</i> investigados	87
Tabela 29	Efeito do fator função sintática da variante sobre o uso de <i>tu/você</i>	89
Tabela 30	Efeito do fator função sintática da variante sobre o uso de <i>tu/você</i> em Feira de Santana e em Salvador	89
Tabela 31	Efeito do fator tipo de frase sobre o uso de <i>tu/você</i>	90
Tabela 32	Efeito do fator tipo de frase sobre o uso de <i>tu/você</i> em Feira de Santana e em Salvador	91
Tabela 33	Efeito do fator tempo verbal sobre o uso de <i>tu/você</i>	92
Tabela 34	Efeito do fator tempo verbal sobre o uso de <i>tu/você</i> em	

	Feira de Santana e em Salvador	93
Tabela 35	Efeito do fator tipo de discurso sobre o uso de <i>tu/você</i>	94
Tabela 36	Efeito do fator tipo de discurso sobre o uso de <i>tu/você</i> em Feira de Santana e em Salvador	95
Tabela 37	Efeito do fator tipo de referência sobre o uso de <i>tu/você</i>	97
Tabela 38	Efeito do fator tipo de referência sobre o uso de <i>tu/você</i> em Feira de Santana e em Salvador	97
Tabela 39	Variação <i>você/tu</i> com relação ao sexo do informante	98
Tabela 40	Frequência de uso de <i>você/tu</i> com relação ao sexo do informante em Feira de Santana e em Salvador	99
Tabela 41	Variação <i>você/tu</i> com relação ao fator escolaridade	100
Tabela 42	Frequência de uso de <i>você/tu</i> nas falas culta e popular de Feira de Santana e de Salvador	101
Tabela 43	Correlação entre os fatores sexo e escolaridade	102
Tabela 44	Variação <i>você/tu</i> com relação à faixa etária	104
Tabela 45	Variação <i>você/tu</i> com relação à faixa etária em Feira de Santana e em Salvador	105
Tabela 46	Totais de referências à segunda pessoa em Salvador e em Feira de Santana – Ba	105
Tabela 47	Totais de referência à segunda pessoa em conversas espontâneas	106
Tabela 48	Efeito do fator sexo sobre o uso de <i>tu/você</i>	107
Tabela 49	Efeito do fator função sintática da variante sobre o uso de <i>tu/você</i>	108
Tabela 50	Efeito do fator tipo de frase sobre o uso de <i>tu/você</i>	108
Tabela 51	Efeito do fator tempo verbal sobre o uso de <i>tu/você</i>	109
Tabela 52	Efeito do fator tipo de discurso sobre o uso de <i>tu/você</i>	109
Tabela 53	Efeito do fator tipo de referência sobre o uso de <i>tu/você</i>	110

LISTA DE QUADROS E GRÁFICO

Quadro 01	Pronomes pessoais nas Gramáticas Tradicionais	21
Quadro 02	Perfil dos informantes do Projeto <i>A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano</i> - Português popular	62
Quadro 03	Perfil dos informantes do Projeto <i>A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano</i> - Português culto	63
Quadro 04	Perfil dos informantes do <i>Programa de Estudos do Português Popular Falado de Salvador – PEPP</i>	63
Quadro 05	Perfil dos informantes do Projeto <i>Norma Urbana Culta de Salvador – NURC/SSA</i>	64
Gráfico 01	Totais de referência à segunda pessoa nos <i>corpora</i> analisados	86

LISTA DE MAPAS

Mapa 01	Localização de Feira de Santana no Estado da Bahia	69
Mapa 02	Localização de Salvador no Estado da Bahia	72

LISTA DE SIGLAS

BDI	Banco de Dados Interacionais
D2	Diálogo entre dois informantes
DID	Diálogo entre informante e documentador
EF	Eloquções formais
GT	Gramáticas Tradicionais
NURC	Norma Linguística Urbana Culta
PB	Português Brasileiro
PEPP	Programa de Estudos do Português Popular de Salvador
PEUL	Programa de Estudos sobre Uso da Língua
VARISUL	Varição Linguística na Região Sul

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	PRONOMES E FORMAS DE TRATAMENTO EM PORTUGUÊS	17
1.1	BREVE HISTÓRICO DAS FORMAS DE TRATAMENTO	17
1.2	PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS	20
1.3	TRABALHOS JÁ REALIZADOS SOBRE A REFERÊNCIA À SEGUNDA PESSOA	23
1.3.1	Região Norte	23
1.3.2	Região Nordeste	28
1.3.3	Região Centro-Oeste	33
1.3.4	Região Sudeste	39
1.3.5	Região Sul	44
1.3.6	Sobre o que vimos	48
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	50
2.1	TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA	50
2.2	POLARIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA	57
3	PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	61
3.1	OS <i>CORPORA</i> UTILIZADOS	61
3.2	O PROJETO <i>A LÍNGUA PORTUGUESA NO SEMIÁRIDO BAIANO</i>	65
3.3	O PROJETO <i>NORMA LINGUÍSTICA URBANA CULTA DE SALVADOR – NURC/SSA</i>	66
3.4	O PROJETO <i>PROGRAMA DE ESTUDOS DO PORTUGUÊS POPULAR DE SALVADOR – PEPP</i>	67
3.5	O <i>LOCUS</i> DA PESQUISA	69
3.5.1	Feira de Santana	69
3.5.2	Salvador	72
3.6	OS FATORES ANALISADOS	74
3.6.1	Função sintática da variante	74
3.6.2	Tipo de frase	75
3.6.3	Tempo verbal	75

3.6.4	Tipo de discurso	76
3.6.5	Tipo de referência	77
3.6.6	Sexo do falante	78
3.6.7	Escolaridade	78
3.6.8	Faixa etária	79
3.6.9	Localidade	80
3.7	CONTROLE QUANTITATIVO DOS DADOS	81
4	ANÁLISE DOS DADOS	86
4.1	FATORES LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS	88
4.1.1	Função sintática da variante	88
4.1.2	Tipo de frase	90
4.1.3	Tempo verbal	92
4.1.4	Tipo de discurso	93
4.1.5	Tipo de referência	95
4.2	FATORES SOCIAIS	98
4.2.1	Sexo	98
4.2.2	Escolaridade	100
4.2.3	Correlação entre os fatores sexo e escolaridade	102
4.2.4	Faixa etária	103
4.2.5	Localidade	105
4.3	ANÁLISE DOS DADOS COMPLEMENTARES	106
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
	REFERÊNCIAS	115
	ANEXOS	119

INTRODUÇÃO

O português brasileiro (doravante PB) tem se mostrado, em muitos aspectos, distinto do português europeu e não é diferente no tocante às formas de tratamento, tema desta pesquisa.

Faraco (1996, p. 63-64) afirma que em Portugal “[...] *tu* é ainda de uso corrente no tratamento íntimo e *você* é usado em tratamento entre iguais não solidários, ou mesmo, no tratamento não solidário de um interlocutor de *status* social inferior”, enquanto que no Brasil “*você* é o pronome de uso comum para o tratamento, estando o pronome *tu* restrito a algumas variedades regionais”. Ao tratar deste assunto, Lopes e Duarte (2003) pontuam que em Portugal o pronome *você* está em distribuição com *o (a) senhor (a)* e *tu*, de acordo com o grau de intimidade estabelecido entre os interlocutores. Destacam ainda que

No português do Brasil, ao contrário, *você* já está completamente integrado ao sistema de pronomes pessoais, substituindo *tu* em grande parte do território nacional ou apenas convivendo com *tu* sem que o verbo traga a marca distintiva da chamada “segunda pessoa direta”. (LOPES e DUARTE, 2003, p. 61)

A variação entre *tu/você* no PB tem sido estudada por autores como Soares e Leal (1993), Paredes Silva (2003), Loregian-Penkall (2004), Lucca (2005), Modesto (2006), Dias (2007), Amor Divino (2008), Mota (2008), Alves (2010), Andrade (2010), Martins (2010), Franceschini (2011a), entre outros, e os resultados apontam para o fato de que ainda não há um equilíbrio no uso dessas formas.

Fato notável é que as formas pronominais *tu* e *você* coocorrem no PB, porém as gramáticas tradicionais continuam a incluir apenas o *tu* para segunda pessoa do singular no quadro dos pronomes. De modo geral, as gramáticas normativas têm registrado o *tu* como pronome pessoal do caso reto de segunda pessoa do singular e o pronome *você* como forma de tratamento.

Assume-se, nesta proposta, o conceito de formas de tratamento apontado por Silva (2003, p. 170): “[...] entendemos por formas de tratamento palavras ou sintagmas que o usuário da língua emprega para se dirigir e/ou se referir a outra pessoa”.

Um dos fatos linguísticos que sempre marcou a comunidade de fala da cidade de Feira de Santana – BA, em uma situação natural de interação, foi a utilização do pronome *tu*, coocorrendo com os pronomes *você*, *senhor* e *senhora*, concordando com a terceira pessoa do singular. Em cidades circunvizinhas, as pessoas chegam a reconhecer os falantes feirenses pelo uso da forma *tu*. Surgiu, então, o interesse em estudar o uso desses pronomes nesta cidade, segunda maior cidade do estado da Bahia, e ampliar o campo de observação, incluindo também dados de falantes de Salvador, a fim de comparar dados obtidos nas duas maiores cidades do estado.

Tendo em vista a inegável relação entre língua e sociedade – para compreendermos os fenômenos linguísticos, é necessário relacioná-los aos fatores extralinguísticos a fim de entender por que, em determinado contexto, foi usada uma variante e não outra –, tem-se como princípio básico que a variação é inerente às línguas, obedece a condicionamentos linguísticos e sociais, e é por meio dela que as mudanças ocorrem na língua de forma ordenada.

Assim, objetivamos depreender os fatores linguístico-discursivos e sociais que atuam na escolha das formas de tratamento *tu* e *você* nas cidades de Feira de Santana, interior do Estado da Bahia e Salvador, capital do Estado, no trato com os interlocutores, estabelecendo uma comparação entre elas. Trata-se de um estudo sincrônico, baseado em análise quantitativa tendo como aporte teórico-metodológico a Sociolinguística Quantitativa (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]).

Nos termos de Lucchesi (2004), partimos do pressuposto de que o PB não é apenas *heterogêneo* e *variável*, mas também *plural* e *polarizado*. No que se refere ao diassistema heterogêneo, há dois sistemas também heterogêneos, de onde advém a polarização sociolinguística, denominados *norma culta* e *norma popular*. Sendo assim, neste estudo, adotamos as nomenclaturas de *norma culta* e *norma popular*, sendo esta definida como padrão de comportamento linguístico dos falantes com baixa ou nenhuma escolaridade e aquela como padrão de comportamento linguístico dos falantes com formação universitária (LUCCHESI, 1998).

Por fim, nosso objetivo é contribuir para o estudo das formas de tratamento no Português Brasileiro, e, em particular, nas variedades *culta* e

popular das cidades de Feira de Santana e de Salvador. Assim, o estudo das formas *tu* e *você* ganha especificidade através de seus desdobramentos:

- a) De modo a situar a pesquisa diante do conhecimento da área, o Capítulo 1 trata das abordagens dos pronomes e formas de tratamento em português e apresenta alguns estudos sobre a referência à segunda pessoa.
- b) Seguindo uma indicação proposta para o embasamento da análise do *corpus* – a necessidade de aprofundar as discussões sobre *tu* e *você* – examinam-se, no Capítulo 2, as discussões acerca da teoria da variação e da mudança e da polarização sociolinguística.
- c) Dedicado ao *corpus* trabalhado, o Capítulo 3 esclarecerá os passos seguidos no empreendimento desta pesquisa.
- d) Com o intuito de apresentar a revelação dos dados levantados, o Capítulo 4 examina os dados de 48 entrevistas do tipo DID das cidades de Feira de Santana e Salvador e 07 conversações espontâneas entre informantes de Feira de Santana, numa perspectiva sociolinguística, buscando-se evidenciar a relação entre as categorias *tu* e *você* e os fatores linguísticos e extralinguísticos.

Torna-se explícito que a investigação tem caráter teórico e prático que adota procedimentos linguístico-discursivos, colocados em pauta pela análise empírica. Busca-se, desta forma, agregar às pesquisas já realizadas mais informações acerca do uso de *tu* e *você* no português na norma culta e na norma popular das cidades de Feira de Santana e Salvador.

1 PRONOMES E FORMAS DE TRATAMENTO EM PORTUGUÊS

O sistema pronominal do português do Brasil passou por diversas modificações ao longo do tempo, refletindo a história da língua e da sociedade; uma das maiores mudanças refere-se à inserção do pronome *você* no quadro de pronomes pessoais. Todavia, o quadro de pronomes pessoais que ainda vigora nas gramáticas é estruturado apenas a partir das três pessoas do discurso (*eu/tu/ele*), com variação de número (*nós/vós/eles*) e, como afirma Lopes (2007, p. 106), está longe de ter uma coerência interna e de dar conta da realidade concreta do PB.

Neste capítulo, faremos um breve histórico das formas de tratamento do português brasileiro à luz de Cintra (1986), Menon (1995) e Lopes e Duarte (2003), trataremos acerca dos pronomes de segunda pessoa nas gramáticas tradicionais – Almeida (1999), Cunha e Cintra (2001), Bechara (2003), Cegalla (2008) – e nos estudos realizados por Moura Neves (2000), Domingos (2000), Silva (2003) e Preti (2004). Apresentaremos também alguns estudos já realizados sobre a referência à segunda pessoa em cada uma das regiões do país.

1.1 BREVE HISTÓRICO DAS FORMAS DE TRATAMENTO

Para compreendermos um pouco melhor a realidade pronominal de segunda pessoa do singular encontrada no PB atual, faremos um breve histórico das formas de tratamento. Partimos do entendimento de que a história dessas formas relaciona-se diretamente à história do próprio homem. “Em tempos remotos, quando as sociedades eram altamente hierarquizadas, estáticas, com suas classes sociais bem delimitadas e estabelecidas, era natural que as relações de *poder* fossem marcadas por formas de tratamento específicas a cada classe social” (MODESTO, 2006, p. 3).

Menon (1995, p. 93) afirma que as mudanças no sistema de representação da segunda pessoa começaram pela forma plural, por ser considerada a menos marcada. Até o século XIV, o pronome *vós* podia ser usado para referir-se a mais de um interlocutor (correspondendo à segunda

pessoa do plural), como também a apenas um interlocutor de posição hierárquica superior, ou como uma forma de tratamento respeitoso por motivos de idade. O pronome *tu* era usado entre iguais ou de superior para inferior, como uma forma bem *marcada*.

Para entender a noção de *marca*, Menon (1995, p. 93) indica que “uma pessoa não podia empregar *tu* ao se dirigir a outra, desconhecida”. Uma vez que o fizesse, implicaria em violação das regras de conduta da sociedade da época. Ao contrário do *tu*, o pronome *vós* podia ser utilizado irrestritamente, visto que denotava um tratamento respeitoso. Lopes e Duarte (2003) destacam que essa oposição que se estabelecia basicamente entre *tu/vós* (plano da intimidade) *versus* *vós* (plano de cortesia ou distanciamento) continua ainda hoje em francês.

Em decorrência das transformações ocorridas tanto na economia como na sociedade portuguesa, maior hierarquização da sociedade, nos fins do século XIV surgem formas consideradas mais respeitadas para se dirigir ao rei: *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência*, *Vossa Majestade*. Menon (1995, p. 94) informa que “tais construções, por equivalerem a uma locução substantiva, empregavam o verbo na 3ª pessoa: *Vossa + Nome*”.

De acordo com Cintra (1986), *Vossa Mercê* que aparece como tratamento próprio para o rei nos fins do século XIV, chegando a ser o tratamento mais usual para o monarca em 1460, deixa de sê-lo em 1490. Esta forma passa a ser utilizada para “duques e infantes, depois para simples fidalgos, e já no início do século XVI, na época de Gil Vicente, para patrões burgueses” (CINTRA, 1986, p. 21). *Vossa Alteza* se especializa como tratamento ao rei no século XV, sendo encontrado também ao longo de todo século XVI, “até ao reinado de Filipe II de Espanha, I de Portugal”. *Vossa Senhoria*, que também inicia-se como tratamento próprio para o rei, passa a ser utilizado para fidalgos da mais alta nobreza, fixando-se num nível superior ao de *Vossa Mercê*.

Cintra (1986) destaca a publicação das “leis das cortesias” em 1586, na Espanha e em 1597, em Portugal. Essas leis estabeleciam como deveriam ser empregadas as formas de tratamento, tal postura, de acordo com Lopes e Duarte (2003, p. 65), pode sugerir duas hipóteses: “1) havia uma grande

flutuação no emprego dessas formas de tratamento entre as pessoas da época e 2) a sociedade tinha uma grande preocupação em determinar os papéis sociais desempenhados pelos membros que a constituíam”. Seguindo essa mesma linha, Loregian-Penkal (2004, p. 40) destaca que

As “leis das cortesias” surgiram como reação à crescente expansão de uso das formas nominais, especialmente fora da nobreza, sendo uma tentativa de proibir a igualdade, ou seja, de espelhar linguisticamente a organização hierárquica da sociedade da época.

Sobre o uso de *Vossa Mercê*, sob o qual o rei não legisla, Cintra (1986, p. 23) afirma que seu campo de utilização era mais vasto, situando-se a um nível superior ao do pronome *vós* – que ainda continuava a ser cortês, muito diferente do *tu*, de extrema confiança ou usado de superior para inferior.

Sendo assim, *Vossa Mercê* desaparece do uso honorífico das cortes em 1490, passando a ser utilizado amplamente pela população, ainda com valor respeitoso. A essa expansão no uso são atribuídas as mudanças de ordem fonética. Vários autores se ocuparam das diversas formas da evolução *Vossa Mercê* > *you* nas variedades brasileira e portuguesa, tais como Nascentes, 1956; Amaral, 1920; Faraco, 1982; entre outros. Menon (1995) destaca que a forma *you* passa de um tratamento não íntimo para um tratamento íntimo; primeiramente utilizado nas relações de inferior para superior e, em seguida, nas relações entre iguais e de superior para inferior.

Temos, então, que, nas palavras de Menon (1995, p. 96)

[...] a forma *you(s)* origina-se de uma *locução nominal* (constituída de um pronome possessivo mais um substantivo) e, nessa categoria passa a requerer o verbo na *terceira pessoa*. No entanto, durante o processo de modificação fonética e de valor social, a forma se pronominalizou, isto é, passou por um processo de *gramaticalização*, mudando a categoria: de *nome* (visto que uma locução nominal, segundo a gramática tradicional, equivale a um *nome* – substantivo ou adjetivo –, exercendo as mesmas funções gramaticais) para *pronome*. Este novo pronome é de segunda pessoa; logo, a forma verbal que o acompanha também passa a ser uma forma de segunda pessoa.

Lopes e Duarte (2003) analisam peças brasileiras e portuguesas escritas nos séculos XVIII e XIX a fim de traçar um percurso da pronominalização de *Vossa Mercê* a *você*. Com relação às peças brasileiras, as autoras verificam que na primeira metade do século XVIII há uma distribuição regular entre as formas *Vossa Mercê* (33%), *tu* (29%), *vós* (25%) e que a partir da segunda metade o pronome *tu* tem seu uso elevado significativamente (63%). Na primeira metade do século XIX, o uso deste pronome chega a 90%, quando começa a sofrer um declínio. No fim do século XIX, seu uso volta aos índices do final do século XVIII. O pronome *você* mantém-se de maneira estável ao longo dessas duas fases (10%), mas inicia sua implementação a partir da segunda metade do século XVIII, polarizando-se basicamente com o pronome *tu*. Com relação às demais formas (*Senhor*, *Sua Senhoria*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*) as autoras afirmam que seu uso declina significativamente no fim do século XVIII em diante, chegando a índices próximos de zero no século XIX.

Por fim, Menon (1995) assinala que, diferentemente de Portugal, a forma *você* passou a ser utilizada como forma de tratamento íntimo em todo o país possivelmente em virtude do uso de formas variantes de *Vossa Mercê* desde o início da colonização. Entretanto, alguns estudos sobre a referência de segunda pessoa, como veremos a seguir (em 1.3), demonstram que o uso do pronome *tu*, em algumas regiões denota maior intimidade que o uso do pronome *você*.

1.2 PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

Apesar de o pronome *você* ser amplamente utilizado em todo território nacional, percebe-se que as gramáticas tradicionais, em sua maioria, registram apenas o pronome *tu* como pronome pessoal do caso reto de segunda pessoa do singular, considerando o *você* como pronome de tratamento. O quadro pronominal tradicional está presente nas GT, tal como em Almeida (1999, p.172):

Quadro 01: Pronomes pessoais nas Gramáticas Tradicionais

Pronomes Pessoais	
Pessoa gramatical	Retos
Singular	1^a eu
	2^a tu
	3^a ele, ela
Plural	1^a nós
	2^a vós
	3^a eles, elas

Fonte: Almeida (1999, p. 172) (adaptada)

Cegalla (2008, p. 180) e Cunha e Cintra (2001, p. 277) também adotam este mesmo quadro, assim como a maioria dos livros didáticos que circulam nas escolas, divergindo do uso efetivo pelos falantes.

Em Cegalla (2008) e Almeida (1999), os pronomes de tratamento estão incluídos entre os pronomes pessoais. Almeida (1999) afirma que o pronome pessoal pode ser: reto, oblíquo (reflexivo, não reflexivo) e de tratamento. Os pronomes de tratamento, por sua vez, são definidos por este autor como “palavras e expressões que substituem a terceira pessoa gramatical: *fulano, beltrano, sicrano, a gente, você, vossa mercê, vossa excelência, vossa senhoria, sua senhoria, sua majestade*” (ALMEIDA, 1999, p. 172).

Cunha e Cintra (2001, p. 289) definem pronomes de tratamento como “certas palavras que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: *você, o senhor, Vossa Excelência*”. Para Domingos (2000, p. 21) “trata-se de pronomes com os quais se estabelece uma relação direta entre falantes e ouvintes expressando distanciamento ou não entre eles”.

Para Bechara (2003, p. 165), formas de tratamento são formas pronominais de tratamento ou formas substantivas de tratamento indireto de 2^a pessoa que levam o verbo para a 3^a pessoa. A eles pertencem as formas de reverência que consistem em dirigir-se às pessoas pelos seus atributos ou qualidades. O autor destaca que o *você* é a forma reduzida da forma de reverência *Vossa Mercê* e que, com o desuso do pronome *vós*, emprega-se como plural de *tu* o pronome *você*.

Prete (2004, p. 184) assinala que em português o sistema de tratamento pode ser representado:

- 1) por formas pronominais, ou seja, pelos pronomes pessoais (*tu/vós*);
- 2) por formas pronominalizadas, isto é, com valor de pronomes pessoais (*você, o senhor, Vossa Excelência, Vossa Senhoria e suas variações*);
- 3) por formas nominais, constituídas por nomes próprios, prenomes, nomes de parentesco ou equivalentes, antecedidos de artigo, uso praticamente restrito ao português de Portugal ou, ainda, por uma grande variedade de nomes empregados como vocativos ou formas de chamamento.

Moura Neves (2000, p. 457) não trata da designação pronomes de tratamento, mas, referindo-se às funções desempenhadas pelos pronomes pessoais, afirma que

Uma das funções básicas dos **pronomes pessoais** é a de constituir expressões referenciais que representam, na estrutura formal dos enunciados, os interlocutores que se alternam na enunciação:

- a) **primeira pessoa**: aquela de quem parte o discurso, e que só aparece no enunciado quando o locutor faz referência a si mesmo (auto-referência);
- b) **segunda pessoa**: aquela a quem se dirige o discurso, e que só aparece no enunciado quando o locutor se dirige a ela;
- c) **terceira pessoa**: aquela sobre a qual é o discurso.

Isso implica que há dois eixos envolvidos:

- a) um eixo subjetivo, que abriga as pessoas implicadas na **interação verbal**, isto é, as pessoas que têm papel discursivo e que são o **locutor** (a **primeira pessoa**) e o **alocutário**, ou **receptor** (a **segunda pessoa**);
- b) um eixo não-subjetivo, que abriga as pessoas ou coisas não implicadas na **interação verbal**, que são as entidades a que se faz referência na fala (a **terceira pessoa**, também chamada de **não-pessoa**). (*grifos da autora*)

Bechara (2003) e Cunha e Cintra (2001, p. 276) afirmam de forma semelhante que uma das características dos pronomes pessoais é indicar as três pessoas gramaticais, a primeira pessoa indica *quem fala* (eu – singular, nós – plural), a segunda, *com quem se fala* (tu – singular, vós – plural) e a terceira, *de quem se fala* (ele, ela – singular, eles, elas – plural). Cunha e Cintra (2001) destacam ainda que a pessoa *com quem se fala* pode também ser

expressa pelos *pronomes de tratamento*, que se constroem com o verbo na 3ª pessoa.

Buscamos nas gramáticas tradicionais as definições para *formas de tratamento*, mas estas se limitaram a apresentar apenas o quadro tradicional de pronomes de tratamento, não refletindo o real sistema tratamental da variedade brasileira. Dessa forma, assumimos nesta proposta o conceito de formas de tratamento apontado por Silva (2003) o qual aborda as *formas de tratamento* como palavras ou sintagmas que o usuário da língua emprega para se dirigir e/ou se referir a outra pessoa.

1.3 TRABALHOS JÁ REALIZADOS SOBRE A REFERÊNCIA À SEGUNDA PESSOA

Fato consabido é que uso das formas de tratamento *tu/você* tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores em todo território nacional. O objetivo desta seção é, pois, apresentar, a partir de estudos de caráter sincrônico, tal como esta pesquisa, uma fotografia da variação pronominal *tu/você* de acordo com cada região.

1.3.1 Região Norte

Na Região Norte, consultamos dois estudos sobre as formas de tratamento, à luz da Teoria da Variação, o de Soares e Leal (1993) e o de Martins (2010).

Soares e Leal (1993) analisam as formas de tratamento utilizadas entre pais e filhos na cidade de Belém, no estado do Pará, tendo por base amostras de fala de 38 informantes, divididos por grupo socioeconômico e faixa etária. São observados alguns professores da Universidade Federal do Pará (UFPA) e alguns funcionários na interação com seus filhos e vice-versa.

Tabela 01: Formas de tratamento em Belém – PA.

GRUPO	De filho para pai						GRUPO	De pai para filho			
	Tu		Você		Senhor			Tu		Você	
	N	%	N	%	N	%		N	%	N	%
Filho de prof.	44	67,7	13	20	8	12,3	Pai professor	96	74,4	33	25,6
Filho de func.	40	37,7	8	7,5	58	54,7	Pai funcionário	196	79	52	21
Filho adolesc.	39	39,8	20	20,4	39	39,8	Pai de adolesc.	168	86,2	27	13,8
Filho criança	45	61,7	01	1,4	27	37	Pai de criança	124	68,1	58	31,9
Total	84	49,1	21	12,3	66	38,6	Total	282	76,8	85	23,2

Fonte: Soares e Leal (1993, p. 51) (com adaptações)

Os resultados revelam que a forma de tratamento mais utilizada pelos filhos ao se dirigirem aos pais é a forma *tu*, seguida pela forma *você*. Interessante notar que os filhos de professores preferem o *tu*, ao passo que os filhos de funcionários preferem o *você*.

Os pais, tanto professores quanto funcionários, preferem o uso do pronome *tu* no trato com os filhos, independentemente de serem crianças ou adolescentes. Diante disso, temos que a variante *tu* em Belém ocorre independentemente do grupo socioeconômico, da faixa etária e do tipo de relação (simétrica ou assimétrica) entre os interlocutores.

Em Tefé, no Amazonas, Martins (2010) analisa a alternância *tu/você/senhor* tomando por base a Teoria da Variação e Mudança Linguística proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). O *corpus* é composto por 19 entrevistas (04 entrevistas sem o conhecimento prévio dos informantes e 15 entrevistas nos moldes labovianos), são sistematizadas e estudadas amostras de fala de 30 informantes (15 homens e 15 mulheres), divididos em três faixas etárias (de 7 a 10 anos, de 20 a 35 anos e de mais de 50 anos) e em dois níveis de escolaridade (fundamental e superior).

Os resultados evidenciam a prevalência do pronome *tu* em Tefé, restando confirmada a hipótese de Martins (2010), como podemos conferir na Tabela 02.

Tabela 02: Referências à segunda pessoa em Tefé, Martins (2010)

	TU	VOCÊ	SENHOR	TOTAL
N	520	286	60	865
%	60,1	33	6,9	100

Fonte: Martins (2010, p. 53) (adaptada)

Vale destacar que em apenas 3,7% dos dados o pronome *tu* é utilizado com a concordância canônica de segunda pessoa. Nesta comunidade a variante *tu* é fortemente favorecida em função do grau de intimidade com o interlocutor, à medida que o grau de intimidade aumenta os falantes se sentem mais à vontade para utilizar a variante *tu*, como pode ser comprovado na Tabela 03.

Tabela 03: Uso de *tu* em função do grau de intimidade dos interlocutores em Martins (2010)

Grau de intimidade	N	%	Peso relativo
Íntimo	348/430	80,9	0,59
Não íntimo	172/376	45,7	0,39
Total	520/806	64,5	

Fonte: Martins (2010, p. 57) (adaptada)

Outro fator que se apresenta estatisticamente relevante na escolha do pronome *tu*, em Tefé, é o tipo de gravação. Quando se trata de gravação consentida, o uso da forma *tu* corresponde a 56,8% dos dados, ao passo que, em gravações ocultas, o percentual aumenta, correspondendo a 90,7%. Notemos que, apesar de o número de entrevistas ocultas ser bem menor que o de entrevistas consentidas, o percentual de ocorrências se mostra muito mais elevado.

Martins (2010) verifica também que a faixa etária mais jovem (7-10 anos) apresenta efeito fortemente favorecedor sobre o uso da forma *tu*, com peso relativo de 0,95. Destaca-se, nesse trabalho, o fato de o autor encontrar apenas uma ocorrência do pronome *você* na fala dos mais jovens. Podemos afirmar, dessa forma, que essa faixa etária exerce efeito fortemente desfavorecedor sobre o uso do pronome *você*. De maneira oposta, a faixa 3

(mais de 50 anos) desfavorece fortemente o uso do *tu* (peso relativo de 0,36) em detrimento da forma *ocê*. Ainda em relação a isso, o autor destaca que a terceira faixa etária comportou-se de forma distinta de acordo com o tipo de gravação. Nas gravações conscientes utilizou mais o *ocê* que o *tu*, enquanto nas gravações ocultas seguiu a tendência das demais faixas, optando em maior frequência pelo uso de *tu*.

Em relação ao fator sexo do informante, os resultados mostram a preferência das mulheres pelo pronome *tu*, seguindo a tendência apresentada por Loregian-Penkal (2004) em cidades de Santa Catarina e Rio Grande do Sul¹. O cruzamento entre os fatores sexo e grau de intimidade mostra que o fator sexo possui grande relevância na escolha das variáveis num contexto que envolve maior intimidade.

Tabela 04: Uso do *tu* cruzando-se os grupos de fatores sexo e grau de intimidade do falante com o interlocutor em Martins (2010)

	Íntimo			Não íntimo			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Mulheres	161	80,9	0,60	101	58,7	0,55	262	50,4
Homens	187	81	0,57	71	34,8	0,28	258	49,6
Total	348	66,9		172	33,1		520	100

Fonte: Martins (2010, p. 71) (adaptada)

Vale destacar que a fala das mulheres, conforme a Tabela 04, independentemente do grau de intimidade, favorece o uso da forma *tu*. Já na fala dos homens, os relacionamentos não íntimos desfavorecem esta variante, apresentando peso relativo 0,28.

Diferentemente do previsto, o autor identificou uma mudança no sentido **tu** → **+tu**, ou seja, o *tu* está se intensificando na faixa etária mais jovem. Martins (2010), morador da cidade de Tefé desde 2001, observa² que “o pronome *tu* é a forma mais ouvida no dia a dia, mas, quando se trata de um

¹ Loregian-Penkal (2004) aponta a tendência de as mulheres usarem mais o *tu* que os homens, nas comunidades estudadas na Região Sul.

² Martins (2010) afirma ter observado a fala das pessoas em todas as esferas da sociedade Tafeense.

estranho, nos primeiros contatos há a preferência pelo pronome *você* como se fora um *pronome de contato* para estas ocasiões” (p. 71).

No que tange às variáveis linguísticas, mostraram-se como estatisticamente relevantes os grupos de fatores paralelismo e tipo de referência. De referência ao primeiro deles, os resultados revelam que as realizações das três formas pronominais foram fortemente favorecidas pela presença de uma forma pronominal igual precedente, apresentando os seguintes pesos relativos: *tu* (0,74), *você* (0,69) e *senhor* (0,90).

Já em relação ao tipo de referência, se específica ou genérica, os dados revelam que o *tu* é mais usado quando a referência é específica (74,7%).

Tabela 05: Uso do *tu* pelo tipo de referência em Martins (2010)

Tipo de referência	N	%	Peso relativo
Específica	334/447	74,7	0,55
Genérica	186/359	51,8	0,43
Total	520/806	64,5	

Fonte: Martins (2010, p. 79) (adaptada)

Martins (2010) pontua que há uma tendência de o pronome *você* ser mais utilizado quando os interlocutores não são íntimos e a comprova nos dados de sua pesquisa ao cruzar os fatores tipo de referência e grau de intimidade. Houve 60% de ocorrências de *você* quando a referência foi genérica e o grau de intimidade não íntimo.

A forma *senhor*, apesar de mais formal, também é usada nas relações íntimas entre pais e filhos, mas marcando sempre assimetria. Seu uso alterna com o *tu* no tratamento dado aos pais. Neste ponto os resultados de Martins (2010) se assemelham aos encontrados por Soares e Leal (1993) em Belém.

Temos, então, que, nesses estudos da Região Norte, a forma de tratamento menos marcada é a variante *tu*, sendo utilizada em maior frequência em relações que denotam maior intimidade. Seu uso se dá de forma equilibrada entre homens e mulheres, sendo que as mulheres superam os homens quando envolvidas em situações comunicativas que envolvem um grau elevado de intimidade. Os falantes a utilizam independentemente do tipo de

relação, se simétrica ou assimétrica, sendo seu uso fortemente favorecido também quando se trata de referência específica.

1.3.2 Região Nordeste

Na Região Nordeste, destacam-se os estudos de Amor Divino (2008) e Alves (2010, 2012), permitindo-nos traçar um panorama da variação entre as formas de tratamento *tu/você*.

Amor Divino (2008) estuda a variação entre as formas *tu/você* e *senhor(a)* em Santo Antônio de Jesus, cidade do recôncavo baiano. O *corpus* analisado constitui-se de 18 amostras de fala resultantes de respostas a um questionário definido pela autora e 10 amostras de fala espontânea, gravadas secretamente. O objetivo geral de seu estudo é verificar quais os fatores linguísticos e sociais estão em jogo no processo de escolha das formas de tratamento.

Alves (2012), por sua vez, analisa a variação *tu/você* numa perspectiva geossociolinguística a partir do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA, a fim de verificar a relevância das variáveis sociais e linguísticas no comportamento linguístico dos falantes. O *corpus* investigado resulta da aplicação de 28 entrevistas, realizadas com informantes de ambos os sexos, agrupados em duas faixas etárias, nos municípios de São Luís e Pinheiro (Mesorregião Norte), Bacabal e Tuntum (Mesorregião Centro) e Alto Parnaíba e Balsas (mesorregião Sul). À exceção de São Luís, onde são considerados 08 informantes, dos quais 04 possuem curso superior completo, nas demais localidades são considerados apenas 04 informantes escolarizados que cursaram, no máximo, até a sexta série do Ensino Fundamental.

Podemos conferir a distribuição dos dados em Amor Divino (2008) e em Alves (2012) na Tabela 06.

Tabela 06: Ocorrências de *tu/você* em Santo Antônio de Jesus – BA e no ALiMA³

	Tu	Você
Alves (2012)	126 = 38,4%	202 = 61,6%
Amor Divino (2008) ⁴	186 = 16%	689 = 58%

Fonte: Amor Divino (2008, p. 90)

Os resultados mostram a preferência dos santantonienses pela forma de tratamento *você*, apesar de a forma *tu*, segundo a autora, ser reconhecida como marca linguística da cidade de Santo Antônio de Jesus – Ba. Podemos perceber que os estudos se aproximam quanto ao uso do pronome *você*, em Alves (2012) também fica clara a preferência pelo uso deste pronome. Os estudos se distanciam, entretanto, quanto ao uso do pronome *tu*, que apresenta maior frequência de uso em Alves (2012).

Podemos perceber uma semelhança entre os estudos dessa região ao levarmos em conta o fator social faixa etária. Contrariando a hipótese assumida por Alves (2012), os resultados evidenciam que é a faixa etária mais jovem que favorece o uso do pronome *tu*, sendo considerada em seu estudo como o mais relevante entre os grupos considerados. De forma semelhante ocorre em Amor Divino (2008), como demonstra a Tabela 08, mesmo com baixa frequência, são os mais jovens que lideram seu uso.

Tabela 07: Ocorrências de *tu* de acordo com a faixa etária em Alves (2012)

Faixa Etária	Tu	Peso relativo
18-30 anos	52%	0,63
50-65 anos	30,2%	0,41

Fonte: Alves (2012, p. 22) (com adaptações)

Embora os estudos tenham distribuído os dados, segundo faixas etárias distintas, podemos dizer que, de forma geral, são de fato os mais jovens que favorecem o uso do pronome *tu*, como demonstrado na Tabela 08. Com relação à cidade baiana Santo Antônio de Jesus, destaca-se a preferência dos falantes da faixa II pela variante de maior prestígio, *você*.

³ Tabela construída a partir dos dados de Alves (2012, p. 21)

⁴ A autora analisa as formas *tu, você, senhor(a) e vossa excelência*, elencamos aqui apenas os resultados referentes a *tu/você* a fim de estabelecermos uma comparação entre os estudos.

Tabela 08: Ocorrências de *tu/você* segundo a faixa etária em Amor Divino (2008)

Faixa Etária	Tu	Você
I (15 -35 anos)	18%	56%
II (36-55 anos)	11%	64%
III (acima de 55 anos)	17%	55%

Fonte: Amor Divino (2008, p. 97) (com adaptações)

Alves (2012) cruza as variáveis faixa etária e localidade a fim de verificar se essa tendência se aplica em todas as localidades estudadas. Os dados revelam que apenas em São Luís e Tuntum os mais jovens favorecem o uso de *tu*, com 65% e 57% das ocorrências, respectivamente. Já em Pinheiro, Bacabal e Balsas, em termos percentuais, apresentam praticamente o mesmo comportamento linguístico. Os dados, porém, não permitiram chegar a um resultado conclusivo em relação a Alto de Parnaíba, visto que não houve ocorrências da variante *tu* entre os informantes da segunda faixa etária.

Ao analisar o uso da variante *tu* de acordo com a localidade no ALiMA, Alves (2012) encontra os seguintes resultados:

Tabela 09: ocorrências de *tu* de acordo com a localidade em Alves (2012)

Localidade	N	%	Peso relativo
Balsas	17/30	56,7	0,72
Bacabal	13/23	56,5	0,67
Pinheiro	31/84	36,9	0,54
São Luís	45/116	38,8	0,48
Tuntum	15/42	35,7	0,48
Alto Parnaíba	5/33	15,2	0,18
TOTAL	126/328		

Fonte: Alves (2012, p. 24) (adaptada)

A autora tinha como hipótese que a zona urbana, neste caso São Luís, capital do Estado, apresentaria um número maior de ocorrências para o *você* e que a zona rural, os municípios mais distantes da capital, conservaria o *tu* como marca de identidade regional, principalmente na fala dos mais idosos.

Essas hipóteses foram apenas em parte confirmadas. Alves (2012, p. 24) observa que, “quanto mais distante for o município da capital, maior a incidência de *tu*”, sendo o caso de Pinheiro, Bacabal e Balsas. Em contrapartida, Tumtum e Alto Parnaíba se distanciam desses resultados, esta com resultados semelhantes ao da capital, aquela com resultado muito distinto, descartando em parte a hipótese inicial.

Outro fator em que as pesquisas se aproximam refere-se ao sexo do falante. Nas duas pesquisas, esse fator demonstrou exercer um efeito neutro sobre o uso dos pronomes *tu/você*, homens e mulheres têm uso semelhante com relação às duas formas, como demonstrado na Tabela 10. Mesmo com pouca diferença quanto às frequências de uso, podemos perceber que as mulheres lideram o uso do pronome *tu* e os homens lideram o uso do pronome *você* nas duas pesquisas.

Tabela 10: Efeito da variável sexo sobre *tu/você* em Alves (2010) e Amor Divino (2008)

Sexo	Tu		Você	
	Alves (2010)	Amor Divino (2008)	Alves (2010)	Amor Divino (2008)
Masculino	37%	15%	63%	61%
Feminino	40,8%	17%	59,2%	56%

Fonte: Alves (2010, p. 93), Amor Divino (2008, p. 94) (com adaptações)

Quanto à escolaridade, Alves (2010) analisa apenas os dados de São Luís, por se tratar da capital do estado e apresentar grande diversidade de estratos sociais. Seu objetivo é verificar se o *tu* resiste às pressões da variante *você* entre falantes com maior escolarização. Os resultados revelam que os falantes com Ensino Fundamental utilizaram o pronome *tu* em 51,4% dos dados e o *você* em 48,6%. Já nos dados de falantes com nível superior a frequência de uso do pronome *tu* foi de 32,9% e do pronome *você* 61,2%.

Amor Divino (2008) analisa esse fator com o intuito de observar o papel desempenhado pela escola na seleção do uso dos pronomes. Para tanto, considera os dados de falantes semi-escolarizados, falantes com Ensino Fundamental e com nível superior. Os dados revelam que o pronome *tu* ocorre

com maior frequência na fala de informantes com Ensino Fundamental, 22% dos dados, ao passo que o pronome *você* é mais utilizado pelos falantes com nível superior, 64% dos dados. No que tange a esse aspecto, as pesquisas se aproximam, falantes com nível superior preferem a variante de prestígio, *você*, enquanto que a frequência de uso do pronome *tu* é maior em dados de falantes apenas com Ensino Fundamental.

Em Alves (2012), o tipo de relato também se mostrou estatisticamente relevante na escolha da variante *tu*. Segundo a autora, os resultados confirmaram a hipótese inicial, de que o *tu* é favorecido pelo discurso relatado, uma vez que, ao relatar um acontecimento, o falante se afasta do fato narrado e, portanto, do seu envolvimento direto com o discurso.

Tabela 11: Ocorrências de *tu* de acordo com o tipo de relato em Alves (2012)

Tipo de relato	N	%	Peso relativo
Terceiro	33/54	61,1	0,76
Próprio	93/275	33,9	0,44
TOTAL	126/328		

Fonte: Alves (2012, p. 25) (adaptada)

Menon e Loregian-Penkal (2002, p. 183) afirmam que “no discurso relatado de terceiros, ele [o falante] ‘culpabiliza’ o outro na ocorrência do pronome; como ele reproduz a fala do outro, pode estar aí a consciência linguística da mudança, mas sempre na boca do outro, não na sua”. Os dados de Alves (2012) seguem essa tendência, quando reproduz a fala de terceiro, o falante opta pelo *tu*, com 61,1% dos dados, ao passo que na reprodução da fala própria opta pelo *tu* seguido de concordância, 33,9%.

Alves (2012) acreditava que a capital São Luís favorecesse o uso de *tu* com concordância e que os demais municípios favorecessem a não concordância. Os dados, sobretudo, revelaram que, das 126 ocorrências de *tu*, apenas 14 foram seguidas de concordância. Destas, 13 correspondem a dados de falantes de São Luís e apenas 01 ocorrência nos dados de Pinheiro. As demais cidades apresentaram apenas o *tu* sem concordância. Esse fator não foi selecionado como estatisticamente relevante, mas permite afirmar que o uso de *tu* ocorre majoritariamente sem concordância no Maranhão.

Em sua pesquisa, Amor Divino (2008) realiza gravações secretas, nas quais constata a influência exercida pelo fator monitoramento quanto ao uso do pronome *tu*. Os dados provenientes dessas gravações corresponderam a um total de 312 ocorrências, sendo 242 da forma *tu* e 70 da forma *você*, o oposto dos resultados das gravações consentidas. Amor Divino (2008) conclui que, de forma geral, os falantes santantonienses preferem o *você*, contudo, em situações de fala espontâneas que envolvam menor monitoramento a prevalência seja da forma *tu*.

Em síntese, nos trabalhos consultados da Região Nordeste, a prevalência é do pronome *você*, sendo que, em falas espontâneas, o pronome *tu* apresenta maior frequência de uso. Homens e mulheres apresentam comportamento semelhante quanto ao uso desses pronomes, com leve aumento na frequência do pronome *tu* na fala das mulheres e aumento também na frequência de *você* na fala dos homens. São os mais jovens que utilizam o *tu* com maior frequência, sendo esta variante liderada também pelos falantes com Ensino Fundamental.

1.3.3 Região Centro-Oeste

Na Região Centro-Oeste, destacamos os estudos de Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010), por fornecerem uma fotografia da variação existente entre as formas de tratamento nessa região. As três autoras analisam a variação *tu/você* na fala brasiliense, sendo cada estudo direcionado a determinada região administrativa.

Lucca (2005) optou por estudar um *corpus* em que acreditava ser mais favorável às ocorrências das formas de tratamento, a saber, conversas cotidianas entre rapazes que estabelecessem relações solidárias entre si. O *corpus* estudado consiste de amostras de fala de adolescentes de 15 a 19 anos, ainda cursando o ensino médio, pertencentes às três regiões administrativas mais populosas do Distrito Federal – Ceilândia, Taguatinga e Brasília. Por se tratarem de gravações ocultas, foram incluídas também conversas entre falantes de gêneros opostos, possibilitando, assim, verificar o comportamento da variável gênero diante da variação *tu/você*. A autora toma a

noção de solidariedade como “derivada de uma identificação entre os interlocutores que gera um sentimento de cooperação mútua, em um sentido lato” (LUCCA, 2005, p. 74). A autora pontua que na sociedade brasileira o pronome *você* é a variante de prestígio, quando se trata de fala informal entre iguais, sendo preterido pelos jovens do gênero masculino, em detrimento de *tu*, que, no seu entender, marca solidariedade.

Dias (2007) também analisa a variação *tu/você* a partir de conversas espontâneas, diferindo de Lucca (2005) no que se refere ao consentimento dos participantes, todos eles consentiram-nas previamente. Objetivando verificar se no Plano Piloto de Brasília o uso do pronome *tu* configura um processo de mudança em curso ou de gradação etária, são analisadas amostras de fala de três faixas etárias – de 13 a 19 anos, de 20 a 29 anos e de mais de 30 anos. A autora acredita que o uso do pronome *tu* em Brasília, sem a concordância canônica de segunda pessoa, sofra o estigma de “linguagem incorreta”, por não seguir a norma prescritiva ensinada na escola.

Andrade (2010), por seu turno, analisa amostras de fala de crianças e adolescentes entre 7 e 15 anos, objetivando verificar se as crianças, já nos primeiros anos, usam a forma inovadora *tu* e em que idade esta variante entra no repertório linguístico delas. São sistematizados os dados de 24 meninas e 18 meninos da região administrativa de Vila Planalto.

Vejamos os totais de referência à segunda pessoa nas três pesquisas.

Tabela 12: Totais de referência à segunda pessoa em Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010)

	<i>TU</i>	<i>VOCÊ</i>	<i>CÊ</i>
Lucca (2005)⁵	72%	28%	-
Dias (2007)⁶	12,8%	87,2%	-
Andrade (2010)	48%	26%	26%

Fonte: Lucca (2005, p. 76), Dias (2007, p. 64) e Andrade (2010, p. 79)
(com adaptações)

Diante dos resultados, há que se destacarem os da pesquisa de Dias (2007) que, segundo a autora, podem ter sido distorcidos em direção às variantes *cê* e *você*, pelo fato de os participantes terem ciência de que as

⁵ Analisa apenas a alternância *tu/você*.

⁶ A autora opta por juntar os dados da variante *cê* aos da variante *você*.

conversas estavam sendo gravadas. Os resultados mostram também que, em relação à variante inovadora *tu*, aproximam-se os estudos de Lucca (2005) e Andrade (2010).

Esses estudos ora se aproximam, ora se distanciam, tendo em vista os fatores analisados em cada um. O primeiro fator em que pudemos verificar a aproximação entre eles foi o tipo de relacionamento com o interlocutor.

A prevalência da variante inovadora *tu* nas relações com os pares foi verificada desde as relações entre crianças e adolescentes. Andrade (2010) comprova a hipótese de que a variante *tu* entra já em tenra idade na variedade brasiliense, sendo usada de forma significativa em falas casuais, como pode ser verificado na Tabela 13.

Tabela 13: Variação *você/cê/tu* na Vila Planalto segundo o tipo de relação e a faixa etária

FAIXA ETÁRIA	7 – 11 anos	12 – 15 anos
TIPO DE RELAÇÃO		
SIMÉTRICA:		
Você	5/33 = 15%	87/383 = 23%
Cê	9/33 = 27%	75/383 = 20%
Tu	19/33 = 58%	221/383 = 58%
ASSIMÉTRICA:		
Você	57/158 = 36%	Não há dados
Cê	68/158 = 43%	Não há dados
Tu	33/158 = 21%	Não há dados

Fonte: Andrade (2010, p. 82) (adaptada)

Crianças e adolescentes utilizam a variante *tu* majoritariamente em relações simétricas, ao passo que seu uso é desfavorecido pela faixa etária que vai de 7 a 11 anos, em relações assimétricas.

Segundo Lucca (2005), nas regiões administrativas de Ceilândia, Taguatinga e Brasília o *tu* também é utilizado num estilo amplamente informal, típico de relação entre pares solidários e seu uso diminui conforme a

necessidade de se prestar mais atenção à fala, situação em que o falante adequa sua fala à do interlocutor. Vejamos a Tabela 14:

Tabela 14: Efeito do tipo de relação entre os interlocutores sobre o uso do *tu* em Lucca (2005)

Relação entre os interlocutores	Frequência		Peso relativo
	N	%	
Pares em relação solidária	292/369	79	0,57
Não pares/poder inferior	2/4	50	0,34
Pares em relação não solidária	31/70	44	0,22
Não pares/poder superior	2/10	20	0,21
TOTAL	327/453	72	input: 0,77

Fonte: Lucca (2005, p. 87) (adaptada)

Em Dias (2007), a frequência de uso da variante *tu* aumenta à medida que o grau de intimidade também aumenta.

Tabela 15: Relacionamento com o interlocutor e frequência do pronome *tu* em Dias (2007)

Relacionamento	Frequência de <i>tu</i>	Peso relativo
Amigo íntimo/familiar	17,1%	0,60
Todos⁷	20%	0,60
Amigo/colega	9,5%	0,42
Conhecido	2,5%	0,30

Fonte: Dias (2007, p. 82) (adaptada)

Os estudos de Dias (2007) e Andrade (2010) também se aproximam com relação ao fator sexo do interlocutor, os homens lideram o uso da variante *tu*, como podemos ver na Tabela 16.

⁷ Nesta categoria está sempre incluído um amigo íntimo.

Tabela 16: Sexo do falante e frequência de *tu* em Dias (2007) e Andrade (2010)

Gênero/sexo	Dias (2007)	Andrade (2010)
Masculino	65/436 = 14,9%	145/330 = 44%
Feminino	50/464 = 10,8%	128/244 = 52%

Fonte: Dias (2007, p. 75) e Andrade (2010, p. 97) (adaptada)

Os dados de Dias (2007) revelam que, apesar do sexo masculino favorecer a ocorrência da variante *tu*, o sexo feminino vem assinalando um crescimento em favor dessa variante. Lucca (2005) analisa esse fator juntamente com a variável tipo de fala, se real ou reproduzida. Os dados confirmaram a hipótese assumida de que a ocorrência do pronome *tu* seria maior nas falas reais, enquanto que nas falas retomadas tenderiam a apresentar maior ocorrência do pronome *você*, podendo ser visualizados na Tabela 17.

Tabela 17: Efeito do sexo do falante sobre o uso de *tu* em falas reais e retomadas em Lucca (2005)

Sexo e tipo de fala	Frequência		Peso relativo
	N	%	
Falas reais masculinas	300/380	78	0,55
Falas masculinas retomadas por rapazes	20/38	55	0,40
Falas femininas retomadas por rapazes	3/18	16	0,18
Falas reais femininas	4/17	23	0,09
TOTAL	327/453	72	input: 0,77

Fonte: Lucca (2005, p. 83) (adaptada)

As falas reais masculinas lideram o uso da variante *tu*, correspondendo a 78% desse tipo de fala. Já nas falas reais femininas o uso dessa variante é bem baixo, representando apenas 23%. Interessante notar também que, mesmo quando retomadas por rapazes, as falas femininas apresentam baixa frequência de uso do *tu*, diferentemente das falas masculinas também retomadas por rapazes.

Levando-se em conta depoimentos de falantes brasileiros que, em relação ao uso do *tu* sem a concordância, chegaram a afirmar “isso é feio”, “falar assim é errado”, Dias (2007) assume que em Brasília as opções menos marcadas para referência a segunda pessoa são as variantes *cê* e *você*. A não utilização da concordância canônica deixa o falante sujeito a estigmatização.

Com relação ao fator tipo de referência, se genérica ou específica, fica evidente o distanciamento entre os estudos. Lucca (2005) encontra percentuais idênticos em relação à variante *tu*, 72% de ocorrências, demonstrando assim o efeito neutro dessa variável. Diferentemente de Lucca (2005), os resultados de Dias (2007) mostram que as referências tanto específicas como genéricas favorecem a variante *você*, correspondendo a 85,2% e 93,6% das ocorrências, respectivamente. A variante *tu*, por sua vez, ocorre em maior frequência quando se trata de referência específica – 14,8%, sendo desfavorecida pela referência genérica – 3,7%.

Apenas em Andrade (2010), esse fator foi selecionado como estatisticamente relevante no uso da variante *tu*. As referências genéricas favorecem o uso de *você*, já as específicas favorecem a variante *tu*, conforme Tabela 18.

Tabela 18: Variação *você/cê/tu* em relação ao tipo de referência em Andrade (2010)

Tipo de referência	Você	Cê	Tu
Específica	266/754 = 35,3%	205/754 = 27,2%	283/754 = 37,5%
Genérica	52/81 = 64,2%	24/81 = 29,6%	5/81 = 6,2%
Totais	318/835 = 38,1%	229/835 = 27,4%	288/835 = 34,5%

Fonte: Andrade (2010, p. 105) (adaptada)

Andrade (2010) pontua que, de maneira geral, há forte indício de que o *tu* na fala brasileira seja proveniente do nordeste, uma vez que o fator origem dos pais foi selecionado como estatisticamente relevante pelo programa de regras variáveis. A autora verificou que, quando ambos os pais são nordestinos, o peso relativo é de 0,57 e, quando pelo menos um dos pais é nordestino, 0,60.

Temos, então, que, de forma geral, nesses estudos da Região Centro-Oeste, o pronome *tu* entra no repertório linguístico dos falantes já na faixa

etária mais jovem (crianças), é favorecido em estilo amplamente informal, denotando maior intimidade, típico de relação entre pares solidários, sendo utilizado majoritariamente pelos homens. O pronome *você* prevalece nas referências genéricas.

1.3.4 Região Sudeste

Na Região Sudeste, destacamos os estudos de Paredes Silva (2003), Modesto (2006) e Mota (2008).

Paredes Silva (2003) estuda a variação *tu/você* na fala carioca contemporânea. Em um primeiro momento, analisa amostras de fala pertencentes ao Projeto *Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – PEUL/UFRJ* , que conta em seu acervo inicial com um conjunto de 64 entrevistas gravadas no início da década de 80 que, por sua vez, constituíram o *Projeto Censo da Variação Linguística no Rio de Janeiro* . Interessante pontuar que, das 48 entrevistas utilizadas inicialmente⁸, houve apenas 10 ocorrências do pronome *tu* , estando estas resumidas a apenas 5 informantes – 10% da amostra analisada. A autora arrola duas interpretações para o baixíssimo número de ocorrências do pronome *tu* :

Por um lado, tínhamos ali um material representativo dos inícios dos anos oitenta, quando talvez seu emprego não estivesse tão difundido. Por outro lado, poderia estar interferindo também o gênero do discurso – como se sabe, na entrevista sociolinguística não se visa à interação, mas à expressão mais natural possível do falante, com interferências mínimas do entrevistador, para controlar o chamado paradoxo do observador (cf. Labov, 1972). (PAREDES SILVA, 2003, p. 162)

Diante disso, a autora dirige a pesquisa para as gravações do Banco de Dados Interacionais – BDI, também pertencente ao acervo PEUL, com vistas a captar o comportamento linguístico dos participantes em situações reais de interação. Acontece que, embora no estudo estivessem incluídas apenas pessoas que já eram amigas ou conhecidas, foram encontradas apenas 5

⁸ No levantamento preliminar, a autora não incluiu os informantes da primeira faixa etária (07-14 anos).

ocorrências da variante *tu*, em um total de seis entrevistas. A autora explica que parte desse material foi colhido com o conhecimento e autorização prévia dos participantes, o que pode tê-los inibido no uso de formas não padrão, como o pronome em questão.

Sendo assim, Paredes Silva (2003) constitui um novo *corpus*⁹ e usa como estratégia um minigravador oculto a fim de gravar momentos de interação bastante espontâneos. O *corpus* restou constituído por oito gravações, mostrando-se bastante relevante para a comprovação do uso da forma *tu* em contextos mais informais. Os resultados encontrados nos três *corpora* são apresentados na Tabela 19.

Tabela 19: Distribuição dos pronomes de 2ª pessoa nos *corpora* investigados

	Censo – PEUL	BDI – PEUL	Paredes 96
Você	644 = 94%	168 = 97%	133 = 35%
Tu	42 = 6%	5 = 3%	235 = 65%
Total	686	173	368

Fonte: Paredes Silva (2003, p. 164) (adaptada)

Vemos, então, a clara disparidade no uso da variante não padrão *tu* nos três *corpora* pesquisados e a prevalência dessa forma no *corpus* constituído de gravações ocultas. O gênero do discurso, de acordo com a autora e evidenciado nos resultados, mostra-se um fator determinante no uso das variantes nessa comunidade; quando se trata de entrevista ou gravações conscientes, prevalece o *você* em detrimento de *tu*.

Tabela 20: Influência do fator sexo do informante no uso do pronome *tu*

	Censo – PEUL	Paredes 96
Homens	37/399 = 11%	132/192 = 69%
Mulheres	5/347 = 1%	103/176 = 59%
Total	42/686	235/368

Fonte: Paredes Silva (2003, p. 165) (adaptada)

⁹ Denominado pela autora Paredes 96.

A Tabela 20 permite-nos observar a comparação entre os dados coletados na década de 1980 e os coletados em 1996 quanto ao fator sexo, em que os homens lideram o uso da variante *tu*. A linguista destaca que nos dados de 1996 o uso da forma *tu* se dá apenas com verbo em terceira pessoa. Destaca também que o pronome *tu* predomina na fala dos jovens, sendo compatível com um processo de mudança em direção a uma forma não padrão.

Modesto (2008) analisa as formas de tratamento *tu* e *você* em Santos, a partir de um *corpus* constituído por 20 inquéritos (10 gravações ocultas e 10 gravações consentidas previamente), buscando explicitar até que ponto as diferentes situações interacionais levam o falante a escolher uma ou outra forma pronominal. O autor adota a perspectiva funcionalista de análise, valendo-se do suporte metodológico da Sociolinguística Laboviana.

Mota (2008) analisa a variação pronominal entre *tu* e *você* no português oral do Norte de Minas, na cidade de São João da Ponte, a partir de 24 entrevistas sociolinguísticas, com o objetivo de investigar os fatores que condicionam a variação *tu/você* nessa comunidade. Além das entrevistas, foram feitos testes de produção a fim de que fossem criadas situações naturais de fala e que possibilitassem enriquecer o *corpus*.

Tabela 21: Totais de ocorrências de *tu* e *você* em Modesto (2006) e Mota (2008)

Pronomes	Modesto (2006) ¹⁰	Mota (2008)
Tu	232 = 32%	49 = 10%
Você	496 = 67%	460 = 89%

Fonte: Modesto (2006, p. 83) e Mota (2008, p. 60) (adaptada)

Diferentemente de Paredes Silva (2003), em Santos e em São João da Ponte, o pronome mais utilizado foi o *você*. Apesar de a forma *tu* apresentar baixo índice de ocorrências em Mota (2008), segundo a autora, esta se mostra uma informação bastante relevante, visto que aponta para a existência desse pronome, cuja presença era considerada inexistente no dialeto mineiro. Como

¹⁰ Este autor destaca que o programa GoldVarb 2001 gerou, por vezes, alguns percentuais do uso de *tu* cuja soma com os percentuais complementares para o uso de *você* não resultou em 100%, mas em 99%. Sendo assim, optou por manter os valores produzidos por confiar ao programa a obtenção de tais resultados.

em Paredes Silva (2003), em Santos, não houve ocorrências do pronome *tu* com a forma verbal canônica.

Em Santos, o *tu* é fortemente favorecido pelo fator expressividade. Em contextos de maior expressividade, o *tu* apresenta peso relativo 0,69, ao passo que o *você* é favorecido em contextos de menor expressividade, peso relativo de 0,79. Também de maneira oposta a Paredes Silva (2003), o fator gênero não se mostrou estatisticamente relevante, homens e mulheres preferem a forma *você* não havendo, em termos percentuais, grande diferença de uso de uma ou outra forma. Falantes com maior escolaridade tendem a usar menos a forma *tu*, enquanto os de menor escolaridade a utilizam com maior frequência.

Tabela 22: Frequência e valores absolutos do uso das formas de tratamento segundo a escolaridade em Modesto (2006)

Pronomes	Ensino Médio		Ensino Superior	
	Quantidade	Frequência	Quantidade	Frequência
Você	121	59%	355	70%
Tu	82	40%	150	29%
Total	203	99%	505	99%

Fonte: Modesto (2006, p. 84) (adaptada)

Paredes Silva (2003) e Modesto (2006) se assemelham em relação ao fator monitoramento da fala. Nas gravações secretas, o *tu* surge espontaneamente. Já nas gravações não secretas, os falantes evitam seu uso a fim de não cometerem o “erro” de concordância verbal – *tu* + 3ª p. s. De forma semelhante a Lucca (2005), o autor considera o pronome *tu* uma forma de tratamento solidária, favorecido em situações de fala em que envolvam um menor grau de monitoramento por parte dos interlocutores.

Tabela 23: Frequência e peso relativo das formas *tu* e *você* em função do fator monitoramento em Modesto (2006)

Pronomes	[+] monitoramento		[-] monitoramento	
	Frequência	P.R.	Frequência	P.R.
Você	275/333=82%	0,62	201/375=53%	0,38

Tu	58/333=17%	37%	174/375=46%	0,61
Total	333		375	

Fonte: Modesto (2006, p. 89) (adaptada)

Modesto (2006) ressalta que, em Santos, o uso de *tu* passa por “certo grau de inconsciência entre os falantes quanto ao seu uso cotidiano” (p. 90). Ao questionar alguns falantes acerca do uso deste pronome, afirma que, em um primeiro momento, muitos deles afirmaram não fazer parte de seu repertório linguístico, mas depois admitiram – muitas vezes impressionados – usá-lo entre seus amigos e pessoas próximas. Outros disseram jamais usar a forma *tu* para tratar os pais por considerarem uma falta de respeito.

Como em Martins (2010), o *tu* é altamente favorecido pela referência direta, com peso relativo 0,61, enquanto que o pronome *você* é fortemente favorecido pela referência indeterminada, com peso 0,67. Em Mota (2008) e em Modesto (2006), o pronome *tu* prevalece na função objetiva, enquanto o *você* ocorre predominantemente na função subjetiva.

Os três estudos se aproximam em relação ao fator faixa etária, são os falantes mais jovens que usam o *tu* com maior frequência. Em Mota (2008), o uso desse pronome é fortemente favorecido pela faixa que vai de 15 a 25 anos, apresentando peso relativo 0,72. A autora destaca que o uso de *tu* na região estudada é considerado como uso reservado e estigmatizado e que o favorecimento da faixa etária dos jovens poderia estar relacionado à construção de identidade desse grupo.

Nos testes de produção realizados por Mota (2008), o percentual de ocorrências da forma variante *tu* foi superior ao das entrevistas, correspondendo a 25% do total. Chama a atenção o resultado referente ao fator área geográfica de atuação profissional, selecionado como estatisticamente relevante, em que 10% das ocorrências do pronome *tu* são de falantes que atuam na zona urbana e 74% são de falantes que atuam na zona rural. O peso relativo (0,96) indica que trabalhar na zona rural favorece o uso da variante *tu*.

A faixa etária selecionada como favorecedora da variante *tu* nos testes foi a mesma que favoreceu o *tu* nas entrevistas – 15 a 25 anos. A autora conclui que a variante *tu*, em São João da Ponte, além de ser uma marca do

grupo de faixa etária de 15 a 25 anos é também um fenômeno da zona rural. A despeito dos municípios vizinhos, mais urbanizados, que deixaram de utilizar a variante *tu*, em São João da Ponte, seu uso seria um vestígio de um modo de falar rural.

Em Modesto (2006), os falantes menos escolarizados usam mais a forma *tu* que os mais escolarizados. O autor afirma que o uso do pronome *tu* em Santos é fortemente relacionado ao valor social a ele atribuído, seu uso de um lado denota intimidade, informalidade, mas por outro denota “erro”, algo que deve ser evitado.

Em síntese, podemos dizer que, nos estudos da Região Sudeste, o comportamento das variantes é, por vezes, distinto. Diferentemente dos dados do Rio de Janeiro, em Santos¹¹ e em São João da Ponte¹² a prevalência é do pronome *você*. O pronome *tu* é fortemente favorecido por referências diretas, em estilos menos monitorados e pela função objetiva. Este pronome é favorecido também pela faixa etária mais jovem e pelos menos escolarizados. O pronome *você* ocorre com maior frequência em estilos mais monitorados, em referências genéricas e em função subjetiva.

1.3.5 Região Sul

Na Região Sul do país, destacam-se os estudos de Loregian-Penkal (2004) e Franceschini (2011b)¹³.

Loregian-Penkal (2004) analisa a alternância pronominal *tu/você* na fala de informantes do *corpus* VARSUL dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. No que se refere ao estado de Santa Catarina, analisa também o *corpus* BRESCANCINI, da localidade de Ribeirão da Ilha. Seu objetivo ao analisar esses *corpora* é verificar se o *tu* está sendo substituído pelo *você* no Sul do Brasil. Nesse estudo, a autora faz também uma (re) análise de Loregian (1996), com o objetivo de verificar a concordância verbal com o pronome *tu* nas localidades de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha, somando-se a

¹¹ Modesto (2006).

¹² Mota (2008).

¹³ Franceschini (2011b) é um recorte de Franceschini (2011a), dessa forma, a fonte de alguns dados será do trabalho completo.

essas três cidades do interior de Santa Catarina – Chapecó, Blumenau e Lages – e as três cidades do interior do Rio Grande do Sul – Flores da Cunha, Panambi e São Borja, objetivando testar se a manutenção do *tu* é acompanhada ou não da marca verbal de segunda pessoa.

Franceschini (2011b) analisa o uso de *tu/você* na posição de sujeito em Concórdia – SC, com o objetivo de verificar os grupos de fatores linguísticos e sociais que podem estar condicionando o uso de um ou outro pronome nesta posição. Sua amostra constitui-se de 12 entrevistas, distribuídas equitativamente por sexo, duas faixas etárias (26 a 45 anos e 50 anos ou mais) e três níveis de escolaridade (Fundamental I, Fundamental II e Médio).

Tabela 24¹⁴: Totais de referência à segunda pessoa em Loregian-Penkal (2004) e em Franceschini (2011a)¹⁵

	Tu	Você
Loregian-Penkal (2004)	4090/6234 = 65,6%	2144/6234 = 34,4%
Franceschini (2011a)	512/926 = 55%	414/926 = 45%

Fonte: Loregian-Penkal (2004, p. 130) e Franceschini (2011a, p. 185)

Os estudos dessa região se aproximam no sentido de que a forma utilizada em maior frequência pelos falantes corresponde ao pronome *tu*. Em Concórdia, corresponde a 55% dos dados e nas localidades estudadas por Loregian-Penkal (2004), equivale a 65,6% dos dados. Nessa região do país, o pronome *tu* figura como o pronome conservador.

Ao levarmos em conta o fator social faixa etária, podemos perceber que estes estudos se distanciam, embora tenha sido selecionado como estatisticamente relevante nas duas pesquisas. Em Concórdia, a faixa etária que favorece o pronome *tu* é a faixa etária II (50 anos ou mais), enquanto que os mais jovens utilizam em maior frequência o pronome *você* (64%). Em oposto a isso, nas 09 localidades estudadas por Loregian-Penkal (2004) são os mais jovens (25 a 49 anos) que lideram o uso do pronome *tu*.

¹⁴ Tabela construída a partir dos dados apresentados por Loregian-Penkal (2004) e Franceschini (2011a).

Com relação ao fator gênero/sexo os resultados de Loregian-Penkall (2004) indicam que são as mulheres que lideram o uso do pronome *tu* em todas as localidades estudadas, como pode ser verificado na Tabela 25.

Tabela 25: Localidades da amostra x sexo em Loregian-Penkall (2004)

Sexo	Apl./Total	%	P.R.
Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha			
Feminino	1131/1167	96%	0,74
Masculino	663/881	75%	0,20
Total	1794/2048	87%	
Flores da Cunha, Panambi e São Borja			
Feminino	1138/1213	96%	0,67
Masculino	574/739	78%	0,23
Total	1712/1952	88%	
Chapecó, Blumenau e Lages			
Feminino	353/919	38%	0,61
Masculino	231/1315	18%	0,42
Total	584/2234	26%	

Fonte: Loregian-Penkall (2004, p. 135) (com adaptações)

A autora destaca que, diante desses resultados, há um indício de que o pronome *tu* possua prestígio social nessas localidades, já que a tendência das mulheres é se mostrarem conservadoras da variante de maior prestígio.

Franceschini (2011b) analisa o efeito do fator sexo em relação ao pronome *você*, e o analisa juntamente com a faixa etária. Os resultados mostram que tanto homens quanto mulheres mais jovens favorecem o uso de *você* (69% e 58%, respectivamente), enquanto que o uso do pronome *tu* é favorecido pelos mais velhos de ambos os sexos. Levando-se em conta esse fator em relação ao uso da variante inovadora *você*, podemos perceber que os resultados dos dois estudos se aproximam, são os homens que lideram seu uso.

Em relação ao fator escolaridade, os resultados de Franceschini (2011b) mostram que, em Concórdia, os níveis Fundamental I e Fundamental II favorecem o uso do pronome *tu*, com pesos relativos de 0,81 e 0,57,

respectivamente. O nível médio, por outro lado, favorece o uso do pronome *você*, apresentando peso relativo de 0,61. Esses resultados demonstram que, à medida que a escolaridade aumenta, aumenta também a probabilidade de uso da variante inovadora *você*.

Os dados analisados por Loregian-Penkal (2004) em relação à escolaridade comprovam sua hipótese de que o uso de *tu* aumenta de forma proporcional ao aumento da escolaridade nas capitais e na cidade de Ribeirão da Ilha; informantes do primário apresentaram peso relativo de 0,34, os do ginásio, peso relativo de 0,41 e os do colegial apresentaram peso de 0,75. Nas demais localidades, entretanto, essa proporcionalidade não é encontrada.

As pesquisas se aproximam no que se refere aos resultados do fator determinação do discurso, o pronome *tu* é favorecido pela referência determinada, ao passo que o *você* é fortemente favorecido pela referência indeterminada. Em Loregian-Penkal (2004), à exceção de Lages, em todas as localidades, esse fator foi selecionado como estatisticamente relevante. Podemos conferir os resultados de Franceschini (2011b) na Tabela 26.

Tabela 26: O uso de *tu/você* e a determinação do referente em Franceschini (2011b)

Determinação do referente	Tu			Você		
	Aplic.	%	P.R.	Aplic.	%	P.R.
Determinado	98/133	74	0,70	35/133	26	0,30
Indeterminado	106/259	41	0,39	153/259	59	0,61

Fonte: Franceschini (2011b, p. 2618) (adaptada)

Um fator que também se mostrou estatisticamente relevante em Franceschini (2011b) foi o tipo de verbo. A autora o analisa de acordo com a classificação feita por Tamanine (2002), na qual os verbos são subdivididos em quatro tipos: a) *dicendi*: dizer, falar, explicar, perguntar, chamar, afirmar; b) epistêmico: pensar, saber, conhecer, lembrar, imaginar; c) de estado: ser, estar, ficar, permanecer, parecer, continuar; e, d) de ação: sair, trabalhar, viajar, comer, andar, etc.

Os resultados revelam um favorecimento do *você* com os verbos *dicendi* (0,65) e de ação (0,59). O *tu* foi favorecido com verbos epistêmicos (0,68) e de estado (0,53). Segundo a autora, o fato de o pronome *tu* ser utilizado em

situações de maior intimidade pode estar influenciando seu uso com esses verbos, pois tanto os verbos epistêmicos quanto os de estado parecem induzir o falante a uma maior proximidade com o interlocutor envolvido na situação de enunciação.

Diante do que vimos, temos que, de forma geral, nos trabalhos consultados da Região Sul, a prevalência é do pronome *tu*, sendo este fortemente favorecido pela faixa etária mais jovem. Os homens lideram o uso do *você*, variante inovadora nessa região, já as mulheres mantêm uma postura mais conservadora, usando em maior frequência o pronome *tu*. Quando a referência é determinada, o pronome *tu* ocorre com maior frequência e, em sentido oposto, o *você* prevalece quando a referência é específica.

1.3.6 Sobre o que vimos

A análise da variação *tu/você* por região evidencia que, ao contrário do que apregoam muitos linguistas e gramáticos, a forma *tu* continua viva e atuante em muitas variedades do português brasileiro. Uma vez sistematizados os resultados das pesquisas (Tabela 27), percebemos que a afirmação de Cunha e Cintra (2001, p. 291) não se sustenta, quando dizem que

[...] No português do Brasil, o uso de *tu* se restringe ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 292)

Tabela 27: Uso de *tu/você* em Martins (2010), Amor Divino (2008), Alves (2012), Lucca (2005), Dias (2007), Andrade (2010), Paredes Silva (2003), Modesto (2006), Mota (2008), Loregian-Penkall (2004) e Franceschini (2011a)

REGIÕES		Tu	Você
Norte	Martins (2010) ¹⁶	60,1%	33%
	Amor Divino (2008) ¹⁷	16%	58%

¹⁶ 6,9% de ocorrências de *senhor*.

Nordeste	Amor Divino (2008) ¹⁸	77,6%	22,4%
	Alves (2012)	38,4%	61,6%
Centro-Oeste	Lucca (2005)	72%	28%
	Dias (2007)	12,8%	87,2%
	Andrade (2010) ¹⁹	48%	26%
Sudeste	Paredes Silva (2003) ²⁰	65%	35%
	Modesto (2006)	32%	67%
	Mota (2008)	10%	89%
Sul	Loregian-Penkall (2004)	65,6%	34,4%
	Franceschini (2011a)	55%	45%

Notemos, pois, diante da Tabela, que a frequência de uso do pronome *tu* é bastante elevada nos dados das regiões Norte (MARTINS, 2010), Centro-Oeste (LUCCA, 2005; ANDRADE, 2010), Sudeste (PAREDES SILVA, 2003) e Sul (LOREGIAN-PENKAL, 2004; FRANCESCHINI, 2011a). Os resultados dessas pesquisas, nas quais pronome *tu* foi utilizado em maior frequência que o pronome *você*, demonstram que, de forma geral, os fatores mais relevantes para sua escolha foram o gênero do discurso (fala menos monitorada) e tipo de referência (específica).

¹⁷ A autora analisa as formas *tu, você, senhor(a) e vossa excelência*, elencamos aqui apenas os resultados referentes a *tu/você*.

¹⁸ Resultados obtidos através de gravações ocultas.

¹⁹ A autora analisa separadamente as variantes *você* e *cê*. Os dados de *cê* correspondem a 26%.

²⁰ Resultados obtidos pelo *corpus* Paredes 96.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

[...]a base do conhecimento intersubjetivo na lingüística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos.

Labov (2008 [1972], p. 13)

Este capítulo apresenta os pressupostos teóricos aos quais este trabalho se vincula, a saber, a Sociolinguística Variacionista postulada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e, em seguida, os conceitos de Polarização Sociolinguística, propostos por Lucchesi (2004).

2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGÜÍSTICA

Esta pesquisa se insere no quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, também denominada de Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972], WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]). Em linhas gerais, tal perspectiva teórica assume que a variação é inerente ao sistema linguístico e motivada por fatores de natureza interna (lingüísticos) e de natureza externa (sociais).

A Sociolinguística surge na década de 1960 como uma reação à ausência do componente social nos estudos linguísticos que tratavam da mudança linguística até então. Este modelo apresenta discordâncias aos princípios teóricos vigentes à época, os quais consideravam a língua como um sistema homogêneo:

Em seu projeto de organizar a lingüística em torno da apreensão sistematizada da dimensão estrutural do fenômeno lingüístico – ou seja, para realizar (i) – Saussure responde a questão (ii) definindo a língua como um fato social. Isso gerou uma contradição insolúvel dentro dos marcos do estruturalismo, já que, para representar analiticamente a dimensão estrutural do fenômeno lingüístico, a língua era formalizada como um sistema homogêneo, unitário e

invariante, o que nega totalmente o existir concreto da língua enquanto fato social, que, assim concebida, constitui a expressão da dimensão sócio-histórica do fenômeno lingüístico, terreno, por excelência da variação e da mudança. (LUCCHESI, 2004, p. 218, *grifos do autor*)

Embora existam estudos sociolinguísticos em períodos anteriores, tais como os de Gauchat (1905), Hermann (1929), é na década de 1960 que a Sociolinguística se consolida enquanto uma área de pesquisa com teoria e metodologia próprias. Mattos e Silva (2008) pontua que o texto fundador da Teoria da Variação e da Mudança é a comunicação apresentada no simpósio “Direções para a Linguística Histórica”, em 1966, na Universidade do Texas, intitulado *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*²¹, cujos autores são Uriel Weinreich, William Labov e Marvin I. Herzog. Sobre esse texto, Faraco (2006, p. 10) afirma que

Sua força enquanto texto renovador dos estudos de lingüística histórica e ordenador de toda uma linha de investigação emerge do rico enraizamento empírico; os autores tomaram como fundamento os estudos da variação e da mudança que haviam realizado até então.

Os estudos de Labov que formam a base empírica dessa teoria trataram da centralização da primeira vogal dos ditongos (ay) e (aw) na comunidade de Martha’s Vineyard (1963) e de variáveis fonológicas na cidade de Nova York (1966), o de Herzog tratou da dialetologia do iídiche no norte da Polônia e o de Weinreich foi *Language and Cultura Atlas os Ashkenakic Jewry*

Ao iniciar seus trabalhos, Labov (1972, [2008]) apresentava-se consciente das barreiras ideológicas que impediam o estudo empírico da mudança linguística, a saber:

- a) primeira barreira: de acordo com Saussure (1949, *apud* LABOV, 2008 [1972], p.13), os sistemas estruturais do presente e as mudanças históricas do passado deviam ser estudados separadamente.

²¹ Originalmente publicado em 1968 na coletânea organizada por W. Lehmann e Y. Malquiel.

- b) segunda barreira: a mudança sonora, em princípio, não podia ser observada diretamente, Bloomfield (1933, *apud* LABOV, 2008 [1972], p.13) defendia que eram regulares, considerando as irregularidades apenas casos de empréstimos dialetais. Hocket (1958, *apud* LABOV, 2008 [1972], p. 14) atribui à velocidade das mudanças a impossibilidade de percebê-las, afirmando que embora as mudanças sonoras fossem lentas demais para serem observadas, as mudanças estruturais eram rápidas demais.
- c) terceira barreira – considerada por Labov como a mais importante: Bloomfield (1933, *apud* LABOV, 2008 [1972], p. 14) propôs que a variação é livre, não podendo ser condicionada.

Para Saussure (2006 [1916]), o enfoque linguístico deveria deter-se na *langue* (língua), por considerá-la um sistema social compartilhado por todos os membros de uma comunidade, em detrimento da *parole* (fala), manifestação individual e concreta do sistema. A fala, por sua vez, não deveria ser objeto de estudo, pois, segundo ele, é associada a fatores externos à língua. Labov (2008 [1972], p. 18), por seu turno, propõe que o objeto da análise linguística seja a gramática da comunidade de fala, “o sistema de comunicação usado na interação social”, afirma ainda que uma comunidade de fala “não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (LABOV, 2008 [1972], p. 188).

Além de conceber a língua como um sistema homogêneo, unitário e autônomo, o estruturalismo tinha como principal tarefa descrever sua estruturação e seu funcionamento internos, desconsiderando assim a prática linguística concreta e o processo sócio histórico de constituição da língua. Superando a visão dos estruturalistas de que a “análise linguística se circunscrevia aos limites das relações internas ao sistema linguístico” (LUCCHESI, 2004, p. 167), a Sociolinguística afirma que “apenas a consideração desses fatores estruturais internos não é suficiente para construir uma explicação da mudança”. A partir de dados empíricos, considerando fatores estruturais (linguísticos) e sociais (extralinguísticos), Weinreich, Labov e Herzog rompem cada uma das barreiras impostas pelo estruturalismo.

A questão fundamental levantada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) a ser respondida por uma teoria que trata da mudança linguística é, nas palavras dos autores, “se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade?”. Os autores destacam que a solução firma-se no abandono do axioma da homogeneidade, instaurando-se em seu lugar o axioma da heterogeneidade,

A chave para uma concepção racional da mudança linguística – em realidade, da própria língua – é a possibilidade de descrever ordenadamente a diferenciação em uma língua que serve a uma comunidade. Argumentaremos que o domínio de um falante nativo de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetalismo ou nem com o “mero” desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngue. Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a *ausência* de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 68)

Dessa forma, a Sociolinguística estuda a língua em seu contexto de uso real, levando-se em consideração as relações entre estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Parte, assim, do princípio de que a variação e a mudança linguística são inerentes às línguas, por trás do aparente “caos” da comunicação, busca-se a regularidade e a sistematicidade. Mattos e Silva (2004, p 299) assinala que o grande avanço da Sociolinguística se funda basicamente nessa conceituação de língua como sistema intrinsecamente heterogêneo, em que se entrecruzam e são correlacionáveis fatores estruturais e sociais. Silva Corvalán (2001, p. 01) pontua que

Estos factores sociales incluyen: (a) los diferentes sistemas de organización política, económica, social y geográfica de una sociedad; (b) factores individuales que tienen repercusiones sobre la organización social en general, como la edad, la raza, el sexo y el nivel de instrucción; (c) aspectos históricos y étnico-culturales; (d) la situación inmediata que rodea la interacción; en una palabra, lo que se ha llamado el *contexto externo* en que ocurren los hechos lingüísticos²².

²² Estes fatores sociais incluem: (a) os diferentes sistemas de organização política, econômica, social e geográfica de uma comunidade; (b) fatores individuais que têm repercussões em geral na organização social, como a idade, a raça, o sexo e o nível de instrução; (c) aspectos

A variação e a mudança linguística são, conforme Mattos e Silva (2004, p. 300), os objetivos centrais da Sociolinguística, sendo operacionalizados pela teoria e pela metodologia. Outra assertiva dessa teoria diz que todas as línguas variam e que a mudança linguística pressupõe variação. As variantes, nesse modelo, correspondem a formas alternativas de dizer *a mesma coisa com o mesmo valor de verdade*. Os estudos sociolinguísticos se propõem a estudar como uma variante se implementa ou se extingue numa língua, uma vez que as variantes de uma determinada comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 122) afirmam que a mudança linguística ocorre:

(1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta.

Um dos propósitos da análise Sociolinguística, nos termos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), era o de rever a ideia de que não se podia estudar diretamente a mudança linguística, mas sim apenas quando concluída. Para elucidar essa questão, Labov (1994) propõe que se estude a mudança em progresso, na variação observada na língua em um determinado momento. A esse recurso Labov denominou estudo da mudança no tempo aparente. Dessa forma, “o estudo da mudança na análise sincrônica abria caminho para a definitiva superação da dicotomia saussuriana entre sincronia e diacronia” (LUCCHESI, 2004, p. 166).

As pesquisas em *tempo aparente* investigam o padrão de comportamento linguístico de falantes em diversos grupos etários, num determinado momento do tempo. Se o uso da variante inovadora for mais frequente na fala dos jovens, decrescendo em relação aos mais idosos, pode indicar um caso de mudança em progresso. Entretanto, Labov (1994) adverte

históricos e étnico-culturais; (d) a situação imediata que cerca a interação; em uma palavra, o que se tem chamado de *contexto externo* em que ocorrem os fatos linguísticos (Tradução do autor).

que este tipo de estudo pode não indicar uma mudança na comunidade inteira, tratando-se apenas de uma *gradação etária*, ou seja, um padrão característico de determinada idade, que naturalmente se repete em cada geração. A *gradação etária* indica apenas um processo de *variação estável*. Para uma melhor compreensão dos casos de mudança, faz-se necessária a realização de estudos baseados em *tempo real*.

A pesquisa em *tempo real*, por seu turno, relaciona-se ao aspecto diacrônico da língua. Segundo Labov (1994), há duas maneiras de se investigar um fenômeno de mudança em *tempo real*. O primeiro método consiste em procurar textos antigos que registrem as variantes em estudo e proceder uma comparação com os registros mais recentes. O autor recomenda que sejam utilizados textos escritos que reflitam a língua falada de um certo período de tempo, tais como cartas íntimas, diários, peças teatrais, gramáticas do passado etc. O segundo consiste no retorno do pesquisador à comunidade, após uns vinte anos, para repetir os mesmos estudos, realizando novas gravações. Este método, porém, apresenta-se muito dificultoso, dadas as dificuldades de encontrar os mesmos informantes, pois certamente muitos podem ter falecido ou viajado.

À mudança linguística colocam-se cinco problemas, sistematizados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), com os quais os linguistas terão que lidar:

a) O problema dos fatores condicionantes (*the constraints problem*) – *Quais os fatores gerais efetivos para a mudança que determinam e distinguem possíveis mudanças de mudanças impossíveis do sistema e que, ao mesmo tempo, apontam direções de mudança?* – remete ao fato de se estabelecer quais as condições que favorecem ou inibem as mudanças e, conseqüentemente, qual o conjunto das mudanças possíveis. As mudanças linguísticas são naturais, seguem princípios universais, mas para ocorrerem devem obedecer a determinados limitadores que podem ser sociais ou linguísticos, cabendo ao linguista identificá-los.

b) O problema da transição (*the transition problem*) – *Como e por quais caminhos a língua muda?* – consiste em descobrir o caminho percorrido por uma variante linguística até ocorrer a mudança linguística de fato. Verifica-se, portanto, os estágios intermediários.

Ao considerar alguns subsistemas ou variáveis como marcados pelo traço arcaico/inovador, a teoria da língua pode observar a mudança lingüística enquanto ocorre. Pela observação *in vivo*, podemos aprender coisas sobre a mudança lingüística que estão simplesmente perdidas nos monumentos do passado (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 122).

c) O problema do encaixamento (*the embedding problem*) – *Como uma determinada mudança lingüística se encaixa no sistema circundante de relações sociais e lingüísticas?* – no que se refere a essa questão, consta o fato de se identificar a matriz social e a matriz lingüística em que se observa a mudança lingüística, ou seja, o encaixamento na estrutura social e na estrutura lingüística. Este problema assinala que uma mudança lingüística só poderá ser assimilada levando-se em consideração a sua inserção no sistema lingüístico de uma dada comunidade que ela afeta.

d) O problema da avaliação (*the evaluation problem*) – *Como os membros de uma determinada comunidade lingüística avaliam a mudança? Quais são os efeitos dessa avaliação sobre o processo de mudança em si?* – Nessa questão, cabe verificar o importante papel do indivíduo frente à mudança lingüística e frente à própria língua. É mediante a avaliação do falante que as variantes lingüísticas podem se apresentar dotadas de prestígio social ou serem estigmatizadas. As variantes inovadoras, geralmente, são as que sofrem estigma social, sendo consideradas não padrão. Por outro lado, as variantes canônicas/conservadoras são quase sempre aquelas dotadas de prestígio social, figurando como padrão. O problema da avaliação consiste, portanto, em apontar a apreciação ou depreciação que o falante faz diante das mudanças que ocorrem em sua própria língua.

e) O problema da implementação (*the actuation problem*) – *Por que, quando e onde determinada mudança ocorreu?* – cabe ao pesquisador indicar se a variação lingüística irá passar desse estágio para uma mudança lingüística e explicar o fato de uma mudança ocorrer numa língua e não em outras, ou na mesma língua em momentos distintos. Através desse problema pode-se observar se uma variante se estabelece ou não no sistema.

Assim, valendo-se do aporte teórico-metodológico da Sociolingüística realiza-se um estudo em *tempo aparente* a fim de verificar quais os fatores

linguístico-discursivos e sociais que estariam atuando na escolha das formas de tratamento *tu/você* nas variedades linguísticas das cidades baianas Feira de Santana e Salvador.

2.2 POLARIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

Neste trabalho, ao analisarmos a variação entre as formas *tu/você* nas falas culta e popular de Feira de Santana e de Salvador assumimos que, como expressa Lucchesi (2004), a realidade linguística brasileira caracteriza-se por uma polarização sociolinguística, fruto do contato entre línguas porque passou o português brasileiro desde sua formação.

Desde o século XVI, já era notável a dualidade linguística, tendo-se de um lado os índios, africanos e mestiços, e do outro os brancos e mestiços que ascenderam socialmente. Lucchesi (2004, p. 78) destaca que

Essa dicotomia entre a fala das elites cultas orientada para o padrão europeu e a fala da grande maioria da população brasileira, marcada pelo amplo processo de variação produzido pelo contato massivo do português com línguas africanas e indígenas dará o tom do cenário linguístico brasileiro ao longo do século XIX, um período importante, pois é nele que se inicia o processo de formação do Estado brasileiro, com a independência ocorrida em 1822.

O primeiro recenseamento do Brasil, datado de 1872, apresentado por Fausto (*apud* MATTOS E SILVA, 2008) – tendo-se passado um século da implantação da política pombalina – mostra a situação da instrução regular no Brasil: “entre os escravos, o índice de analfabetos atingia 99,9% e entre a população livre aproximadamente 86%” ao considerar também as mulheres. A população total estimada nesse recenseamento era de 4,6 milhões. Desse senso pôde se constatar também que somente 16,8% da população entre 6 e 15 anos frequentavam escolas, havia apenas 12 mil alunos matriculados em colégios secundários, entretanto, chegava a 8.000 o número de pessoas com educação superior. Sendo assim, percebe-se que havia um imenso abismo separando a elite letrada da grande massa de analfabetos.

Mattos e Silva (2008) destaca que, ainda no século XIX, ocorre o avanço do padrão lusitanizante, e isso não se deu apenas com crescimento da escolarização, mas também pelo fato de africanos e afrodescendentes, antes proibidos, passarem a frequentar as escolas após a abolição da escravatura. Em meados do mesmo século, após a independência, observa-se um movimento político, institucional e cultural em busca de uma nação independente. Objetivava-se estabelecer um padrão linguístico nacional, entretanto, o que se tinha era um projeto que privilegiava apenas uma pequena minoria.

Os vernáculos, como destaca Bortoni-Ricardo (2006, p. 33), ficaram por um longo período mais ou menos limitados às regiões interioranas e isoladas. Acontece que no século XX ocorrem dois fenômenos de visíveis consequências linguísticas: “a migração das populações das pequenas cidades e zonas rurais para os grandes centros e a difusão dos meios de comunicação de massa”. Nesses centros é instaurado um processo de diglossia, atuando duas forças antagônicas: “por um lado, o padrão tradicional de redução flexional da própria língua; por outro, a pressão do prestígio imposta pela ação da escola, dos meios de comunicação e do *status* das classes mais favorecidas” (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 33).

A partir desse processo, verifica-se o declínio dos vernáculos, transformando-se em dialetos urbanos de classe baixa, evidenciando provavelmente a estratificação vertical na língua. Destaca-se, ainda nesse momento, a avaliação subjetiva, feita pelos indivíduos no que tange ao julgamento social das variantes linguísticas:

Ao se radicar na zona urbana, o indivíduo egresso de zonas rurais ou rurbanas percebe mais facilmente a estigmatização que recebem os itens lexicais e expressões mais salientes de sua fala regional. Por isso tende a substituí-las por sinônimos de cunho urbano. (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 33)

Em função do processo de urbanização intensificado na década de 1940, do aumento escolarização – embora ainda precária – e do avanço dos meios de comunicação de massa, percebe-se um processo de mudança do

português popular/vernacular, em direção aos modelos da norma culta. Assim, como destaca Lucchesi (2004, p. 80), “[...] no português popular se verifica uma tendência de mudança ‘para cima’, não em direção aos padrões normativos, mas em direção ao padrão urbano culto [...]”.

Necessário se faz destacar que, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX mais de três milhões de imigrantes europeus e asiáticos chegam ao Brasil, integrando a base da pirâmide social brasileira, trabalhando no campo. Adquirem, assim, o português popular “com as mudanças decorrentes do processo de transmissão linguística irregular”, falado pelos capatazes e pelos trabalhadores locais – geralmente ex-escravos africanos e seus descendentes. Todavia, por conta de seu *background* cultural, logo esses imigrantes ascenderam, levando estruturas de matiz popular para o seio da norma culta.

Dessa forma, delineia-se um dos fatores que contribuíram para que estruturas da fala popular penetrassem nas camadas médias e altas, verificando-se assim, como aponta Lucchesi (2004, p. 80), “uma tendência de mudança de afastamento do padrão normativo de matiz europeu, uma mudança que se pode definir como ‘para baixo’”.

Assim, podemos concluir que a realidade linguística brasileira, como já observada por vários estudiosos – resultante de um conjunto de variáveis, relacionadas à colonização, à grande extensão territorial, às diversas línguas em convívio, escolarização tardia no Brasil, entre outras – continua a ser plural e polarizada, como bem expressa Lucchesi (2004, p. 81):

As marcas dessa polaridade ainda se mantêm; até mesmo porque se conservam as profundas desigualdades sociais que fundamentam a divisão linguística do Brasil em dois subsistemas distintos: uma NORMA CULTA e uma NORMA POPULAR.

Por fim, objetivamos analisar esses dois subsistemas defendidos por Lucchesi (2004), quais sejam norma culta e norma popular, na variedade linguística de Feira de Santana e de Salvador a fim de verificar seu

comportamento bem como sua influência no uso das formas de tratamento *tu/você*.

3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A metodologia para análise das formas de tratamento *tu/você* na variedade linguística das cidades de Feira de Santana e de Salvador segue os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista descritos por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). A Teoria da Variação Laboviana assume que a variação linguística é inerente às línguas e essa variação não é aleatória, mas sim ordenada, governada por um conjunto de regras tanto linguísticas, como sociais (NARO, 2008). Sendo assim, essas regras funcionam de modo a favorecer ou inibir o uso de determinada variante conforme o contexto situacional do falante.

Tendo em vista a possibilidade de sistematizar a heterogeneidade linguística, Labov (2008[1972]) propôs uma metodologia em que, ao analisar amostras de fala de alguns membros da comunidade, é possível chegar a conclusões significativas sobre a língua da comunidade inteira.

Neste capítulo apresentaremos os *corpora* utilizados, bem como os respectivos projetos aos quais pertencem, as cidades envolvidas neste estudo e os fatores linguístico-discursivos e sociais a serem analisados, com as respectivas hipóteses assumidas.

3.1 OS *CORPORA* UTILIZADOS

Nesta pesquisa analisamos um total de 48 entrevistas, distribuídas em três *corpora* distintos, de modo a garantir a equidade dos dados em relação às duas cidades em questão. Para a análise das falas culta e popular da cidade de Feira de Santana, utilizamos 24 entrevistas, pertencentes ao banco de dados do Projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*²³, sendo 12 do português culto e 12 do popular. Utilizamos, para a análise do português culto e popular de Salvador, 12 inquéritos do Projeto *Norma Urbana Culta de Salvador*

²³ Material gentilmente disponibilizado pelas profas. Norma Lucia Fernandes de Almeida e Silvana Silva Farias de Araújo da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. *Corpus* constituído nos anos 2000.

– NURC/SSA²⁴; e 12 inquéritos do *Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado em Salvador*²⁵ – PEPP. Todos os inquéritos são do tipo diálogo entre informante e documentador (DID).

Além desses inquéritos, foram utilizados dados de 07 gravações espontâneas entre falantes da cidade de Feira de Santana com o objetivo de verificar a utilização das formas de tratamento nesse gênero do discurso.

Nos quadros que seguem apresentamos o perfil dos informantes selecionados para o estudo, em cada um dos projetos:

Quadro 02: Perfil dos informantes do Projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano - Português popular*

	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
Faixa I (25 a 35 anos)	Masculino	26 anos	Primário
	Masculino	35 anos	Primário
	Feminino	31 anos	Primário
	Feminino	33 anos	Primário
Faixa II (45 a 55 anos)	Masculino	45 anos	Primário
	Masculino	50 anos	Primário
	Feminino	50 anos	Primário
	Feminino	54 anos	Primário
Faixa III (mais de 65 anos)	Masculino	72 anos	Primário
	Masculino	80 anos	Primário
	Feminino	70 anos	Primário
	Feminino	76 anos	Primário

²⁴ *Corpus* constituído na década de 90.

²⁵ *Corpus* disponibilizado pela profa. Norma da Silva Lopes, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Constituído na década de 90.

Quadro 03: Perfil dos informantes do Projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano - Português culto*

	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
Faixa I (25 a 35 anos)	Masculino	25 anos	Sup. completo
	Masculino	33 anos	Sup. completo
	Feminino	26 anos	Sup. completo
	Feminino	30 anos	Sup. completo
Faixa II (45 a 55 anos)	Masculino	53 anos	Sup. completo
	Masculino	55 anos	Sup. completo
	Feminino	48 anos	Sup. completo
	Feminino	49 anos	Sup. completo
Faixa III (mais de 65 anos)	Masculino	67 anos	Sup. completo
	Masculino	69 anos	Sup. completo
	Feminino	68 anos	Sup. completo
	Feminino	70 anos	Sup. completo

Quadro 04: Perfil dos informantes do Programa de Estudos do Português Popular Falado de Salvador – PEPP

	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
Faixa I (25 a 35 anos)	Masculino	25 anos	Primário
	Masculino	28 anos	Primário
	Feminino	24 anos	Primário
	Feminino	29 anos	Primário
Faixa II (45 a 55 anos)	Masculino	48 anos	Primário
	Masculino	51 anos	Primário
	Feminino	45 anos	Primário
	Feminino	54 anos	Primário
Faixa III (mais de 65 anos)	Masculino	66 anos	Primário
	Masculino	75 anos	Primário
	Feminino	68 anos	Primário
	Feminino	69 anos	Primário

Quadro 05: Perfil dos informantes do Projeto *Norma Urbana Culta de Salvador – NURC/SSA*

	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
Faixa I (25 a 35 anos)	Masculino	25 anos	Sup. completo
	Masculino	25 anos	Sup. completo
	Feminino	30 anos	Sup. completo
	Feminino	32 anos	Sup. completo
Faixa II (45 a 55 anos)	Masculino	50 anos	Sup. completo
	Masculino	52 anos	Sup. completo
	Feminino	46 anos	Sup. completo
	Feminino	50 anos	Sup. completo
Faixa III (mais de 65 anos)	Masculino	68 anos	Sup. completo
	Masculino	70 anos	Sup. completo
	Feminino	73 anos	Sup. completo
	Feminino	75 anos	Sup. completo

Para a identificação de segmentos dos *corpora* utilizados na exemplificação nesta Dissertação, foram adotados os seguintes critérios:

a) em primeiro lugar, identificamos o projeto ao qual pertence, a saber, **PEPP** para o *Programa de Estudos do Português Popular Falado de Salvador*, **NURC** para o *Projeto Norma Urbana Culta de Salvador* e **S** para o *Projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*.

b) em seguida, identificamos os inquéritos através da numeração original em cada projeto²⁶, com exceção do Projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*, que neste item consta a identificação de dado de fala culta (**C**) e/ou de fala popular (**P**).

c) a terceira referência indica o gênero/sexo do informante (**H** = homem e **M** = mulher)

d) o último indica a faixa etária (**1** = 25 a 35 anos, **2** = 45 a 55 anos e **3** = acima de 65 anos). Exemplificamos com uma sentença de cada projeto:

(01) É, mas tinha a tabuada pra **você** estudar. (PEPP/6/H3)

²⁶ Como no Projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano* não houve a atribuição numérica aos inquéritos, decidimos não numerá-los.

(02) Internamente é como se **você** tivesse dentro de um automóvel. (...) (NURC/277/H2)

(03) (...) ah, rapaz, **tu** acredita que eu esqueci o termo? é... (SCH1)

(04) Se eu dizer a **você**, já estudei, mas larguei. (...) (SPH2)

3.2 O PROJETO A LÍNGUA PORTUGUESA NO SEMIÁRIDO BAIANO

O Projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano* teve início oficialmente em 1996 com as professoras Norma Lucia Fernandes de Almeida e Zenaide Oliveira Novais Carneiro, na Universidade Estadual de Feira de Santana – Ba. Esse projeto segue a perspectiva de um projeto concebido pelo professor Dante Lucchesi em 1993, intitulado preliminarmente *Estudo da Língua Falada no Semi-Árido Baiano*, quando ainda fazia parte do corpo docente da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, mas que não chegou a ser implementado.

Sediado no Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa – NELP, da UEFS, o projeto tem como principais objetivos²⁷: a) formar banco de dados com amostras de fala de comunidades rurais e urbanas do semiárido baiano; b) realizar estudos sócio históricos sobre a formação da língua portuguesa nas localidades pesquisadas; c) realizar estudos linguísticos à luz dos estudos sócio históricos; e d) analisar materiais didáticos utilizados nas escolas da região.

O projeto segue o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968), realizando entrevistas do tipo DID (diálogo entre informante e documentador). As duas primeiras fases já foram finalizadas e voltaram-se para os municípios de Caem (Anselino da Fonseca), Rio de Contas e Jeremoabo e Feira de Santana, onde foram realizadas entrevistas apenas com moradores da zona rural. Os *corpora* com essas entrevistas já foram publicados.

Segundo as coordenadoras, o projeto encontra-se em sua terceira fase e volta-se nesse momento para a sede do município de Feira de Santana. Nesta

²⁷ Conferir <http://www.uefs.br/nelp/sobre_projeto.htm>

fase foi constituído um *corpus* com 72 informantes, segundo os seguintes critérios, sexo (masculino e feminino); faixa etária: faixa I (25-35 anos), faixa II (45-55 anos) e faixa III (acima de 65 anos); norma popular (feirenses filhos de feirenses, feirenses filhos de migrantes, feirenses da zona rural, migrantes), norma semi-culta²⁸ (feirenses filhos de feirenses) e norma culta (feirenses filhos de feirenses).

Araújo e Almeida²⁹ (2012) pontuam que

(...) os dados coletados nessa cidade fornecem importantes subsídios para o entendimento da formação, caracterização e difusão do português brasileiro, notadamente no que se refere ao entrecruzamento das normas populares e cultas e ao contato rural e urbano, pois a língua falada nesse município agrega características que a fazem ser um “espelho” da realidade sociolinguística brasileira (...)

Associado ao Projeto *Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*³⁰, busca contribuir para a caracterização do português popular do interior, oportunizando um intercâmbio de dados e fontes de estudos. As responsáveis pela organização do *corpus* dessa terceira fase são as professoras Norma Lucia Fernandes de Almeida, Eliana Pitombo Teixeira, Silvana Silva de Farias Araújo e Zenaide Oliveira Novais Carneiro.

3.3 O PROJETO NORMA LINGUÍSTICA URBANA CULTA DE SALVADOR – NURC/SSA

O Projeto de Estudo da *Norma Linguística Urbana Culta no Brasil – NURC* surge no ano de 1969, objetivando descrever os padrões reais de uso na comunicação oral adotados por falantes que possuam o nível superior. Este projeto desenvolve-se em cinco capitais brasileiras, quatro delas fundadas no

²⁸ O Projeto considera como norma semi-culta os dados de informantes com o Ensino Médio.

²⁹ Conferir <<http://www.vertentes.ufba.br/associados/feira-de-santana>>

³⁰ Projeto vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia – UFBA, sob a coordenação do Prof. Dr. Dante Lucchesi. Esse projeto tem como objetivo central “traçar um panorama sociolinguístico do português popular do Estado da Bahia”. Maiores informações em <<http://www.vertentes.ufba.br/>>

século XVI, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo e uma fundada no século XVIII, Porto Alegre.

Como afirmam Mota e Rollemberg (1991), os informantes do Projeto NURC são de ambos os sexos, distribuídos em três faixas etárias – a faixa 1 (de 25 a 35 anos), a faixa 2 (de 36 a 55 anos) e a faixa 3 (de 56 em diante) – e preenchem o requisito de serem nascidos na cidade objeto de estudo ou nela terem residido desde os cinco anos de idade; terem passado nessa cidade três quartas partes de sua vida e aí cursado o Ensino Fundamental e Médio; possuírem curso universitário completo e serem filhos de falantes nativos de língua portuguesa, preferentemente nascidos na cidade em exame.

O *corpus* constituído em cada cidade está distribuído em três diferentes categorias de texto: elocução em situação formal (EF), diálogo entre informante e documentador (DID) e diálogo entre dois informantes (D2).

Em Salvador o *corpus* do Projeto NURC foi constituído a partir de 1973 e compreende 307 horas e 20 minutos de registro magnetofônico. É documentado neste *corpus* o desempenho linguístico de 461 informantes de ambos os sexos, distribuídos nas três diferentes faixas etárias, cobrindo as três categorias de texto previstas, EF, DID e D2. A partir de 1993, inicia-se uma fase de ampliação do *corpus* em Salvador, seguindo os mesmos critérios estabelecidos no âmbito nacional.

Desse modo, o *corpus* do Projeto NURC/SSA tem sido tratado em numerosas produções tanto na graduação como na pós-graduação, como também em estudos como dissertações de mestrado e teses de doutorado em Letras.

3.4 O PROJETO PROGRAMA DE ESTUDOS DO PORTUGUÊS POPULAR DE SALVADOR – PEPP

O Projeto Programa de Estudos do Português Popular de Salvador – PEPP – surge, como afirma Lopes (2009, p. 13), a partir da sugestão da professora Rosa Virgínia Mattos e Silva, de que se implementassem em Salvador estudos sobre a concordância verbal e nominal com dados novos. As autoras Norma da Silva Lopes, Constância Maria Borges de Souza e Emília

Helena Portella Monteiro de Souza constituíram o *corpus* desse projeto por ocasião do curso de doutorado, a fim de que pudesse ser estudado o português popular de Salvador.

Esse projeto objetiva fornecer material mais recente e, sobretudo, suprir a falta de dados sobre o português falado pelos não universitários. Dessa forma, o PEPP tem como níveis de escolaridade o Fundamental e o Médio. O termo *popular*, segundo Lopes (2009), remete justamente à massa popular, representativa da maior parte da população que está compreendida entre esses dois níveis.

O *corpus* deste projeto é constituído por 48 gravações de entrevista de aproximadamente 40 minutos cada. Os informantes são de ambos os sexos, distribuídos em quatro faixas etárias – a faixa 1 (de 15 a 24 anos), a faixa 2 (de 25 a 35 anos), a faixa 3 (de 45 a 55 anos) e a faixa 4 (de 65 anos em diante). Lopes (2009, p. 17) conta que, para a seleção desses informantes, foram adotados os mesmos critérios do Projeto NURC com o intuito de tornar as amostras o mais intercomparáveis possível. Eles deveriam, assim, serem naturais de Salvador, terem permanecido nesta cidade a maior parte de suas vidas, seus pais também deveriam ser de Salvador, ou que tivessem vindo para esta cidade ainda pequenos. Os temas utilizados por este projeto foram a educação do passado e a do presente, os castigos e a relação pais e filhos.

Por fim, destacamos que o *corpus* do Projeto PEPP tem contribuído de forma substancial para o conhecimento das variedades linguísticas da fala popular de Salvador, a partir de estudos como monografias de conclusão de cursos de graduação e especialização, dissertações de mestrado e teses de doutorado em Letras.

3.5 O *LOCUS* DA PESQUISA

3.5.1 Feira de Santana

Mapa 01: Localização de Feira de Santana no Estado da Bahia



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bahia_Municip_FeiradeSantana.svg

Feira de Santana é a segunda maior e mais importante cidade do Estado da Bahia. Distante da capital Salvador 108 km, situa-se na região norte do estado e destaca-se como o mais importante entroncamento do Norte/Nordeste do país, por onde passam algumas rodovias federais (BRs 101, 116 e 324) e algumas estaduais (BAs 084, 502 e 504).

As origens e povoamento do município remontam ao século XVII, através, principalmente, da criação de gado e instalação de currais. Galvão (1982, p. 25) afirma que

A primeira notícia de ocupação com título de doação de terras com abrangência da atual área urbana, data de 1615, "*Carta de concessão de quatro léguas em quadra na serra chamada Itapororocas nos campos da Caxoeira*", em favor de Miguel Ferreira Feio. Teria havido outras concessões, em 1619, a João Peixoto Viegas que instalaria currais e os seus descendentes dominariam com latifúndios engravados nas terras da Casa da Ponte.

Andrade (1990) pontua que, após a morte de João Peixoto Viegas, neto e homônimo do povoador inicial da região, por volta de 1732, a sesmaria foi dividida em fazendas. Uma delas, a Sant'Ana dos Olhos D'Água, foi adquirida pelo casal português Domingos Barbosa de Araújo e Anna Brandão.

Gama (2009) conta que, no início do século XVIII, o casal Domingos Barbosa de Araújo e Anna Brandão ergue uma capela na Fazenda Sant'Ana dos Olhos D'Água, em homenagem à sua santa de devoção, Senhora Sant'Anna, à beira da antiga Estrada das Boiadas, passagem do gado que vinha do Sertão para os mercados de Cachoeira, Santo Amaro e Salvador. O local se tornou um ponto de parada de boiadeiros, tropeiros e viajantes, procedentes do alto sertão baiano e de outros estados a caminho do porto de Cachoeira, então a vila mais importante da Bahia, atraídos sobretudo pelos mananciais de água existentes nas proximidades.

Em pouco tempo, surge na área em torno da capela um pequeno comércio de gado, ao lado de uma feira periódica, dando início a um vilarejo que logo se tornou conhecido pela grande dimensão de sua feira de gado³¹. O aumento do ritmo de crescimento do povoado impulsionava cada vez mais o crescimento da feira livre e a intensidade do comércio de gado. De acordo com Andrade (1990), em 18 de setembro de 1833, ocorre a emancipação política, há o desmembramento do município de Cachoeira, assim, o povoado é elevado à categoria de vila.

A emancipação de Feira de Santana, de acordo com Gama (2009), foi consolidada com a instalação, a posse e o juramento da Câmara Municipal da então Vila do Arraial de Santa Ana da Feira. A Vila era constituída pelas freguesias de São José das Itapororocas, Santana do Camisão³² e Santíssimo Coração de Jesus e Perdão. Quarenta anos depois da emancipação política,

³¹ Essa feira de gado atraía vendedores e compradores de diversos pontos da província, ao ponto de, no ano de 1835, chegar a aglomerar entre 3 e 4 mil pessoas, toda semana.

³² Atual município de Ipirá.

através da Lei Provincial nº 1.320, de 16 de Junho de 1873, a Vila foi elevada à categoria de cidade, com o nome de Comercial Cidade de Feira de Santana. Os decretos estaduais 7.455 e 7.479, de 23 de junho e 8 de agosto de 1931, respectivamente, simplificaram o nome para Feira. O decreto estadual nº 11.089, de 30 de novembro de 1938, oficializou a denominação do município: Feira de Santana.

Araujo (2012), citando Poppino (1968), afirma que entre os anos de 1940 e 1950, houve um incremento no estabelecimento comercial na cidade em virtude do crescimento populacional, do progresso dos transportes e da dificuldade de importação, advinda com a eclosão da II Guerra. Já a partir dos anos 70, ampliaram-se as atividades econômicas municipais com a instalação das primeiras fábricas de médio porte, a criação do Centro das Indústrias de Feira de Santana (CIFS) e do Centro Industrial Subaé (CIS), propiciando a vinda de novos investimentos e atraindo ainda mais migrantes de todas as regiões para o município em busca de oportunidades de trabalho. Destaca-se também nesse período a implantação do ensino superior, com a fundação da Universidade Estadual de Feira de Santana no ano de 1976.

Almeida (2005) destaca que a urbanização de Feira de Santana é recente e bastante acelerada, de modo que, apenas nas décadas de 50 e 60, sua população concentra-se na zona rural, 68,03% e 50,70%, respectivamente. Na década de 70, a população rural é de apenas 27,37%, chegando a apenas 12,55% na década de 90.

A origem da maior cidade do interior da Bahia é, portanto, marcada por dois elementos³³ que, por sua vez, justificam e explicam o seu rápido crescimento e a dinâmica de sua economia³⁴, a posição geográfica – a meio do caminho entre a costa e o interior –, e uma evidente vocação para o comércio.

Os dados do último censo³⁵ do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam ainda que o município é composto por 556.756 habitantes, 91,73% destes se concentram na cidade e apenas 8,24% residem na zona rural. Sua área perfaz um total de 1.338 km², com densidade demográfica de 416,03 hab./km².

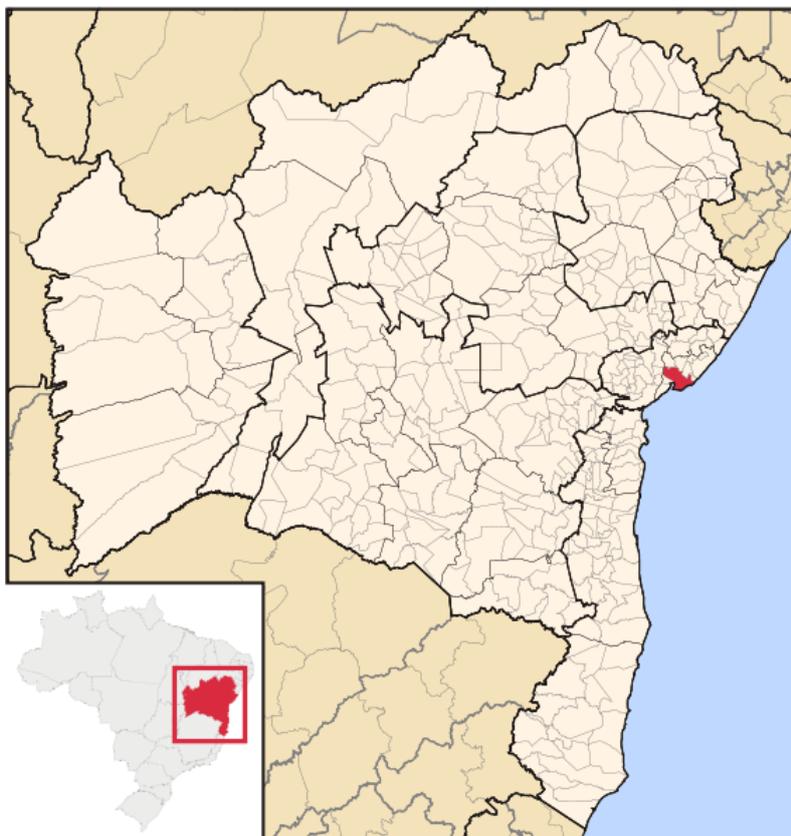
³³ Conferir Gama (2009).

³⁴ A economia do município firma-se atualmente na pecuária, na agricultura, no comércio e na indústria, sendo menos diversificada apenas que a capital do Estado, Salvador.

³⁵ Censo realizado no ano de 2010.

3.5.2 Salvador

Mapa 02: Localização de Salvador no Estado da Bahia



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bahia_Municip_Salvador.svg

Salvador é a capital do Estado da Bahia e, de acordo com o censo realizado pelo IBGE em 2010 continua a ser a terceira capital mais populosa do Brasil, com 2.675.656 habitantes, seguindo atrás apenas de São Paulo e rio de Janeiro.

As origens desta cidade remontam ao século XVI, 48 anos antes de sua fundação oficial, com a descoberta da Baía de Todos os Santos, no ano de 1501, pelo navegador Américo Vespúcio. Por conta de suas qualidades portuárias e de localização, a Baía se tornou referência para os navegadores, passando conseqüentemente a ser um dos pontos mais visitados e conhecidos do Novo Mundo. Isso motivou a ideia de construção da cidade. Assim, o rei D. João III nomeia Tomé de Souza para ser o Governador-geral do Brasil e fundar a primeira metrópole portuguesa na América.

Em 29 de março de 1549, aporta na Vila Velha (hoje Porto da Barra) a armada portuguesa, comandada pelo português Diogo Alvares, o Caramuru. Assim, funda-se oficialmente a cidade de *Cidade do São Salvador da Baía de Todos os Santos*, que desempenhou um papel estratégico na defesa e expansão do domínio lusitano entre os séculos XVI e XVIII, sendo a capital do Brasil de 1549 a 1763, quando é transferida para a cidade do Rio de Janeiro. A partir do século XVI, a capital baiana se tornou o maior porto para a chegada de escravos africanos no Brasil. Por influência econômica das atividades portuárias e da produção de açúcar, do fumo e do gado do Recôncavo a cidade prosperou bastante.

A riqueza da Capital atraiu a atenção de estrangeiros, que promoveram expedições para conquistá-la, de modo que, saques e bombardeios de corsários ao porto de Salvador eram frequentes no final do século XVI e o início do século XVII. Como capital da Província da Bahia, a cidade manteve sua importância política e econômica e, em 1808, recebeu a família real portuguesa, que fugia das tropas de Napoleão. Nessa ocasião, o príncipe regente D. João abriu os portos às nações amigas e fundou a Escola Médico-Cirúrgica, primeira faculdade de medicina do País.

Em 1823, um ano depois da proclamação da Independência do Brasil, a Bahia continuava ocupada pelas tropas portuguesas do Brigadeiro Madeira de Mello. No dia 2 de julho do mesmo ano, consolida-se a independência do Brasil, quando ocorre em Salvador um dos mais importantes acontecimentos históricos para o estado, a Independência da Bahia. Esta data passou a ser referência cívica dos baianos, sendo comemorada anualmente com intensa participação popular.

Salvador figura como o maior centro econômico do estado - é porto exportador, centro industrial e turístico, possui diversas universidades e uma base naval. Com relação aos aspectos étnicos, segundo dados divulgados pelo IBGE em 2010, para a região metropolitana de Salvador, 51,7% da população é de cor parda, 27,8% negra, 18,9% branca, 1,3% povos asiáticos e 0,3% povos ameríndios. Salvador é a cidade com o maior número de descendentes de africanos no mundo, seguida por Nova York.

3.6 OS FATORES ANALISADOS

Estabelecida a referência de segunda pessoa do singular como variável dependente, buscamos relacionar quais as variantes disponíveis aos falantes. Embora tenhamos encontrado quatro estratégias, a saber: *você*, *tu*, *senhor(a)* e *cê*, neste trabalho daremos atenção especial às variantes *tu* e *você*.

Entre os fatores linguístico-discursivos que estariam atuando na escolha das variantes em concorrência selecionamos os seguintes para a análise:

3.6.1 Função sintática da variante

a) Sujeito

(05) Ah, **você** quer que chegue no carpinteiro e no marceneiro.
(NURC/19/H1)

(06) **Tu** falou do mestrado. (SCM1)

b) Não sujeito

(07) (...) Aí, arranjou a escola, e a gente não tinha casa perto de morar. A gente pegava qualquer livro veio naquele tempo. Ela disse: “eu quero que **tu** vá pá escola.” (...) (SCH3)

(08) Ela está tomando cursinho e vou dizer a **você**. (PEPP/01/M3)

Hipótese: Acreditamos que a função de sujeito favorece a forma *você* nos *corpora* investigados. Ao analisar este fator, Mota (2008) verifica que ele se mostra estatisticamente relevante no uso da forma *tu*, sendo este pronome favorecido pela função objeto, com peso relativo 0,91. Tendo em vista que os *corpora* utilizados nesta pesquisa se equiparam ao *corpus* de Mota (2008), entrevistas sociolinguísticas, acreditamos que a variante *tu* também será favorecida pela função não sujeito.

3.6.2 Tipo de frase

a) Declarativa

(09) (...) Uma fica: “ô mainha ó isso aqui mainha, isso aqui tá fazendo! Mainha tá vestindo minha roupa num sei quem...” eu vou lá, ó **tu** precisa ver como é. (SPM1)

(10) (...) Eu não consigo me ver dentro de uma casa mais de.. **você** passar o dia inteiro dentro de casa fechada, ave Maria! (SCM1)

b) Não declarativa

(11) Então, **você** sabe que é camelô? (NURC/04/M1)

(12) “(...) **Tu** gosta de um cafezinho minha filha, gosta de um cafezinho?” (SPM1)

Lucca (2005) mediu a entoação entre as frases declarativas, interrogativas e exclamativas em função da variante *tu* e constatou que as estruturas exclamativas favorecem o *tu* (94% das ocorrências), com peso relativo 0,87. As interrogativas apresentaram peso relativo de 0,54, ou seja, demonstrando exercer um efeito neutro sobre o uso de *tu*. Já em Andrade (2010) as frases interrogativas favoreceram o *tu*, com 46,7% do total dos dados e as frases não interrogativas favoreceram a forma *você*, com 45,8% das ocorrências.

Hipótese: Acreditamos que, como em Andrade (2010), as frases interrogativas favorecem o uso de *tu*, por acreditar também que esta forma ocorra com maior frequência no discurso relatado, em que os informantes se encontram mais envolvidos emocionalmente, preocupados apenas com o *que* está sendo relatado.

3.6.3 Tempo verbal:

a) Passado

(13) (...) Pão, bolacha, bolachão, todo dia os vendedores traziam o balaio. Então parava na porta de sua casa, **você** escolhia os pães, não é? (NURC/06R/H3)

(14) Não, ele, eu descia, o último bonde era duas horas, que o elevador fechava meia noite, então **você** tinha que descer a ladeira e era a Misericórdia que eu descia. (PEPP/06/H3)

b) Não passado

(15) (...) E ainda depois que eu fiz os exames foi sofrimento com aquela criatura, **tu** não imagina só. (SPM3)

(16) Na sala, na sala **você** teria mesas com cadeiras, né?
(NURC /173R/M2)

Hipótese: Incluímos este fator a fim de verificar se exerce alguma influência sobre o uso das formas em variação. Acreditamos que o tempo passado favorece o uso do pronome *você* nos três *corpora*.

3.6.4 Tipo de discurso

a) Relatado

(17) (...) Tem hora que eu chamo ela de minha filha, quando liga “oi minha filha quando é que **tu** vem aqui?” (SPM2)

(18) Ela era assim uma senhora, já era uma senhora assim morena, alta e era muito boa pra mim, tudo mais, “é D... **você** tenha paciência vá **você** vá estudar pra depois **você** ser, ser alguma, alguma coisa porque hoje em dia a gente tem que estudar, **você** está vendo eu, eu estou aqui, eu cheguei até onde eu estou porque eu me esforcei”.
(PEPP/31/M2)

b) Direto

(19) Quer dizer, quando **você** recebe ali, **você** já recebe o projeto quase feito. (SPH1)

(20) (...) ah, rapaz, **tu** acredita que eu esqueci o termo? é... (SCH1)

Hipótese: À luz de Mota (2008), acreditamos que o tipo de discurso relatado favorece o uso de *tu*, uma vez que ao narrar um fato, ou uma história, o falante tende a se envolver de tal modo com o que está sendo contado, a

ponto de produzir um discurso em estilo mais informal, preocupando-se menos com sua fala. Acreditamos também que o *você* é desfavorecido pelo discurso relatado, prevalecendo nos discursos diretos. Os resultados dos testes de produção realizados por Mota (2008) mostraram que o discurso relatado exerce forte relevância em relação ao uso de *tu*, com peso relativo 0,85.

Alves (2012) analisa o fator tipo de relato (próprio ou de terceiro) e verifica que, nos dados do ALiMA, a ocorrência da variante *tu* é fortemente favorecida pelos discursos relatados de terceiro. A autora cita Menon e Loregian-Penkal (2002, p 183) “no discurso relatado de terceiros, ele [o falante] ‘culpabiliza’ o outro na ocorrência do pronome; como ele reproduz a fala do outro, pode estar aí a consciência linguística da mudança, mas sempre na boca do outro, não na sua”. Apesar de não fazermos a mesma subdivisão feita por Alves (2012), acreditamos que a hipótese restou reforçada.

3.6.5 Tipo de referência

a) Específica

(21) Mas eu tinha uma von... **tu** conhece aquelas bonequinhas de pano num conhece? (SPM2)

(22) **Você** sabe onde é a Matriz? (SPH3)

b) Genérica

(23) E me atrapalha, e atrapalha, a pior coisa quando **você** está tocando, chega no meio, eh... bate palmas... coisa horrível, tem que esperar o cara terminar, né? (NURC/96/H2)

(24) (...) Shopping, aonde aquilo é shopping? **Você** entra ali, roda, roda, sai no mesmo lugar! Não vale a pena nem **você** conhecer o comércio de Feira de Santana. (SPH2)

A variável tipo de referência é amplamente estudada nas pesquisas que tratam das formas de tratamento *tu/você*. Destacamos aqui Martins (2010), Andrade (2010), Modesto (2006) e Franceshini (2011a) que tiveram esse fator selecionado como estatisticamente relevante em suas pesquisas. Esses estudos têm em comum o fato de mostrarem que o *você* foi favorecido pela

referência genérica e o *tu* pela referência específica. À luz deles é que propomos nossa hipótese.

Hipótese: O tipo de referência genérica favorece o *você* nas duas cidades; o uso de *tu* em sentido oposto ao de *você* é favorecido quando se trata de referência específica.

Para a análise, consideramos os seguintes fatores sociais:

3.6.6 Sexo do falante

Segundo Moreno Fernández (1998, p. 37), a mulher geralmente é mais sensível aos padrões de prestígio do que os homens, ou seja, apresentam uma atitude mais positiva do que os homens para usos que estejam de acordo com o padrão, enquanto os homens tendem a concentrar seus usos nos chamados *vernáculos* e nas variedades locais com mais frequência que as mulheres.

Paiva (2008) afirma que há uma maior consciência feminina do *status* social das formas linguísticas, ela cita o estudo feito por Paredes Silva (1996), acerca da alternância das formas de tratamento no Rio de Janeiro, em que a ocorrência do pronome *tu* sem a concordância é mais frequente na fala de homens (peso relativo de 0,57) do que na fala de mulheres (peso relativo de 0,43).

Hipótese: Acreditamos que, de forma geral, a preferência das mulheres será pelo pronome *você* pelo prestígio social a ele atribuído. Aventamos a hipótese de que as ocorrências de *tu* em Salvador serão predominantemente na fala dos homens, como este pronome geralmente é utilizado sem a marca de segunda pessoa, acreditamos que seu uso é marcado socialmente nesta cidade. Já em Feira de Santana, acreditamos que a forma *tu* terá uso semelhante entre homens e mulheres por acreditarmos que esta seja uma forma não marcada nesta localidade.

3.6.7 Escolaridade

Esta variável tem sido amplamente utilizada em estudos sociolinguísticos, de forma geral, acredita-se que informantes com nível

superior tendem a exteriorizar uma gramática com estruturas de maior prestígio social. As formas estigmatizadas tendem a ser utilizadas em contextos muito específicos e com baixa frequência.

Ao analisar este fator, Modesto (2006) verifica que os informantes com maior grau de escolaridade tendem a utilizar o pronome *tu* em frequência menor que os informantes com menor escolaridade, correspondendo a apenas 29% dos dados. Esta variável se mostra estatisticamente relevante em sua pesquisa, falantes menos escolarizados possuem uma maior probabilidade de uso da forma *tu* em sua fala, como demonstrado através do respectivo peso relativo, 0,6.

Hipótese: Com relação aos informantes de Salvador, acreditamos que os que possuem nível superior utilizarão apenas a forma *você*, ao passo que os que têm pouca escolaridade utilizarão as duas formas, tanto o *tu* como o *você*. Estes, por sua vez, utilizarão o *tu* em discursos relatados, por proporcionarem um estilo mais informal. Percebemos que em Salvador a variante *tu* marca a questão da identidade do informante, mais especificamente que este não é da cidade; paralelo a isso, é utilizado apenas em contextos mais íntimos, pois se trata de uma forma marcada socialmente. Já em Feira de Santana, acreditamos que tanto os falantes que possuem nível fundamental quanto os que possuem o nível superior completo utilizarão a forma *tu*.

Levando-se em conta que o *corpus* é formado por entrevistas sociolinguísticas, temos que os falantes com nível superior utilizarão a forma *tu* em menor frequência que os menos escolarizados. Acreditamos ainda que as ocorrências deste pronome não apresentarão a concordância canônica de segunda pessoa, tanto na fala culta como na popular.

3.6.8 Faixa etária

Segundo Moreno Fernández (1998, p. 40),

La edad de los hablantes, como se ha señalado desde la dialectología, es uno de los factores sociales que con mayor fuerza y claridad pueden determinar los usos lingüísticos de una comunidad de habla. En cierto modo, puede afirmarse que la edad condiciona la variación lingüística con más intensidad que otros factores, también importantes, como el sexo o la clase social. [...] La edad, conforme el

tiempo transcurre, va determinando y modificando los caracteres y los hábitos sociales de los individuos³⁶.

Ainda de acordo com esse autor, tanto as diferenças decorrentes da idade, como a relação que a idade estabelece com outros fatores sociais oferecem diversas implicações sociolinguísticas, de acordo com a cultura e o tipo de comunidade em questão.

Como a distribuição da faixa etária não foi a mesma nos três *corpora* estudados adotamos a faixa etária utilizada como critério em dois deles³⁷. Faixa I (25 a 35 anos), faixa II (45 a 55 anos) e faixa III (acima de 65 anos).

Hipótese: Acreditamos que em nossos dados ocorre o mesmo que em Dias (2007) e em Amor Divino (2008), são os mais jovens que utilizam a variante *tu* em maior frequência.

3.6.9 Localidade

- a) Feira de Santana
- b) Salvador

Hipótese: Acreditamos que os falantes de Feira de Santana utilizarão o *tu* em maior frequência que os de Salvador e que, em sentido oposto, em Salvador a prevalência será do pronome *você*.

Como moradora da cidade de Feira de Santana há treze anos, tenho observado, ao longo desse tempo, que o pronome *tu* sem a concordância canônica de segunda pessoa é um fato linguístico que marca esta localidade. Logo nos primeiros anos como moradora desta cidade, em visita a São Sebastião do Passé (BA), cidade onde morava anteriormente, ouvi um comentário que muito chamou a atenção, quando ao rever amigas antigas uma colega disse: “Você já pegou o *tu* de Feira, hein?”. Daquele momento em diante, passei a observar mais atentamente a fala dos moradores desta cidade

³⁶ A idade dos falantes, como se tem observado desde a dialetologia, é um dos fatores sociais que com maior força e clareza podem determinar os usos linguísticos de uma comunidade de fala. De certa forma podemos dizer que a idade condiciona a variação linguística com maior intensidade que outros fatores, também importantes, como o sexo ou a classe social. [...] A idade, conforme o tempo passa, vai determinando e modificando as características e os hábitos sociais dos indivíduos (Tradução do autor).

³⁷ *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano e PEPP*.

e pude perceber que este pronome é amplamente utilizado pelos feirenses, independentemente de faixa etária e de classe social. Percebi, também, que, em situações em que os falantes se deparam com uma pessoa desconhecida, inicialmente utilizam o pronome *você*. Diante disso, acreditamos que o uso do pronome *tu* será mais frequente nos dados desta comunidade.

3.7 CONTROLE QUANTITATIVO DOS DADOS

A primeira etapa desta pesquisa consistiu no levantamento dos dados nos *corpora* selecionados. Procedemos, em seguida, a um levantamento das ocorrências relacionadas a cada variável a ser analisada.

Vencidas essas etapas, pudemos constatar que, diferentemente do que pensávamos, houve baixíssimo número de ocorrências da forma pronominal *tu* nos dados de Feira de Santana. Entendemos que ocorreu nos dados o mesmo que em Paredes Silva (2003) ao pesquisar as formas de tratamento no projeto Censo/PEUL, o gênero do discurso – entrevista nos moldes sociolinguísticos – influenciou diretamente os números obtidos. O método de entrevista sociolinguística consiste, segundo Tarallo (2011, p. 21), em “minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador”, de modo que o informante se expresse o mais natural possível. Como aponta Paredes Silva (2003, p. 162), esses dados de fala não visam à interação, e é justamente nos contextos de maior interação, intimidade, informalidade que ocorre o pronome *tu*.

Além de acreditarmos na influência do gênero do discurso, sobretudo no que se refere à comunidade de fala de Feira de Santana, outro fator nos chamou a atenção no sentido de entender que a variante *tu* é mais usual em Feira de Santana do que os dados podem retratar. Refere-se à consciência linguística que muitos deles revelaram ter quanto ao uso dessa variante pelos falantes dessa localidade. Podemos comprovar essa consciência linguística com base nos próprios dados do projeto *A língua portuguesa no semiárido baiano*, em que parte dos documentadores perguntou a alguns informantes acerca das formas de tratamento, quais as que eles mais utilizavam e, em alguns casos, chegaram a perguntar acerca do contexto, em que situação eles as utilizavam.

Em (25), (26) e (28), os informantes assumiram usar mais o *tu* que o *você*, sendo que em (25) o informante acrescenta que não faz a concordância. Já em (27), o informante afirma que se policia para não usar o *tu* por considerar que os falantes de Feira de Santana “falam errado”, não usam o *tu* com a concordância. Interessante notar em (29) que, além de o falante ter afirmado utilizar mais o *você*, ele aponta os contextos em que usa o *tu*, sendo esses de maior intimidade.

- (25) DOC: [Risos]. Tá certo. E assim, é... das formas de tratamento, né, tu, você, senhor, senhora, qual que você utiliza pra falar com um irmão? Seu irmão.
 INF: Eu...uso...o *tu*, mas uso *tu* sem fazer a [ri], não falo *tu* vais, *tu* vai é o...
 DOC: Conjuguar.
 INF: Eu não consigo, não consigo, em alguns momentos eu falo *tu* vai, esse tipo de coisa, né, eu acho que com meus irmãos o *tu*. Com a pes...
 DOC: Claro. Sim, com sua irmã, seu irmão.
 INF: Com, com minha irmã também, com irmão. Com pessoas que eu não tenho muita proximidade, não conheço, *você*.
 DOC: Hum-hum.
 INF: Você. É, e o senhor e senhora eu tô usando, estou usando muito pouco. Estou usando muito pouco.
 DOC: Certo.
 INF: Eu trato hoje muito mais, assim fora do círculo de amizade, de proximidade, eu trato como, como *você*.
 DOC: Hum-hum.
 INF: {Tô usando} muito *você*.

(SCH1)

- (26) DOC: É até três horas, vou perguntar a última coisa aqui, ah, quando você, você usa mais o, quando você se relacio..., vai se dirigir às pessoas você usa mais você, tu agen..., é, vocês?
 INF: Uso mais o *tu*
 DOC: Mas você não usou o *tu* comigo em nenhum momento
 INF: Não usei né? Mas nas relações, não sei, mais íntimas assim eu uso o *tu*
 DOC: É você não usou o *tu*
 INF: Não usei, né?
 DOC: Em nenhum momento, você usou *você*, a gente
 INF: Às vezes até me polício, eu tinha uma amiga aqui na UEFS né, ela dizia poxa, porque vocês usam o *tu* aqui? É e às vê..., e o *tu* às vezes eu, eu me sinto mais à vontade quando eu uso com pessoas mais próximas né, que eu tenho mais aproximação, mas às vezes eu me pego usando com pessoas distantes também, e eu percebo assim pessoas que não gostam, que eu não

tenho uma certa aproximação, intimidade né, e o *tu* é algo que eu acho mais próximo, mais íntimo, não sei...

DOC: É, a gente fala muito o tu mesmo em Feira, mas você não usou nenhum tu.

INF: Não usei não é? Mas eu uso muito.

DOC: Mas você tem consciência que você usa o tu?

INF: Tenho, tenho consciência sim que eu uso o tu [risos].

(SCM1)

(27) Doc: [Ri] tá certo. Bem, assim, é das formas de tratamento: tu, você...

Inf: Eu uso você.

Doc: Qual é a que o senhor usa mais?

Inf: *Você*. Num, não uso tu de jeito nenhum, porque aqui fala-se o *tu* errado.

Doc: Hum.

Inf: “*Tu vai*” [ri], coisas assim desse tipo.

Doc: Ham-ham.

Inf: Então, pra poder fugir desse erro que é muito comum e habitual que se ouve muito aí: “*Tu vai, tu vai, tu vai*”, aí eu fujo do *tu*, não arrisco falar o *tu* pra poder não ser pego no, no dialeto que se fala e que ouvimos e de uma hora pra outra, verbalmente, pode sair.

Doc: Hum-hum.

Inf: Por que falamos muito do que ouvimos no in torno do dialeto no in torno. Então, eu tenho medo de, de ser traído, então, eu aboli da minha linguagem o tu, o tu não entra.

Doc: [Ri].

Inf: Mas houve uma intencionalidade e um policiamento.

(SCH2)

(28) DOC: E no seu, e no seu cotidiano, no seu dia a dia , a senhora usa dona L. mais o tu ou o você.

INF: O *tu*. Eu não sei por que é sotaque baiano, feirense não né, *tu*...Uso *você* também Jane, mas eu não me importo, eu nunca parei pra reparar isso não viu, não reparei essas coisas ainda não esse negocio de *tu, você* não, mas eu acho que é mais *tu*, viu? *Tu* gosta de um cafezinho minha filha, gosta de um cafezinho?

(SPM1)

(29) DOC: Foi. Foi pra mãe. Seu A. no seu dia a dia, o senhor usa mais o tu ou o você?

INF: *Você.*

DOC: O senhor usa o tu em alguma, em algum momento?

INF: Não. *Você* me faça favor, *você* me faz isso, *tu* – só dentro de casa mesmo assim - é *tu* não sei o quê, *tu* não sei o quê ou quando eu tô jogando uma bola, baba, baba assim mesmo – oh! *Tu* é ruim, *tu* é ruim, *tu* é jogador ruim – aquele negócio, mas *você* é diferente na sociedade hoje. Quero falar com... *Você* faça um favor, quando eu peço favor tudo... Tem que ver vai... No baba é assim só com amigos mesmo – *Tu* é ruim – aí pronto.

(SPH2)

Diante de tais afirmações e à luz de Paredes Silva (2003), julgamos necessário realizar gravações espontâneas a fim de que pudéssemos ilustrar as ocorrências do pronome *tu* em contextos mais descontraídos, visto que o gênero do discurso se revelou, em pesquisas anteriores³⁸, ser um fator bastante relevante para a escolha deste pronome.

Partimos, então, para as gravações. Escolhemos contextos nos quais pudéssemos captar conversas descontraídas, tais como salão de beleza, reunião entre amigas, visita a um colega, bate-papo entre colegas. Realizamos gravações espontâneas entre pessoas conhecidas, de modo que, em sua maioria, a pesquisadora também participou³⁹. Tivemos o cuidado de gravar apenas conversas cujos participantes eram naturais de Feira de Santana, ou que nesta cidade chegaram até os cinco anos de idade, seguindo assim, os critérios do Projeto NURC.

Feitas as gravações, comunicamos aos participantes que, unanimemente, consentiram seu uso nesta pesquisa. Alguns deles pediram apenas que seus nomes fossem alterados. Para uniformizar a amostra, optamos por numerar cada informante, sem que lhes fossem atribuídos nomes fictícios. Realizamos um total de 11 gravações, mas por conta da qualidade do áudio (muito baixo, ou com muitos ruídos) tivemos que excluir 04 delas, restando apenas 07.

³⁸ Paredes Silva (2003), Modesto (2006), Amor Divino (2008) e Martins (2010).

³⁹ As falas da pesquisadora não foram consideradas para esta pesquisa. Além de ter ciência de que as gravações estavam acontecendo, a pesquisadora não preenche os pré-requisitos necessários.

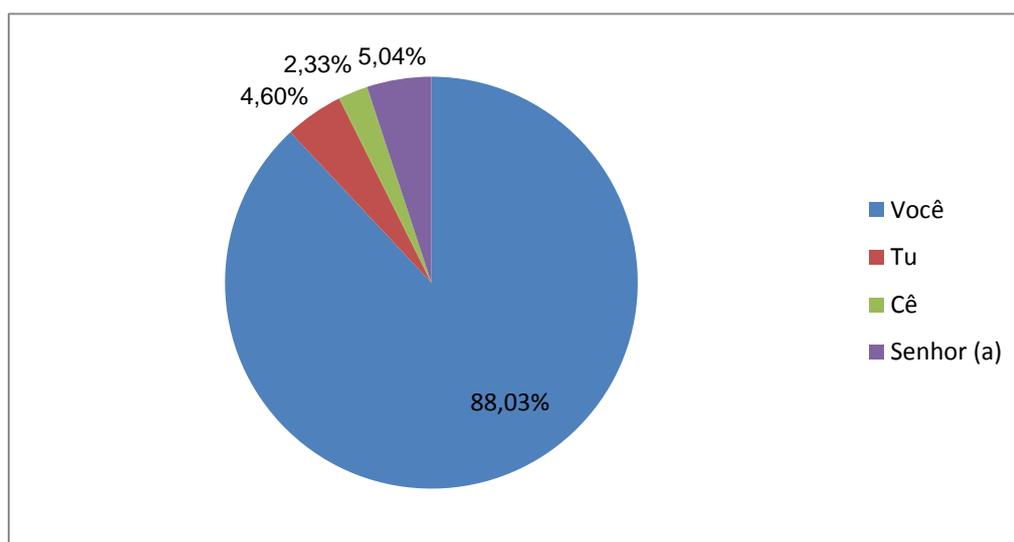
O tempo de cada gravação variou entre onze e vinte e sete minutos, sendo sistematizados dados de fala de 12 informantes, 07 mulheres e 05 homens. Quatro mulheres pertencentes à faixa etária I (25-35 anos) e três pertencentes à faixa etária II (45-55 anos). Com relação aos homens, três deles são da faixa I e dois da faixa etária II. Após serem feitas as transcrições, realizamos a análise desses dados complementares.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo será apresentada a análise dos resultados obtidos nesta pesquisa, consideramos na análise os fatores sociais: sexo, escolaridade, faixa etária e localidade. Para a análise dos fatores linguístico-discursivos, tivemos por base alguns fatores que se mostraram relevantes na escolha das formas de tratamento em pesquisas anteriores⁴⁰: função sintática da variante (sujeito ou não sujeito), tipo de frase (declarativa ou não declarativa), tempo verbal (passado ou não passado), tipo de discurso (relatado ou direto) e tipo de referência (específica ou genérica).

Antes de iniciarmos a exposição dos resultados, faremos uma descrição dos dados encontrados nos *corpora*:

Gráfico 01: Totais de referência à segunda pessoa nos *corpora* analisados



O total geral de ocorrências dos pronomes *você*, *tu*, *senhor (a)* e *cê* foi de 1804 dados. Houve 1588 ocorrências de *você*, 83 ocorrências de *tu*, 91 ocorrências de *senhor (a)* e 42 ocorrências da forma reduzida de *você*, *cê*.

Diferentemente do que ocorre em outras regiões em que a forma *tu* ocorre com maior frequência, como em Tefé (MARTINS, 2010), Rio de Janeiro (PAREDES SILVA, 2003) e Porto Alegre (LOREGIAN-PENKAL, 2004), nas cidades de Feira de Santana e de Salvador – Bahia, a preferência geral dos

⁴⁰ Dias (2007), Mota (2008), Silva (2009), Martins (2010), Amor Divino (2008) e Modesto (2006).

falantes recai sobre o pronome *você*. Este pronome ocorre em 88,03% dos dados, contra apenas 4,6% de *tu*.

É interessante destacar que, dos 48 informantes entrevistados pelos respectivos projetos, apenas 17 usaram o pronome *tu*. E, destes, apenas um utilizou a concordância canônica de segunda pessoa. Interessante pontuar também que esse informante era uma pessoa religiosa e, ao final da entrevista, falou com as pesquisadoras que gostaria de fazer uma oração por elas. Assim o fez, e foi nesse momento que utilizou *tu* + 2ª p. s., conforme podemos verificar em (30). Os demais utilizaram a mesma concordância feita a *você/cê*.

(30) [...] Oh Deus, mostrando que só **tu** és o Senhor que só o Senhor, ó Deus, pode solucionar ó Senhor todos os problemas, Deus **tu** disseste na tua palavra que bendita é a nação cujo o Deus é o Senhor, Deus todas essas bênçãos, Senhor, nós te pedimos e te agradecemos, desde agora e para todo sempre no nome de Jesus, Amém. (PEPP/40/H1)

Outro ponto importante a ser destacado é que, a forma considerada mais formal *senhor (a)* chega a superar os dados de *tu*, com 5,04% dos dados, contrariando nossas expectativas.

Resolvemos agrupar os dados de *cê* aos de *você* nesta análise e, como já dito, apesar de termos encontrado quatro estratégias, *você*, *tu*, *senhor(a)* e *cê*, daremos atenção especial às variantes *tu* e *você*. Dessa forma, a Tabela 28 ilustra a distribuição dos dados a serem analisados.

Tabela 28: Totais de referência à segunda pessoa nos *corpora* investigados

VOCÊ	TU	Total
1630/1713 = 95,15%	83/1713 = 4,85%	1713 = 100%

4.1 FATORES LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

4.1.1 Função sintática da variante

Para a análise da função sintática do sintagma nominal (SN) adotamos a categorização proposta por Ramos (1997), descrita em Mota (2008). De um lado, analisamos as ocorrências das variantes na função sujeito e, do outro, as ocorrências de objeto de verbo e objeto de preposição, considerando esta última como não sujeito.

À luz de Loregian-Penkall (2004) e Andrade (2010), levamos em consideração nesta análise todas as hesitações e interrupções, características da oralidade. Esses dados foram inseridos na classificação também adotada por Andrade (2010), *frases sem verbo*. Vejamos alguns exemplos a seguir:

(31) [...] Dependendo do objetivo do... do prédio, do tipo de... de serviço que seja... prestado, *você* tem mais salas, né? mas eu acho que os elevadores são mantidos, eh... as áreas de circulação são mantidas, né? **Você** eh... **você** tem talvez um número maior de salas... [...] (NURC/173R/M2)

(32) Aí eu dizia assim, Deus me perdoe meu pai, mas naquele tempo (...inint...) eu dizia assim, “oh miserável”, bem assim, dizia assim, “oh miserável **tu** me, **tu** vai ver se eu não vou”. (PEPP/ 31/M2)

Ao analisar esse fator na cidade de Santos, tendo em vista as funções subjetiva e objetiva, Modesto (2006) constata que, em termos percentuais, a função objetiva da forma *tu* prevalece sobre as demais formas, com peso relativo 0,77. Quanto ao pronome *você*, a frequência de uso é maior na função objetiva, com peso relativo 0,54. De forma semelhante ocorre nos resultados encontrados por Mota (2008) nos dados de São João da Ponte (MG), em que o pronome *tu* é favorecido pela função objetiva, com peso relativo 0,91.

Acreditávamos que os resultados desta pesquisa seriam semelhantes aos encontrados por Mota (2008), uma vez que os *corpora* foram coletados

através de entrevistas tipicamente sociolinguísticas. Vejamos os resultados na Tabela 29.

Tabela 29: Efeito do fator função sintática da variante sobre o uso de *tu/você*

FUNÇÃO SINTÁTICA DA VARIANTE	VOCÊ	TU
Sujeito	1454/1502 = 97,8%	48/1502 = 3%
Não sujeito	119/148 = 80,4%	29/148 = 19,6%
Sem verbo	57/63 = 90,5%	06/63 = 9,5%

É notável que o pronome *você* segue a tendência apontada por estudos anteriores (MODESTO, 2006; MOTA, 2008), sendo favorecido pela função sujeito, correspondendo a 97,8% dos dados. O pronome *tu* demonstra ser favorecido pela função não sujeito, com 19,6% das ocorrências, posto que em função subjetiva apresenta apenas 3% de ocorrências.

Ao analisarmos o efeito deste fator sobre o uso das variantes *tu/você* levando-se em conta a localidade estudada, verificamos que essa tendência também se confirma. Em Feira de Santana e em Salvador, o pronome *você* demonstra ser amplamente favorecido pela função sujeito, correspondendo a 94% e 99,3% dos dados, respectivamente. Já o pronome *tu* ocorre com maior frequência quando não se encontra em função subjetiva, correspondendo a 29% dos dados em Feira de Santana e a 3,6% dos dados em Salvador. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 30.

Tabela 30: Efeito do fator função sintática da variante sobre o uso de *tu/você* em Feira de Santana e em Salvador

LOCALIDADE	FUNÇÃO SINTÁTICA DA VARIANTE	VOCÊ	TU
Feira de Santana	Sujeito	657/699 = 94%	42/699 = 6%
	Não sujeito	66/93 = 71%	27/93 = 29%
	Sem verbo	25/30 = 83,3%	05/30 = 16,7%
Salvador	Sujeito	797/803 = 99,3%	06/803 = 0,7%

Não sujeito	53/55 = 96,4%	02/55 = 3,6%
Sem verbo	32/33 = 97%	01/33 = 3%

Como demonstrado nas Tabelas 29 e 30, nossa hipótese foi confirmada, os dados de Feira de Santana e de Salvador seguem a tendência apontada pelos estudos de Modesto (2006) e Mota (2008) com relação a esse fator de natureza linguística.

4.1.2 Tipo de frase

Os tipos de frase considerados na análise foram declarativas e não declarativas; elencamos também, no grupo das declarativas, as sentenças exclamativas. Ao controlar esse fator, gostaríamos de verificar, de maneira geral, se as sentenças não declarativas – interrogativas – exerciam algum efeito favorecedor no uso das formas pronominais, uma vez que essas estruturas tendem a refletir um estilo menos monitorado, de caráter mais emotivo.

Tínhamos como hipótese que em nossos dados ocorreria o mesmo que em Andrade (2010), as frases interrogativas favoreceriam o uso do pronome *tu*. Essa hipótese, no entanto, não foi confirmada nos resultados.

Tabela 31: Efeito do fator tipo de frase sobre o uso de *tu/você*

TIPO DE FRASE	VOCÊ	TU
Declarativa	1541/1615 = 95,4%	74/1615 = 4,6%
Não declarativa	89/98 = 90,8%	09/98 = 9,2%

Verificamos através dos dados da Tabela 31 que o pronome *você* é altamente favorecido por frases declarativas, correspondendo a 95,4% dos dados. O pronome *tu* demonstra ser favorecido por frases não declarativas, com 9,2% das ocorrências desse tipo de frase.

A fim de verificarmos se as localidades estudadas apresentariam comportamento linguístico semelhante, analisamos também o efeito desse fator em função da localidade. Como podemos conferir na Tabela 32, os resultados

revelam que, quando a frase é declarativa o pronome *você* ocorre com maior frequência nas duas cidades. Em Feira de Santana, corresponde a 91,5% dos dados e em Salvador quase chega a ser categórico, correspondendo a 98,9% dos dados. Contudo, em relação ao pronome *tu*, há um distanciamento entre elas, apenas em Feira de Santana foram encontrados dados deste pronome em frases interrogativas, correspondendo a 16,7% dos dados.

Tabela 32: Efeito do fator tipo de frase sobre o uso de *tu/você* em Feira de Santana e em Salvador

LOCALIDADE	TIPO DE FRASE	VOCÊ	TU
Feira de Santana			
	Declarativa	703/768 = 91,5%	65/768 = 8,5%
	Não declarativa	45/54 = 83,3%	09/54 = 16,7%
Salvador			
	Declarativa	838/847 = 98,9%	09/847 = 1,1%
	Não declarativa	44 = 100%	-

Ao analisar esse fator, Andrade (2010) verifica que as frases interrogativas favoreceram o *tu*, com 46,7% do total dos dados, e as frases não interrogativas (afirmativas e exclamativas) favoreceram a forma *você*, com 45,8% das ocorrências. Podemos perceber que os resultados de Feira de Santana se aproximam aos de Andrade (2010), as frases declarativas favorecem o *você*, ao passo que o pronome *tu* ocorre com maior frequência em frases não declarativas.

Os resultados referentes à variedade linguística de Salvador, apresentados na Tabela 32 revelam que essa variável pouco influencia nas ocorrências do pronome *você*. Este pronome apresenta alto índice de ocorrências em frases declarativas, 98,9%, sendo categórico seu uso em frases não declarativas. Em oposição aos resultados de Andrade (2010), nesta comunidade o pronome *tu* tem suas ocorrências concentradas nas frases declarativas.

4.1.3 Tempo verbal

Incluimos este fator na análise a fim de testar sua influência sobre o uso de *tu/você*. Assumimos como hipótese que, quando se trata de sentenças produzidas no tempo passado, o pronome utilizado com maior frequência nos dados é o *você*. Acreditávamos que em situações comunicativas em que o informante relata um fato, uma história, ele faria uso do pronome *você*, pelo menos em discursos relatados próprios.

Como citado, Menon e Loregian-Penkall (2002, p. 183) afirmam que “no discurso relatado de terceiros, ele [o falante] ‘culpabiliza’ o outro na ocorrência do pronome; como ele reproduz a fala do outro, pode estar aí a consciência linguística da mudança, mas sempre na boca do outro, não na sua”. Daí concluímos que, se os falantes tendem a reproduzir na fala do outro o pronome *tu*, resta para as falas reportadas próprias o uso do pronome *você*.

Tabela 33: Efeito do fator tempo verbal sobre o uso de *tu/você*

TEMPO VERBAL	VOCÊ	TU
Passado	137/139 = 98,6%	02/139 = 1,4%
Não passado	1493/1574 = 94,85%	81/1574 = 5,15%

A Tabela 33 mostra que 98,6% das ocorrências de sentenças produzidas, utilizando o tempo passado, correspondem à forma *você* e que, de forma semelhante, 94,85% das sentenças cujos verbos não estavam no tempo passado também correspondem à variante padrão *você*. Esse comportamento indica que não houve influência desse fator sobre o uso desta variante, não confirmando nossa hipótese inicial.

Com relação aos usos do pronome *tu*, a Tabela 33 demonstra que seu uso ocorre com frequência maior quando o tempo verbal não é passado, correspondendo a 5,15% do total de ocorrências. Ao analisarmos esse fator em função da localidade estudada, percebemos também que, com relação aos usos do pronome *você*, o comportamento linguístico se mostra semelhante. Em Feira de Santana e em Salvador, o pronome *você* é favorecido tanto pelo tempo passado, quanto pelos demais, como pode ser conferido na Tabela 34.

Tabela 34: Efeito do fator tempo verbal sobre o uso de *tu/você* em Feira de Santana e em Salvador

LOCALIDADE	TEMPO VERBAL	VOCÊ	TU
Feira de Santana			
	Passado	48/49 = 97,9%	01/49 = 2,1%
	Não passado	700/773 = 90,6%	73/773 = 9,4%
Salvador			
	Passado	89/90 = 98,9%	01/90 = 1,1%
	Não passado	793/801 = 99%	08/793 = 1%

Notemos também que o pronome *tu* se comporta de forma distinta nas duas cidades, em Feira de Santana, ele é favorecido quando o verbo não está no passado, correspondendo a 9,4% dos dados. Em Salvador, entretanto, seu uso não apresenta diferença percentual significativa quando o verbo está ou não no passado. Quando este está no passado, seu uso corresponde a um percentual de 1,1% e quando o verbo não está no passado corresponde a apenas 1% dos dados.

Podemos concluir, então, que, de forma geral, o tempo verbal passado exerce um efeito neutro sobre o pronome *você*, ao passo que o tempo não passado demonstra exercer efeito favorecedor sobre o uso do pronome *tu* em Feira de Santana.

4.1.4 Tipo de discurso

Para a análise deste fator, dividimos os dados em discurso direto e discurso relatado. O discurso direto engloba as falas produzidas no momento da interação verbal dirigidas diretamente ao documentador, ao passo que o discurso relatado subdivide-se em falas reproduzidas, quando o informante relata ao entrevistador (ou interlocutor) sua própria fala ou a de outrem; e falas imaginadas, quando o informante relata ao entrevistador uma situação que poderia vir a acontecer em outra situação conversacional. Como exemplo dos dois tipos de fala considerados no discurso reportado, reproduzidas e imaginadas, temos (33), e (34) respectivamente.

(33) Ela já, já intrometia, dizia, falava coisas pra mim que me deixava triste, falava, “**você** acha que ele vai querer alguma coisa com **você** sendo branco?”, quer dizer, eu já me, me se, já me sentia... (PEPP/29/M1)

(34) Eu dizia, não, não dizia na frente dele assim não, eu cá comigo no meu pensamento, eu dizia assim, “oh miserável, **tu** vai ver se eu não vou”, aí eu tinha eu e minha irmã, porque de irmã eu só tive duas, duas irmã mulher, foi quatro homem e duas irmã mulher, que é eu e a outra (...) (PEPP/31/M2)

Com relação a esse fator, acreditávamos que o tipo de discurso relatado favorecesse o uso de *tu*, por acreditar também que, ao narrar um fato ou uma história, o falante tende a se envolver de tal modo com o que está sendo contado, a ponto de produzir um discurso em estilo mais informal, preocupando-se menos com sua fala. Mota (2008), ao analisar esse fator, observa que o discurso relatado exerce forte relevância em relação ao uso de *tu*, com peso relativo 0,85.

Vejamos os resultados encontrados nos *corpora* estudados:

Tabela 35: Efeito do fator tipo de discurso sobre o uso de *tu/você*

TIPO DE DISCURSO	VOCÊ	TU
Direto	1297/1349 = 96,1%	52/1349 = 3,9%
Relatado	333/364 = 91,5%	31/364 = 8,5%

Os resultados dos cálculos probabilísticos, gerados a partir da amostra geral, indicam que o pronome *você* é favorecido pelos dois tipos de discurso analisados, indicando assim um efeito neutro desse fator sobre essa variante. Nossa hipótese em relação à frequência de uso do pronome *tu* pôde ser parcialmente confirmada. Apesar deste pronome ter ocorrido com baixa frequência quando o tipo de discurso é relatado, apenas 8,5% dos dados, podemos dizer que esse tipo de discurso favorece o uso dessa variante.

A fim de estabelecermos uma comparação entre os *corpora* das duas cidades estudadas e verificar se apresentam comportamento semelhante quanto a esse fator, resolvemos analisá-los separadamente. A Tabela 36 mostra os resultados.

Tabela 36: Efeito do fator tipo de discurso sobre o uso de *tu/você* em Feira de Santana e em Salvador

LOCALIDADE	TIPO DE DISCURSO	VOCÊ	TU
Feira de Santana			
	Direto	644/696 = 92,5%	52/696 = 7,5%
	Relatado	105/127 = 82,7%	22/127 = 17,3%
Salvador			
	Direto	654/657 = 99,54%	03/657 = 0,56%
	Relatado	228/234 = 97,4%	06/234 = 2,6%

A quantidade de usos de *você* quando o discurso é relatado demonstrou ser notadamente maior que o uso de *tu* nas duas comunidades estudadas. Em Feira de Santana, 92,5% dos dados de discurso direto correspondem à forma *você* e em Salvador seu uso quase chega a ser categórico. Com relação ao uso do pronome *tu*, a frequência de uso foi superior nos discursos relatados, em Feira de Santana apresenta percentual de 17,3% e em Salvador 2,6%, seguindo a tendência apresentada por Martins (2010) e Mota (2008), confirmando dessa forma nossa hipótese inicial.

4.1.5 Tipo de referência

Analisamos este fator levando-se em conta dois tipos de referência, a referência específica, referindo-se à variante cujo referente é o seu interlocutor, seja em discurso direto ou relatado e a referência genérica, em que o interlocutor refere-se a uma segunda pessoa qualquer, não específica. Apresentamos exemplos de referência específica em (35), (36) e (37) e de referência genérica em (38) e (39).

(35) Essa parte de... de lazer que **você** está dizendo, né? (SPH3)

(36) É que é tanto que na C... tem assim a orientação familiar, não é? que ele com esses problemas que aconteceu, então ele ficou, e tal, indeciso na vida dele, tanto que eu digo a ele: “Olha, **você** estude, entendeu? Porque eu estou aqui hoje, vivo, mas posso não estar, **você** não tem sua mãe e aí então, **você** estude, eu quero que **você** estude, **você** pode brincar, mas eu quero que **você** estude”. (PEPP/37/H2)

(37) Doc.: Certo. É, é.. .esse rapaz entra lá no seu setor de trabalho e quer saber onde fica o banheiro. Como é que você ensinaria?

Inf.: “É, **tu** segue em frente, é...” depender do local que eu estou “**Tu** segue em frente que o banheiro ta’li, tem uma placazinha masculino, feminino é só é **tu** seguir em frente que **tu** acha”. (SCH1)

(38) O motor **você** tem um bloco de motor, **você** tem piston, **você** tem a biela, tem o eixo (inint), **você** tem a... no motor da moto o... o magneto e a válvula de ignição. O magneto é quem faz a faísca em vez de, de **você** ter, como no carro, que **você** tem distribuidor, **você** tem a bateria, tem a bobina (superp). (NURC /277/H2)

(39) Também, para evitar as companhias erradas, porque, por exemplo, se hoje a gente vai no estádio de futebol assistir uma partida de jogo, tem todo tipo de gente ali, muitas das vezes **você** é envolvido numa coisa que **você** não tem nada a ver e **você** acaba pagando o pato. [...] (PEPP/40/H1)

Estudos anteriores (Martins, 2010, Andrade, 2010, Modesto, 2006 e Franceschini, 2011b) referendam que este fator é um dos mais relevantes na escolha entre as variantes *tu* e *você*, sendo o pronome *tu* favorecido quando a referência é específica e o pronome *você* favorecido quando a referência é genérica. Tínhamos como hipótese que os *corpora* analisados seguiriam a tendência apontada por estes estudos, em que o *tu* é favorecido por

referências específicas e o pronome *you*, por referências genéricas. Vejamos os resultados na Tabela 37:

Tabela 37: Efeito do fator tipo de referência sobre o uso de *tu/você*

TIPO DE REFERÊNCIA	VOCÊ	TU
Específica	512/595 = 86%	83/595 = 14%
Genérica	1118/1118 = 100%	-

Baseando-nos na Tabela apresentada, podemos dizer que a forma *tu* ocorre apenas como referência direta ao interlocutor, correspondendo a 14% dos dados, não havendo ocorrências desta variante em referências genéricas. Apesar de corresponder a 86% dos dados de referências específicas, demonstrando exercer efeito favorecedor sobre esta variável, o pronome *you* é fortemente favorecido por referências genéricas, chegando a ser categórico no uso destas.

Como pudemos perceber, nossa hipótese restou confirmada, os resultados seguem a tendência apresentada pelos estudos das demais regiões. Resta-nos, porém, conferir se o comportamento das variantes em análise em função desse fator é equivalente nas localidades estudadas.

Tabela 38: Efeito do fator tipo de referência sobre o uso de *tu/você* em Feira de Santana e em Salvador

LOCALIDADE	TIPO DE REFERÊNCIA	VOCÊ	TU
Feira de Santana	Específica	211/285 = 74%	74/285 = 26%
	Genérica	537/537 = 100%	-
Salvador	Específica	301/310 = 97,1%	09/310 = 2,9%
	Genérica	581/581 = 100%	-

Conforme podemos observar na Tabela 38, os resultados são equivalentes nas duas comunidades, a forma *tu* é usada apenas em referências específicas, correspondendo a 26% dos dados em Feira de

Santana e a 2,9% dos dados em Salvador. Quando se trata de referências genéricas o pronome *você* é categórico nas duas cidades, seguindo, assim, a tendência dos estudos das demais regiões⁴¹.

4.2 FATORES SOCIAIS

4.2.1 Sexo

Nossa hipótese inicial em relação ao sexo do falante era a de que, de forma geral, a preferência das mulheres seria pelo pronome *você*, por ser esta a variante de maior prestígio social nas duas comunidades estudadas. Como afirma Monteiro (2000, p. 75), citando Trudgill, “as mulheres têm uma linguagem mais conservadora. Elas valorizam muito mais as formas de prestígio, porque receberam uma educação que insiste bastante que se deve falar de um jeito e não de outro”. O autor ainda acrescenta:

As diferenças linguísticas em função do sexo surgem porque a língua, como um fenômeno social, está estreitamente relacionada às atitudes sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes no sentido de que a sociedade lhes confere papéis distintos e espera que utilizem padrões de comportamentos também distintos. (MONTEIRO, 2000, p. 75)

Algumas pesquisas sobre os pronomes de segunda pessoa (PAREDES SILVA, 2003; LUCCA, 2005; DIAS, 2007) atestam essa tendência, confirmada apenas parcialmente em nossos dados.

Tabela 39: Variação *você/tu* com relação ao sexo do informante

SEXO	VOCÊ	TU
HOMEM	726/775 = 93,7%	49/775 = 6,3%
MULHER	904/938 = 96,4%	34/938 = 3,6%

Verificamos através dos resultados da Tabela 39 que as mulheres utilizam em maior frequência a variante padrão, tal como ensinada na escola. A

⁴¹ Martins (2010), Andrade (2010), Modesto (2006) e Franceschini (2011).

frequência de uso do pronome *tu* é maior na fala dos homens, correspondendo a 6,3% dos dados, que na das mulheres, 3,6%. Vemos também que, de forma geral, o sexo parece exercer efeito neutro quanto ao uso da variante *você*, visto que os resultados são percentualmente próximos. Mesmo quando analisados separadamente, os dados das duas comunidades, percebemos o efeito neutro desse fator sobre o uso dos pronomes.

Tabela 40: Frequência de uso de *você/tu* com relação ao sexo do informante em Feira de Santana e em Salvador

LOCALIDADE	SEXO	VOCÊ	TU
Feira de Santana			
	HOMEM	333/379 = 87,9%	46/379 = 12,1%
	MULHER	415/443 = 93,7%	28/443 = 6,3%
Salvador			
	HOMEM	393/396 = 99,2%	03/396 = 0,8%
	MULHER	489/495 = 98,8%	06/495 = 1,2%

Outra hipótese assumida em relação a este fator foi a de que as ocorrências do pronome *tu* em Salvador ocorreriam em maior frequência na fala dos homens, já que seu uso tende a ocorrer sem a marca canônica de segunda pessoa, sendo marcada socialmente. Diferentemente do que pensávamos, a frequência de uso do pronome *tu* em Salvador foi maior na fala das mulheres, correspondendo a 1,2% dos dados. Constatamos que apenas três informantes fizeram o uso dessa variante, sendo duas mulheres e um homem.

Acreditávamos também que em Feira de Santana o uso do pronome *tu* seria semelhante entre homens e mulheres por ser esta uma forma não marcada. Entretanto, os resultados mostraram que os homens lideram o uso dessa variante nesta cidade, com 12,1% dos dados.

4.2.2 Escolaridade

O estudo desta variável nos permite observar o nível de atuação das variantes de acordo com o grau de escolaridade e, acreditamos que, os falantes com nível superior tendem a utilizar em maior frequência o pronome *você*. Modesto (2006) também analisa esse fator e verifica que os falantes com maior grau de escolaridade tendem a utilizar menos a forma *tu*, enquanto os com menor escolaridade a utilizam com maior frequência.

Para a análise desta variável, adotamos as nomenclaturas de *norma culta* e *norma popular*, sendo esta definida como padrões de comportamento linguístico dos falantes com baixa ou nenhuma escolaridade e aquela como padrão de comportamento linguístico dos falantes com formação universitária (LUCCHESI, 1998). Lucchesi (2004) afirma que o português brasileiro não é apenas *heterogêneo* e *variável*, mas também *plural* e *polarizado*. No que se refere ao diassistema heterogêneo, há dois sistemas também heterogêneos, de onde advém a polarização sociolinguística, denominados *norma culta* e *norma popular*.

Levando-se em conta essa polarização sociolinguística apresentada por Lucchesi (2004), hipotetizamos que o pronome *você* seria fortemente favorecido pelos dados correspondentes à fala culta e que estes, por sua vez, utilizariam com menor frequência o pronome *tu*.

Tabela 41: Variação *você/tu* com relação ao fator escolaridade

	VOCE	TU
Português culto	1033/1079 = 95,7%	46/1079 = 4,3%
Português popular	597/634 = 94,2%	37/634 = 8,8%

Considerando os percentuais dispostos na Tabela 41, podemos conferir que, tanto nos dados relativos à fala culta, quanto nos referentes à fala popular a prevalência é do pronome *você*, correspondendo a 95,7% e 94,2% dos dados, respectivamente. Com relação ao uso do pronome *tu*, nossa hipótese restou confirmada, falantes com nível superior a utilizam em menor frequência que os falantes que possuem menor escolaridade. Entretanto, este fator também parece exercer efeito neutro sobre essa variante. Pontuamos, então,

que, diferentemente do que pensávamos o fator escolaridade não possui grande relevância na escolha das variáveis em estudo.

Ao analisarmos este fator, levando-se em conta a localidade, percebemos que, nas duas cidades, são os falantes com Ensino Fundamental que lideram o uso do pronome *tu*. Em Salvador, como hipotetizado, não houve ocorrências do pronome *tu* nos dados relativos à fala culta, apenas 09 dados referentes à fala popular, correspondendo a 2,7% dos dados, como pode ser conferido na Tabela 42.

Tabela 42: Frequência de uso de *você/tu* nas falas culta e popular de Feira de Santana e de Salvador

LOCALIDADE	VOCÊ	TU
Feira de Santana		
<i>Português culto</i>	471/517 = 91,1%	46/517 = 8,9%
<i>Português popular</i>	277/305 = 90,8%	28/305 = 9,2%
Salvador		
<i>Português culto</i>	561/561 = 100%	-
<i>Português popular</i>	321/330 = 97,3%	09/330 = 2,7%

Esses resultados se aproximam aos de Modesto (2008) que, ao analisar esse fator em Santos, verifica que os informantes com maior escolaridade usam com menor frequência a forma *tu*, 29% dos dados, ao passo que os de menor escolaridade a utilizam com maior frequência, 40%. De forma semelhante, os estudos de Amor Divino (2008) e Alves (2010), também na Região Nordeste, revelam que informantes que possuem o Ensino Fundamental tendem a utilizar em maior frequência o *tu* que os informantes com o nível superior.

Como já mencionado, houve apenas duas ocorrências do pronome *tu* com a concordância canônica de segunda pessoa, em uma situação completamente atípica quando se trata de entrevista sociolinguística, o informante, religioso, faz uma oração pelas documentadoras no final da entrevista. À exceção destes dois casos, não houve ocorrências do pronome *tu* com a concordância canônica nos dados de fala culta e popular, confirmando assim nossa hipótese de que mesmo em se tratando de entrevistas

sociolinguísticas, não haveria ocorrências deste pronome seguido de concordância.

4.2.3 Correlação entre os fatores sexo e escolaridade

Ao correlacionarmos os fatores sexo e escolaridade em função da localidade, podemos verificar mais claramente o comportamento das variantes. Como podemos verificar na Tabela 43, os resultados revelam que, em Feira de Santana são os homens com nível superior completo que lideram o uso da variante *tu*, correspondendo a 17,1% dos dados, já as mulheres, também com nível superior, preferem o uso da variante *você*. Interessante notar que, no português popular desta cidade, ocorre o inverso, são as mulheres que lideram o uso do pronome *tu*, com 13,2% dos dados.

Tabela 43: Correlação entre os fatores sexo e escolaridade

LOCALIDADE		SEXO	VOCÊ	TU
Feira de Santana	<i>Português culto</i>	Homem	180/217 = 82,9%	37/217 = 17,1%
		Mulher	291/300 = 97%	09/300 = 3%
	<i>Português popular</i>	Homem	152/161 = 94,4%	09/161 = 5,6%
		Mulher	125/144 = 86,8%	19/144 = 13,2%
Salvador	<i>Português culto</i>	Homem	243/243 = 100%	-
		Mulher	318/318 = 100%	-
	<i>Português popular</i>	Homem	150/153 = 98%	03/153 = 2%
		Mulher	171/177 = 96,6%	06/177 = 3,4%

Da análise da Tabela 43 podemos perceber que as mulheres, com nível superior em Feira de Santana, mantêm uma postura conservadora, visto que utilizaram com maior frequência a variante imbuída de maior prestígio social, o pronome *você*, em 97% dos dados; enquanto os homens apresentam

percentual de 17,1% do pronome *tu*. Acreditamos que essa frequência elevada esteja diretamente relacionada com o gênero do discurso, por se tratar de uma situação comunicativa mais formal, acreditamos que as mulheres com nível superior monitoraram, mais que os homens, a sua fala. Com relação aos dados de fala popular nesta comunidade, podemos perceber que são as mulheres que lideram o uso da variante *tu*.

Como esperávamos, em Salvador, tanto os homens como as mulheres com nível superior completo foram categóricos na utilização das formas de tratamento, utilizaram apenas o pronome *você*. Nos dados referentes à fala popular, de forma semelhante aos resultados de Feira de Santana, são as mulheres que utilizam em maior frequência a variante *tu*, correspondendo a 3,4% dos dados. Observando os contextos de ocorrência do pronome *tu* em Salvador – discurso relatado, frases declarativas, referência específica – podemos dizer que, nesta cidade, o uso desta variante demonstra estar restrito a contextos que denotam maior intimidade. Futuros estudos referentes à variedade linguística desta cidade poderão verificar de forma aprofundada os contextos de ocorrências do pronome *tu*, que, aparentemente, demonstra ser pouco frequente nesta comunidade.

4.2.4 Faixa etária

A análise deste fator social é indispensável para a análise de qualquer fenômeno a partir do método da sociolinguística laboviana, tanto em pesquisas em *tempo aparente* como em *tempo real*, pois vai indicar se o estágio de determinada variação linguística corresponde à variação estável ou mudança em progresso. Neste trabalho, de caráter sincrônico, utilizamos o recurso do *tempo aparente*, segundo o modelo laboviano.

Como já mencionado, para a análise deste fator, consideramos três faixas etárias, faixa I (25 - 35 anos), faixa II (45 a 55 anos) e faixa III (acima de 65 anos). Estudos sobre a referência à segunda pessoa tais como os de Paredes Silva (2003), Loregian-Penkal (2004), Dias (2007), Amor Divino (2008), Martins (2010) indicam que são os mais jovens que utilizam a variante *tu* com maior frequência. Seguindo a tendência apontada por esses estudos,

acreditamos que os mais jovens lideram o uso dessa variante nas localidades estudadas. Vejamos os resultados obtidos através da análise dos três *corpora* na Tabela 44:

Tabela 44: Variação *você/tu* com relação à faixa etária

FAIXA ETÁRIA	VOCÊ	TU
Faixa I	575/620 = 92,7%	45/620 = 7,3%
Faixa II	662/690 = 95,9%	28/690 = 4,1%
Faixa III	393/403 = 97,5%	10/403 = 2,5%

Notamos que, tal como hipotetizado e, seguindo a tendência dos estudos já realizados sobre os pronomes de tratamento, em nossos dados são os mais jovens que lideram o uso da variante inovadora *tu*, correspondendo a 7,3% dos dados. Os resultados permitem-nos observar também que o pronome *você* é a forma mais utilizada nas três faixas etárias, tendo seu uso liderado pelos falantes da faixa III, com 97,5% dos dados.

Os resultados da Tabela 44 sugerem que, com relação ao uso da variante inovadora *tu*, nos *corpora* analisados, ocorre o processo de *gradação etária* apresentado por Labov (1994), em que o uso da variante inovadora é mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos grupos mais idosos. Este processo pode ser notado através de um padrão característico de determinada idade que, naturalmente, se repete em cada geração.

A Tabela 45 nos apresenta os resultados dessa variável em função da localidade. Através dela podemos perceber que, em Feira de Santana, quanto ao uso do pronome *tu* ocorre o processo de *gradação etária*⁴², sendo, desta forma, um processo de variação estável. Seu uso decresce conforme aumenta a faixa etária, na faixa I corresponde a 10,6% dos dados, na faixa II, 8,7% e, na faixa III, ocorre em apenas 5,1% dos dados. Diante dessa variação, contudo, não podemos afirmar que ocorrerá o processo de mudança linguística, pois, como afirma Tarallo (1990, p. 63) “Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não

⁴² Apenas um estudo de cunho diacrônico poderia atestar ou não se nesta cidade está ocorrendo o processo de mudança em curso, em direção à variante *tu*.

implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação!”.

Tabela 45: Variação *você/tu* com relação à faixa etária em Feira de Santana e em Salvador

LOCALIDADE	FAIXA ETÁRIA	VOCÊ	TU
Feira de Santana			
	Faixa I	356/398 = 89,4%	42/398 = 10,6%
	Faixa II	261/286 = 91,3%	25/286 = 8,7%
	Faixa III	131/138 = 94,9%	07/138 = 5,1%
Salvador			
	Faixa I	219/222 = 98,6%	03/222 = 1,4%
	Faixa II	401/404 = 99,3%	03/404 = 0,7%
	Faixa III	262/265 = 98,9%	03/265 = 1,1%

Com relação aos dados de Salvador, podemos perceber que o comportamento das três faixas etárias mantém-se bastante semelhante, as três favorecem o pronome *você*. Em termos percentuais, a faixa etária mais jovem utilizou o pronome *tu* com maior frequência.

4.2.5 Localidade

Com relação ao fator localidade, acreditávamos que em Salvador a prevalência seria pela variante padrão *você* e que em Feira de Santana o uso do pronome *tu* seria mais frequente que em Salvador. Como demonstra a Tabela 46, essa hipótese também foi confirmada, embora o uso de *tu* em Feira de Santana tenha sido muito menor que o esperado.

Tabela 46: Totais de referências à segunda pessoa em Salvador e em Feira de Santana – Ba.

LOCALIDADE	VOCÊ	TU	TOTAL
Salvador	882/891 = 99%	09/891 = 1%	891

Feira de Santana	748/822 = 91%	74/822 = 9%	822
TOTAL			1713

Em Salvador, o pronome *você* quase chega a ser categórico, 99% das ocorrências. Já em Feira de Santana, este pronome revela ser a preferência dos falantes, correspondendo a 91% do total de ocorrências. Por fim, vemos que, diferentemente daquilo que se observou em outras comunidades de fala, tais como a amazonense⁴³ (na qual o pronome *tu* é mais frequente que o pronome *você*), o emprego dessa variante se dá com baixa frequência nas duas cidades baianas.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS COMPLEMENTARES

Como já mencionado, os dados complementares desta pesquisa justificam-se para ilustrar as ocorrências do pronome *tu* em Feira de Santana em contextos mais descontraídos. Acreditamos que o gênero do discurso do *corpus* já analisado⁴⁴, influenciou diretamente as ocorrências (ou não ocorrências) deste pronome. Além disso, a própria consciência linguística que os falantes da cidade de Feira de Santana revelaram ter quanto ao seu uso demonstra a necessidade de complementação dos dados de fala desta cidade.

Para verificarmos como se distribuem as formas de tratamento nestes dados, apresentamos na Tabela 47 o total de ocorrências de cada forma sob análise.

Tabela 47: Totais de referência à segunda pessoa em conversas espontâneas

VOCÊ	TU	TOTAL
85/147 = 57,8%	62/147 = 42,2%	147 = 100%

Os resultados evidenciam a relevância do gênero do discurso na escolha entre as variantes *tu/você*. O pronome *tu* corresponde a 42,2% do total de ocorrências, diferentemente dos resultados do *corpus* analisado anteriormente,

⁴³ Tefé, analisada por Martins (2010).

⁴⁴ Projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano.

cujos resultados informam que apenas 9% das ocorrências foram deste pronome. Sendo assim, embora não seja a forma com maior frequência, podemos dizer que o pronome *tu* é amplamente utilizado em conversações espontâneas pelos falantes desta cidade.

O pronome *você* corresponde a 57,8% do total de ocorrências, diferindo em alto grau da análise anterior, referente ao *corpus* composto por entrevistas tipicamente labovianas, em que ocorreu em 91% dos dados. Ressaltamos que, o pronome *você* continua a ser a forma prevalente na fala dos feirenses, mas o pronome *tu* é bem mais usual do que os dados anteriores puderam demonstrar.

O primeiro fator a levarmos em conta nesta análise foi o único fator social que controlamos⁴⁵, o sexo. Com relação a esse fator, acreditávamos que o pronome *tu* seria amplamente utilizado por homens e mulheres, por considerarmos que essa forma não é marcada socialmente nesta cidade. Assim como hipotetizamos, os dados confirmaram. Observemos a Tabela 48:

Tabela 48: Efeito do fator sexo sobre o uso de *tu/você*

SEXO	VOCÊ	TU
Masculino	36/54 = 66,7%	18/54 = 33,3%
Feminino	46/93 = 49,5%	47/93 = 50,5%

A análise da Tabela indica que, em oposição aos resultados das entrevistas, as mulheres lideram o uso do pronome *tu*, com 50,5% dos dados. Ao analisar esse fator, Modesto (2006) observa que, quando se trata de fala menos monitorada, as mulheres utilizam a variante *tu* em maior frequência que os homens, correspondendo a 54% dos dados. A Tabela ainda mostra que a preferência dos homens recai sobre o uso do pronome *você*. Acreditamos que esse resultado se deve ao fato de, nas conversas envolvendo apenas mulheres, ter havido um maior grau de intimidade entre elas. O grau de intimidade entre os homens não seguiu a mesma proporção que as mulheres, posto que alguns eram apenas “conhecidos”.

⁴⁵ Apesar de serem sistematizados dados de fala de 07 mulheres e de 05 homens, julgamos necessária a análise desse fator. Não sistematizamos a idade e a faixa etária, pois não tínhamos como fazer uma distribuição equitativa para fins de análise.

Na análise desses dados complementares, verificamos também que, com relação à função sintática da variante, o pronome *você* prevalece na função sujeito, correspondendo a 60,8% dos dados. Já o pronome *tu*, demonstra ser favorecido quando não se trata de sujeito, correspondendo a 76,9% dos dados dessa variável. Houve apenas 04 dados relativos a hesitações na fala, 03 dados do pronome *você* e apenas 01 do pronome *tu*, como pode ser conferido na tabela que segue.

Tabela 49: Efeito do fator função sintática da variante sobre o uso de *tu/você*

FUNÇÃO SINTÁTICA DA VARIANTE	VOCÊ	TU
Sujeito	79/130 = 60,8%	51/130 = 39,2%
Não sujeito	03/13 = 23,1%	10/13 = 76,9%
Sem verbo	03/04 = 75%	01/04 = 25%

Esses resultados se coadunam com os encontrados no Projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano* e segue a tendência apontada por estudos anteriores, de que o pronome *você* é favorecido pela função sintática sujeito.

Com relação ao fator tipo de frase, se declarativa ou não declarativa, os resultados indicam que o pronome *você* é fortemente favorecido por frases declarativas, com 72,4% dos dados. Em sentido oposto, o pronome *tu* é favorecido por frases não declarativas – interrogativas.

Tabela 50: Efeito do fator tipo de frase sobre o uso de *tu/você*

TIPO DE FRASE	VOCÊ	TU
Declarativa	76/105 = 72,4%	29/105 = 27,6%
Não declarativa	09/42 = 21,4%	33/42 = 78,6%

Os resultados da Tabela 50 seguem os resultados de Andrade (2010), as frases interrogativas favorecem o uso do pronome *tu*, o que não pôde ser confirmado nas entrevistas.

Quanto ao tempo verbal, os resultados são contundentes em indicar que o tempo passado favorece o uso do pronome *tu* (82,4% dos dados), ao passo

que as sentenças cujo tempo verbal não se refere ao passado há uma probabilidade maior de ocorrer o pronome *você* (63,1% dos dados).

Tabela 51: Efeito do fator tempo verbal sobre o uso de *tu/você*

TEMPO VERBAL	VOCÊ	TU
Passado	03/17 = 17,6%	14/17 = 82,4%
Não passado	82/130 = 63,1%	48/130 = 36,9%

Nas entrevistas este fator demonstrou exercer efeito neutro sobre o uso dos pronomes *tu/você*. 97,9% dos dados relativos ao tempo passado foram do pronome *você* e, de forma semelhante, 90,6% dos dados relativos à variável não passado também foram deste pronome. A forma *tu*, por sua vez, correspondeu a apenas 2,1% dos dados relativos ao tempo passado e 9,4% dos dados de não passado.

A análise do fator tipo de discurso demonstrou que, neste gênero do discurso – conversas espontâneas, diferentemente dos resultados das entrevistas, ambos os pronomes ocorrem em maior quantidade quando se trata de discurso direto. Apesar de o pronome *você* ter frequência maior em discursos relatados, 75%, seu uso é notadamente mais expressivo em discursos diretos.

Tabela 52: Efeito do fator tipo de discurso sobre o uso de *tu/você*

TIPO DE DISCURSO	VOCÊ	TU
Direto	79/139 = 56,8%	60/139 = 43,2%
Relatado	06/08 = 75%	02/08 = 25%

Por fim, ao analisarmos o fator tipo de referência, se genérica ou específica, constatamos que o pronome *tu* é fortemente favorecido pelas referências específicas, correspondendo a 64,6% dos dados. Como nos dados das entrevistas, não houve ocorrências da variante *tu* em referências genéricas. O pronome *você*, por seu turno, é categórico quando se trata de referência genérica e as referências específicas o desfavorecem, como apresenta a Tabela 53.

Tabela 53: Efeito do fator tipo de referência sobre o uso de *tu/você*

TIPO DE REFERÊNCIA	VOCE	TU
Específica	34/96 = 35,4%	62/96 = 64,6%
Genérica	51/51 = 100%	-

Diante dos resultados, ressaltamos a importância dos fatores sociais e linguístico-discursivos para a seleção das formas pronominais de tratamento. Em síntese, a análise dos dados referentes a conversações espontâneas comprovou a influência do gênero do discurso na escolha das formas de tratamento *tu/você* na variedade linguística de Feira de Santana. O pronome *tu* ocorre em 42,2% do total de dados, seu uso é liderado pelas mulheres, 50,5%, e favorecido pelos fatores linguístico-discursivos: função sintática (não sujeito – 76,9%), tipo de frase (não declarativa – 78,6%), tempo verbal (passado – 82,4%), tipo de discurso (direto – 43,2%) e tipo de referência (específica 64,6%).

O pronome *você*, por seu turno, lidera as ocorrências nesta amostra, correspondendo a 57,8% dos dados, seu uso é liderado pelos homens, 66,7%, e é favorecido pelos fatores linguístico-discursivos: função sintática (sujeito – 60,8%), tipo de frase (declarativa – 72,4%), tempo verbal (não passado – 63,1%), tipo de discurso (direto – 56,8%) e chega a ser categórico em referências genéricas. O único fator que demonstrou exercer efeito neutro quanto às escolhas pronominais foi o tipo de discurso. As duas variantes *tu/você* ocorrem em maior quantidade em discursos diretos⁴⁶.

Gostaríamos de finalizar esta análise destacando que não houve ocorrências do pronome *tu* com a concordância canônica de segunda pessoa. Como já observado por Paredes Silva (2003), Lucca (2005), Modesto (2006) e Amor Divino (2008), o gênero do discurso é um dos fatores mais relevantes para a análise da alternância entre as formas de tratamento *tu/você*.

Novos estudos poderão ampliar as explicações para a variação aqui pesquisada, usando, por exemplo, uma amostra mais ampla de conversas

⁴⁶ Levamos em consideração na análise desse fator o número de ocorrências, não as frequências, pois o número de ocorrências das variantes em discursos relatados foi muito baixo, apenas oito.

espontâneas, bem como de outros gêneros do discurso, de modo que também sejam controlados os fatores sociais faixa etária e escolaridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa realizada sobre a variação entre as formas de tratamento *tu/você* no português culto e popular das cidades de Feira de Santana e Salvador – Bahia, reunimos dados que nos auxiliaram a chegar a conclusões sobre o estudo, o que confirma a maioria das hipóteses que afirma que a variação de *tu* e *você* é condicionada por fatores linguísticos e sociais.

Ao analisarmos o efeito do fator função sintática da variante sobre o uso de *tu/você*, levando-se em conta a localidade estudada, verificamos que a tendência apontada por Modesto (2006) e Mota (2008) de que o pronome *você* ocorre com maior frequência em função subjetiva também se confirma. Em Feira de Santana e em Salvador, o pronome *você* demonstra ser amplamente favorecido pela função sujeito, correspondendo a 94% e 99,3% dos dados, respectivamente. Já o pronome *tu* ocorre com maior frequência quando não se encontra em função subjetiva, correspondendo a 29% dos dados em Feira de Santana e a 3,6% dos dados em Salvador.

No que se refere ao tipo de frase, os resultados revelam que, quando a frase é declarativa, o pronome *você* ocorre com maior frequência nas duas cidades. Em Feira de Santana, corresponde a 91,5% dos dados e em Salvador quase chega a ser categórico, correspondendo a 98,9% dos dados. Contudo, em relação ao pronome *tu*, há um distanciamento entre elas, apenas em Feira de Santana foram encontrados dados deste pronome em frases interrogativas, correspondendo a 16,7% dos dados.

Em relação ao fator tempo verbal sobre o uso de *tu/você* em Feira de Santana e em Salvador, foi possível observar que o pronome *tu* se comporta de forma distinta nas duas cidades, em Feira de Santana, ele é favorecido quando o verbo não está no passado, correspondendo a 9,4% dos dados. Em Salvador, entretanto, seu uso não apresenta diferença percentual significativa quando o verbo está ou não no passado. Quando este está no passado, seu uso corresponde a um percentual de 1,1% e quando o verbo não está no passado corresponde a apenas 1% dos dados.

No que diz respeito ao tipo de discurso, os resultados das duas cidades seguem a tendência apresentada por Martins (2010) e Mota (2008), na qual o pronome *você* é favorecido por discursos diretos e o pronome *tu* por discursos

relatados. Em Feira de Santana, 92,5% dos dados de discurso direto correspondem à forma *você* e em Salvador seu uso quase chega a ser categórico. Com relação ao pronome *tu*, a frequência de uso foi superior nos discursos relatados.

Em relação ao tipo de referência, os resultados são equivalentes nas duas localidades e se assemelham aos de Modesto (2008), Martins (2010), Andrade (2010) e Franceschini (2011a). A forma *tu* é usada apenas em referências específicas, correspondendo a 26% dos dados em Feira de Santana e a 2,9% dos dados em Salvador. Nas duas cidades o uso do pronome *você* é categórico quando se trata de referências genéricas, confirmando nossa hipótese inicial.

Ao analisarmos o uso de *tu/você* em relação ao sexo, observamos que a frequência de uso do pronome *tu* em Salvador foi maior na fala das mulheres, correspondendo a 1,2% dos dados. Constatamos que apenas três informantes fizeram o uso dessa variante, sendo duas mulheres e um homem. Em Feira de Santana, os resultados mostraram que os homens lideram o uso dessa variante nessa comunidade, com 12,1% dos dados.

Ao analisarmos o fator escolaridade, percebemos que, nas duas cidades, são os falantes com Ensino Fundamental que lideram o uso do pronome *tu*. Em Salvador, como hipotetizado, não houve ocorrências do pronome *tu* nos dados relativos à fala culta, apenas dos dados de fala popular e com baixíssima frequência, apenas 2,7% dos dados.

Ao correlacionarmos os fatores sexo e escolaridade em função da localidade, verificamos que, em Feira de Santana, são os homens com nível superior completo que lideram o uso da variante *tu*, correspondendo a 17% dos dados, já as mulheres, também com nível superior, preferem o uso da variante *você*. Interessante notar que, no *português popular* desta cidade, ocorre o inverso, são as mulheres que lideram o uso do pronome *tu*, com 13,2% dos dados.

Em Salvador, tanto os homens como as mulheres com nível superior completo foram categóricos na utilização das formas de tratamento, utilizaram apenas o pronome *você*. Nos dados referentes à fala popular, de forma semelhante aos resultados de Feira de Santana, são as mulheres que utilizam em maior frequência a variante *tu*, correspondendo a 3,4% dos dados.

Observando os contextos de ocorrência do pronome *tu* em Salvador – discurso relatado, frases declarativas, referência específica – podemos dizer que, nesta cidade, o uso desta variante demonstra estar restrito a contextos que denotam maior intimidade.

Com relação ao uso da variante inovadora *tu*, nos *corpora* analisados, ocorre o processo de *gradação etária* apresentado por Labov (1994), em que o uso da variante inovadora é mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos grupos mais idosos. Este processo pode ser notado através de um padrão característico de determinada idade que, naturalmente, se repete em cada geração.

A análise dos dados complementares referentes à cidade de Feira de Santana revelou a influência exercida pelo gênero do discurso no uso do pronome *tu*, de modo que, seu uso se deu com maior frequência nas gravações espontâneas (42,2%), que nas entrevistas tipicamente sociolinguísticas (4,85%). Nesses dados o pronome *tu* demonstrou ser favorecido pelas mulheres (50,5%) e pelos fatores linguístico-discursivos função sintática não sujeito (76,9%), frases não declarativas (78,6%), tempo passado (82,4%) e por referências específicas (64,6%).

O pronome *você*, por seu turno, também foi a forma prevalente nas conversas espontâneas (57,8%), demonstrou ser favorecido pelos homens (66,7%), e pelos fatores linguístico-discursivos função sintática sujeito (60,8%), frases declarativas (72,4%), tempo verbal não passado (63,1%), chegando a ser categórico em referências genéricas.

Desse modo, entende-se que o processo de variação das formas *tu* e *você* é decorrente da relação das variáveis linguístico-discursivas e sociais atuando ao mesmo tempo. Esperamos que, ao concluir esta pesquisa, possamos ter contribuído para o entendimento das formas de tratamento *tu/você* usadas nas variedades culta e popular das cidades baianas de Feira de Santana e Salvador.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. *Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado por três comunidades do interior da Bahia*. Tese. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. *O uso do tu e do você no português falado no Maranhão*. Dissertação. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. “Por onde tá o tu?” no português falado no Maranhão. *Signum: Estudos da Linguagem*. n. 15/1. Londrina, 2012.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática e vocabulário*. São Paulo: O Livro, 1920.
- AMOR DIVINO, Ludinalva Santos do. *Como trato meu receptor? A propósito do uso de tu/você em Santo Antônio de Jesus-BA*. Dissertação. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008.
- ANDRADE, Carolina Queiroz. *Tu e mais quantos? – A segunda pessoa na fala brasiliense*. Dissertação. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.
- ANDRADE, Celeste Maria Pacheco de. *Origens do povoamento de Feira de Santana: um estudo de história colonial*. Dissertação. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1990.
- ARAUJO, Silvana S. de Farias; ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. *A língua portuguesa no semiárido baiano*. Disponível em <http://www.vertentes.ufba.br/associados/feira-de-santana>. Acesso em 06 nov. 2012.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?* 2. ed. São Paulo: Parábola, 2006.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CINTRA, Luís F. Lindley. *Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa*. 2 ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIAS, Edilene Patrícia. *O uso do tu no português Brasiliense falado*. Dissertação. (Mestrado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

DOMINGOS, T. R. E. *Pronomes de tratamento do português do século XVI: uma gramática de uso*. São Paulo: Annablume, 2000.

FARACO, Carlos Alberto. *O tratamento de você em português: uma abordagem histórica*. Curitiba: Fragmenta, 1996.

FARACO, Carlos Alberto. Apresentação de um clássico. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. (trad. de Marcos Bagno). São Paulo: Parábola, 2006.

FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha. *Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC*. Tese. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2011a.

FRANCESCHINI, Lucelene. O uso dos pronomes pessoais tu/você em Concórdia – SC. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba, 2011b.

GAMA, Raimundo. *Feira de Santana em postais*. Feira de Santana, 2009.

GALVÃO, Renato Andrade de. *Os povoadores da região de Feira de Santana*. Sitientibus. Vol.1, n.1. Feira de Santana, 1982.

GAUCHAT, L. *L'unité phonétique dans le patois d'une commune*. Halle. 1905.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Oxford/Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

LABOV, William. *Padrões Sociolingüísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, Celia Regina dos S; DUARTE, M. E. L. De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; MOTA, Maria Antónia (Org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro, 2003.

LOPES, Celia Regina dos S. Pronomes pessoais. In: Silvia Figueiredo Brandão e Silvia Rodrigues Vieira. (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.

LOPES, Norma da Silva. O PEPP: histórico e caracterização. In: LOPES, Norma da Silva; SOUZA, Constância Maria Borges; SOUZA, Emília Helena Portella Monteiro (Orgs.). *Um estudo da fala popular de Salvador – PEPP*. Salvador: Quarteto, 2009.

- LOREGIAN, Loremi. *Concordância verbal com o pronome tu no sul do Brasil*. Dissertação. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.
- LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. Tese. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2004.
- LUCCA, Nívea Neves Garcia. *A variação tu/ você na fala brasiliense*. Dissertação. Brasília: Universidade de Brasília, 2005.
- LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem*. Lisboa: Colibri, 1998.
- LUCCHESI, D. Norma Lingüística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Lingüística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MARTINS, Germano Ferreira. *A alternância tu/você/senhor no município de Tefé – Estado do Amazonas*. Dissertação. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.
- MENON, Odete P. da S. O sistema pronominal do português do Brasil. *Revista Letras*, n. 44. Curitiba: Editora da UFPR, 1995.
- MODESTO, Artaxerxes Tiago Tácito. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância “tu/você” na cidade de Santos-SP*. Dissertação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.
- MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.
- MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. O Projeto de estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil: antecedentes e desenvolvimento de Salvador. *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, n. 11. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1991.
- MOTA, Maria Alice da. *A variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no português oral de São João da Ponte (MG)*. Dissertação. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
- MOURA NEVES, Maria Helena de. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NASCENTES, Antenor. *O tratamento de “você” no Brasil*. *Revista Letras*, vol. 5/6. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1956.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Salvador: Itapuã, 1968.

PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RAMOS, Jânia. Uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: HORA, Dermeval (Org.) *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüística y pragmática del español*. Georgetown University Press, Washington, D. C., United States of América, 2001.

SILVA, Luiz Antonio. Tratamentos familiares e referenciação dos papéis sociais. In: PRETI, Dino. (Org.) *Léxico na língua oral e escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003.

SOARES, Izabel Cristina; LEAL, Maria da Graça Ferreira. Do senhor ao tu: uma conjunção de mudanças. *Revista do curso de Mestrado*. Belém, 1993.

TAMANINE, A. *A alternância do nós/a gente no interior de Santa Catarina*. Dissertação. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2002.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2011.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. (trad. de Marcos Bagno). São Paulo: Parábola, 2006.

ANEXOS

Anexo I

Exemplo de conversa espontânea

INFORMANTE 1: E aí, rapaz? Rapaz..

INFORMANTE 2: Papai não, não me chame de papai não, que eu não sou seu pai.
(risos)

INFORMANTE 1: Ele não entendeu... Olha, Informante 3 (inint)

INFORMANTE 2: e aí, tudo bom?

INFORMANTE 1: Que homem é esse..

INFORMANTE 3: Olá, tudo bem?

INFORMANTE 2: Opa... prazer.

INFORMANTE 1: Olha a mansão do homem, Informante 3.

INFORMANTE 2: Mansão o que, rapaz, uma casinha pequena. (risos) É só um ano e meio o prejuízo.

INFORMANTE 1: É? Legal aqui...

INFORMANTE 2: É isso, tem que fazer uma casa assim... arrumada pra VOCÊ.

INFORMANTE 1: É... ó Informante 3, bora.. comprar um terreno aí..

INFORMANTE 3: Verdade.

INFORMANTE 2: É, o esquema é esse. Isso aqui, não tem mais jeito não.

INFORMANTE 3: Sem pressa, né? Vai fazendo, vai colocando do jeito que quer..

INFORMANTE 2: (inint) dá pra estacionar um carro aqui, não dá não, velho?

INFORMANTE 1: Dá..

INFORMANTE 2: (inint)3,50 de um pilar pro outro. Aqui o comprimento da garagem ó.. 9 metros, dá pra caber dois carros. Quatro em um, quatro em um, VOCÊ estaciona tranquilo. E ali no telhado, uma água pra um lado, uma água pra frente, uma calha ali no canto pra não molhar a parede do vizinho. E aí, pronto. Agora, minha casa é toda solta, corredor dos dois lados, é legal (inint). Aqui é a.. a sala.. sala de estar, quando VOCÊ vier visitar aqui.. vocês, hein?

INFORMANTE 1: Vai botar um sofazão, uma televisão..

INFORMANTE 2: Uma tevezinha pra assistir a copa do mundo, não é? (risos) Tá vendo aí? Aqui é a tubulação (inint) descendo aí por cima.. aqui eu vou forrar tudo de gesso.. (inint)

INFORMANTE 1: Bora.. conhecer a sala de jantar.. aí é a parte que TU gosta, não é cara?

INFORMANTE 2: É a parte que eu gosto, a melhor parte, Informante 1.

INFORMANTE 1: Bom dia! (falando com o pedreiro)

INFORMANTE 2: (superp) mora numa.. numa casa pequena que não tem sala de jantar, chega uma visita, VOCÊ.. a minha casa lá..

INFORMANTE 3: Fica acanhado, né?

INFORMANTE 2: A casa lá onde eu moro.. (inint) tem que comer na cozinha ou então colocar a mesa do lado de fora pra receber..

INFORMANTE 3: Não, e a que a gente comprou? (risos)

INFORMANTE 2: Eu tive lá com Informante 1 ontem, é do mesmo tamanho da minha, só muda o modelinho, mas..

INFORMANTE 1: E aqui, vai ter que rasgar a parede pra botar, né?

INFORMANTE 2: Pô, foi que o menino quando rebocou, a mangueira soltou e ele não viu.. aí.. rebocou, vai cortar de novo pra colocar no lugar.

INFORMANTE 1: Show de bola! Aqui é a cozinha?

INFORMANTE 2: Não.. por aqui, venha por aqui.. Aqui é um colega da gente, viu Informante 4?

INFORMANTE 1 e INFORMANTE 3: Tudo bem?

INFORMANTE 4: (inint) Fique à vontade, minha mão tá suja aqui.. (risos)

INFORMANTE 2: Aqui é o cara.. (superp) Aqui a gente tem um banheirinho aqui embaixo e um quarto aqui de hóspedes..

INFORMANTE 1: (inint)

INFORMANTE 2: (inint) Aqui é a cozinha.. O bom de VOCÊ fazer uma casa é que VOCÊ bota na dimensão que VOCÊ quiser, entendeu? VOCÊ faz uma cozinha ampla, cê bota armário na parede, bota uma mesa grande, fica à vontade mesmo.. Aqui é a área de serviço..

INFORMANTE 1: (superp)

INFORMANTE 2: É um ralo.. um ralo pô.. pra quando cair água na área.. na área de serviço descer pro ralo, aí desce pras caixas de esgoto, corre pra fossa.

INFORMANTE 1: Tem esgoto aqui, ou é.. é fossa?

INFORMANTE 2: Não, fossa.. fossa.

INFORMANTE 1: Tá aqui atrás é?

INFORMANTE 2: Na frente.. Quando encher, o carro é só chegar na frente e.. tirar.

INFORMANTE 1: E aqui, ó, TU botou quantos centímetros? Sete centímetros, foi?

INFORMANTE 2: Não, aqui botei 5. Por que aqui não pega peso, não passa carro.. Cinco tá bom..(inint)

INFORMANTE 1: Olha, Informante 3, tô precisando de uns ferros, olha.. (risos)

INFORMANTE 2: Na hora! (risos) Aqui eu fiz, Informante 1, um sistema de drenagem bom retado, velho. Peguei essa água aqui do corredor, tá vendo aqui? botei pra correr ela toda... toda pra cá, saindo lá daquela outra porta lá da sala de jantar, vem pro piso cair todo pra cá pra jogar aqui e daqui a tubulação foi pra lá pra cair lá na rua a água da chuva.

INFORMANTE 1: E por que tá acumulando aí?

INFORMANTE 2: Por que tá (superp) ainda não tem massa pra subir até a altura do tubo, mas não pode ficar assim não, senão fica mosquito. Olha como tá? Aqui é caixa seca, não pode ficar com água não, eu ainda tô...

INFORMANTE 1: Mas ela é caixa seca como? Ela tem que vir até uma altura...

INFORMANTE 2: Não, a massa.. não tá a água aí? até essa altura que tá a água eu vou encher de massa, e aí a água assim que cair, vai embora.. não fica nada, fica sempre seco, pra não ficar com água. Vem e aí passa por aquelas caixa ali...

INFORMANTE 1: Já ganhou o muro do fundo, o muro da lateral...

INFORMANTE 2: Esse muro aqui é do condomínio.. aí como eu vou construir aqui no fundo ainda, eu vou aproveitar e vou fazer uma parede (inint). Venha cá pra cima.. a bagunça tá grande..

INFORMANTE 3: (risos)

INFORMANTE 1: Informante 5 vem aqui ou é só TU?

INFORMANTE 2: Informante 5 vem pra onde? (inint) Tava muito escuro, eu botei esses blocos de vidro aqui, e vou botar em cima, vou cortar aqueles dois, ó.. vou fazer um só, de fora a fora. Os blocos já tão até aqui, ó.. comprei tudo ontem, o pedreiro disse que vinha hoje, até agora tô esperando.. (risos)

INFORMANTE 1: Pedreiro é brincado? (risos)

INFORMANTE 2: Aqui vai ser uma sala grande..[inint] é... aqui é bem ventilado, vou colocar uma varandinha ali fora pra olhar a vida dos outros..

INFORMANTE 1: Supersticioso ó Informante 3, não quer passar embaixo da escada não..

INFORMANTE 2: Ah.. não tenho isso não. Eu passo, não tenho isso não, passo por cima, por baixo.

INFORMANTE 1: Rapaz, que fresca boa, viu!

INFORMANTE 2: Rapaz, a localização é nascente, a tarde o sol bate no fundo, é igual na sua casa. (inint)

INFORMANTE 1: [informante atende ao telefone]

INFORMANTE 3: E sua esposa, cai na onda também ou se estressa com reforma?

INFORMANTE 2: Ela se interessa mais pela parte de decoração, não entende muito de estrutura.

INFORMANTE 3: Então agora que ela vai entrar, não é?

INFORMANTE 2: Ah é, com certeza.

INFORMANTE 3: Ver piso, revestimento, detalhes pra o banheiro, se prepara viu? Por que não é porque a gente quer, mas o olho só vai naquilo...

INFORMANTE 2: É, mas VOCÊ tem que comprar uma vez só, tem que comprar do bom. Demora, mas compra, e não mexe mais. Nessa obra aqui a gente colocou tudo de primeira, justamente pra não ter que..

INFORMANTE 3: Pra não ter problema, não é?.

INFORMANTE 2: Pra não ter problema nenhum. Pensando logo, pra... não ter que fazer de novo. A gente quebra a cabeça, mas... no final VOCÊ fica.. conten..

INFORMANTE 3: Satisfeito.

INFORMANTE 1: E aí? E a jacuza, vai colocar onde? A banheira?

INFORMANTE 2: Não gosto.

INFORMANTE 1: Não?

INFORMANTE 2: Eu acho muito pouco higiênico.

INFORMANTE 1: E a piscina?

INFORMANTE 2: Não, não. Aí só quando eu tiver um sítio na roça, que aí eu (inint). Se VOCÊ tiver uma casa com piscina, VOCÊ está condenado a não sair mais de casa.

INFORMANTE 1: É...(risos)

INFORMANTE 2: Todo mundo vai pra sua casa tomar banho de piscina, suja tudo e deixa lá a bagunça pra VOCÊ limpar.

INFORMANTE 1: Pô, massa velho. Aí aqui dá pra botar armário até a altura do..

INFORMANTE 2: O closet? O closet vai vim aqui assim, até aqui assim na porta. Um.. um "l", né?

INFORMANTE 1: E um balcão de vidro aqui?

INFORMANTE 2: Eu tô vendo se eu boto a porta aqui pra ser entrada aqui pelo lado, ou a porta aí. Mas aqui a gente vai fazer (inint) a parede aqui assim pra cá e a porta.

INFORMANTE 1: E pra ter acesso aqui? Aí cê ganharia isso aqui como um corredor, não é?

INFORMANTE 2: Isso, mas dentro do closet, já não é visível.

INFORMANTE 1: Hum.

INFORMANTE 2: Tá vendo? Aqui é a... varandinha privativa da suíte. Uma... cadeirinha a gente coloca...

INFORMANTE 1: Isso aí, meu filho. Deus lhe abençoe!

INFORMANTE 2: Amém, a nós todos!

INFORMANTE 1: Tem quantos anos já construindo?

INFORMANTE 2: Tem um ano, mais ou menos. Porque eu parei também... parei, levantei, depois peguei de novo. Mas... se for contar mês a mês, dá um ano.

INFORMANTE 1: Mais três meses aí tá pronto, não é?

INFORMANTE 2: Tá, pô, tá... o pior já passei. Só falta botar o portão agora, as portas de vidro, fechar e piso. A execução é rápida.

INFORMANTE 1: (inint) não molha essa madeira não, ou essa madeira pode molhar?

INFORMANTE 2: Rapaz, aí é maçaranduba, velho, isso aí não acaba nunca. Agora aí... envernizou, fica bonito, já é a fase de acabamento. Maçaranduba não acaba não, não dá cupim, nem apodrece.

INFORMANTE 1: Verdade.

INFORMANTE 2: Importante é VOCÊ observar o detalhe, o piso aqui ó... num nível mais baixo que o de dentro de casa, porque se chover e molhar aqui a água não invade a casa. Meu vizinho ali do lado não observou isso e o piso tá... no mesmo nível. Eu tenho pena dele quando der trovoada, que a água vai entrar dentro de casa.

INFORMANTE 1: Se bem que com um telhadão desse aqui vai molhar pouco, não é?

INFORMANTE 2: (inint) o vento joga, e aí VOCÊ fica... (inint) água no quarto, imagine..

INFORMANTE 1: Não pode...

INFORMANTE 2: Aqui eu fiz pra não molhar nada(...)

INFORMANTE 1: E aqui tem mais três quartos, é?

INFORMANTE 2: Dois quartos. Um quarto.. pode passar.. aqui vai ser o quarto de minha princesinha aí. Cuidado com a cabeça. Pode passar..

INFORMANTE 3: Não, não (risos). Não, tranquilo, tranquilo, não tem problema não..

INFORMANTE 1: Pera aê, rapaz, a gente vem pra cá pra derrubar sua casa, é?

INFORMANTE 2: Não, pô, aqui já pode tirar... pode passar... Aí já pode tirar, já tá seco.

INFORMANTE 3: Vocês têm quantos filhos?

INFORMANTE 2: Um casal.

INFORMANTE 3: Um casal?

INFORMANTE 2: É. Aqui vai ser... cuidado que tá solto... Tá solto aí...

INFORMANTE 1: Daqui pra ali não tem mais de um metro e meio...(risos)

INFORMANTE 2: Fique quieto advogado (risos). Fique quieto... Esse é o maior banheiro que eu tenho aqui na... casa... Aqui é o quarto da minha filha. Esse advogado, viu? Que coisa, viu... (risos)

INFORMANTE 1: Tá ligado que se colocar isso no projeto a prefeitura não aprova não, não é? (risos)

INFORMANTE 2: Fique quieto, rapaz...(risos). Esqueça isso... (risos). Aqui é o banheiro social de cima. Esse banheiro aqui eu botei duas portas. Esse quarto aqui, do menino,

ia ficar sem suíte... pode passar pra cá. E aí, pra não ficar sem a suíte eu fui e botei a porta no quarto dando acesso pro banheiro. Como a área em cima é só minha família, não tem problema.

INFORMANTE 1: E a menininha ficou sem a varanda... no... no quarto.

INFORMANTE 2: Ela ficou sem a varanda, mas ganhou o maior quarto, então... Mas também a gente pode fazer... botar a menina pra cá, o menino pra lá, não tem problema. Olha a área desse terreno, olha...

INFORMANTE 1: Porque não compra?

INFORMANTE 2: Ave Maria, o dono disso aí acha dinheiro e chega a virar a cara...

INFORMANTE 1: É mesmo, não vende não, é?

INFORMANTE 2: Ah, vende não. Se fosse meu aí eu fazia uma casa, eu fazia uma casa bem no meio do terreno, plantava todo de capim e ia criar galinha e carneiro... (risos)

INFORMANTE 1: (risos) Mas VOCÊ tem uma rocinha, não é?

INFORMANTE 2: Na casa de minha mãe lá... É... Mas se fosse aqui meu, oh meu Deus do céu... botava uma redezinha ali embaixo, chupava uma mangazinha madura... (risos) E aí matava uma galinha dia de sábado, domingo...né?

INFORMANTE 1: É...

INFORMANTE 2: VOCÊ morar numa fazenda dentro da cidade...

INFORMANTE 1: É um luxo, não é?

INFORMANTE 2: É uma riqueza...

INFORMANTE 1: Aqui é o quê? Dez, é...?

INFORMANTE 2: Nove por vinte.

INFORMANTE 3: Que ótimo... e a localização daqui também tá ótima.

INFORMANTE 1: Pô... o cara fez um varandão ali no fundo, ó... Ó que negócio bonito... casa solta, ventilada...

INFORMANTE 2: É sol nascente... como eu te falei, pô. De tarde a gente pega o sol pelo fundo... Mas se VOCÊ deixar aberto, meu amigo, a ventilação... compensa.

INFORMANTE 1: O sol é aqui assim, não é?

INFORMANTE 2: É, é aqui... (inint) a corrente. Beleza... muito fresco, muito arejado...

INFORMANTE 3: Parabéns, excelente...

INFORMANTE 2: Três quartos amplos... O menor quarto que eu tenho aqui é três por três e cinquenta... Não é como a casa da gente... que os caras fazem... quarenta e nove metros quadrados de área, é brincadeira? Pequeno demais... Eu tenho só da... sem a garagem... eu tenho cento e cinquenta metros, cento e quarenta metros de área construída... e eles fazem uma casa com quarenta e nove metros. Agora aí... o menino tá com o menor quarto...

INFORMANTE 1: E aqui é o quê (inint), é o quê?

INFORMANTE 2: Eu vou abrir... vou abrir a ventilação... (inint) vou preparar todos os quartos com interfone, telefone, ar condicionado e antena de tv...

INFORMANTE 1: Tudo no padrão, rapaz...

INFORMANTE 2: Tudo no padrão... VOCÊ vê... eu trabalho com o pedreiro, não é? boto pocando mesmo... agora a faca entra cega também, não é? Mas...

INFORMANTE 3: Vale a pena, não é? Pra VOCÊ não pagar duas vezes...

INFORMANTE 1: Quanto é que ele cobrou?

INFORMANTE 2: Aqui ele cobrou quinze reais... com o chapisco, e ainda chorando...

INFORMANTE 1: É, mas pedreiro bom é assim mesmo...

INFORMANTE 2: É... A gente paga, mas vê que VOCÊ... fica satisfeito. Porque tá tudo sujo ainda, ele tava quebrando parede esses dias...

INFORMANTE 1: É... agora é só porcelanato, Informante 3... blindex...

INFORMANTE 2: Piso... é... dois meses, no máximo... eu já vou fechar lá com o portão...(inint)

INFORMANTE 1: Depois é só mobília então...

INFORMANTE 2: Não... aí agora eu tenho que esperar mais... não é? (risos) A mobília pode esperar mais...

INFORMANTE 3: Dar uma aliviada, não é?

INFORMANTE 2: É... o bagaço que a gente tem dá pra usar ainda...(risos)

INFORMANTE 1: (risos) Não dou um ano e a mulher vai dizer “enjoei desse sofá”...

INFORMANTE 2: Se VOCÊ for lá em casa... minha casa não tem nada... eu só tenho o que preste em casa... a cama e a geladeira, o resto... nada(risos). Porque eu vou comprar a mobília nova, rapaz.. porque eu vou comprar mobília nova? eu vou

comprar... eu vou comprar mobília nova... guarda-roupa novo, tv, tudo pra... na mudança... acaba com tudo.

INFORMANTE 1: Acaba.

INFORMANTE 2: Eu não tenho nada... eu não tenho nada em casa... nem ar condicionado eu tenho...

INFORMANTE 1: Eu tô vendo que essa copa é aqui... deixa eu adiantar que... eu tô fazendo cotação de... de material de construção, pô...

INFORMANTE 2: Rapaz... Cerqueira Gonçalves é imbatível...

INFORMANTE 1: Mas não tem material de levante...

INFORMANTE 2: Ah.. não, não, TU quer bloco e... cimento lá é caro.

INFORMANTE 1: Achei ali... Teixeira. Aqui no... Parque Ipê...

INFORMANTE 2: Mas ele cobra quanto pra levar?

INFORMANTE 1: De graça...

INFORMANTE 2: Ele leva lá?

INFORMANTE 1: Leva. Gente boa o cara, passei agora... falei ô... vou passar ali pra ver... aí eu tava com o preço da rede Erguer e da Comercial Santo Antônio...

INFORMANTE 2: Não... Comercial Santo Antônio é caro demais... Erguer é mais ou menos, agora... Cerqueira é imbatível em quase tudo... agora eles não trabalham com bloco e o cimento deles é muito caro, só isso que...

INFORMANTE 1: É vinte e nove conto lá.

INFORMANTE 2: Só isso que eles pecam, mas...

INFORMANTE 1: Todo canto é vinte e três, lá é vinte e nove...

INFORMANTE 2: Pois é... E o portão... vai fazer mesmo?

INFORMANTE 1: Vou passar lá pra ver agora.

INFORMANTE 2: Agora se ligue... Como teu portão é um portão pequeno... não é só pro corredor?

INFORMANTE 1: É.

INFORMANTE 2: TU podia fazer lá perto de tua casa mesmo...

INFORMANTE 1: É... lá eu vou ganhar é a entrega, não é?

INFORMANTE 2: É, não precisa fazer aqui não...

INFORMANTE 1: Agora aqui eu ganho a fechadura...

INFORMANTE 2: Aqui TU ganha a fechadura? Ah... tá vendo VOCÊ? Aqui já vem com a fechadura..

INFORMANTE 1: A fechadura nada, nada é uns trinta conto...

INFORMANTE 2: Oxe... é mais, moço. Trinta, aonde?

INFORMANTE 1: É mesmo, é caro assim?

INFORMANTE 2: Não é não!? Uma fechadura hoje, rapaz.. de trinta não acha não. Trinta não acha não, parceiro.

INFORMANTE 1: Ele gostou da ideia ali de construção, hein Informante 3... Vai comprar terreno e construir até umas horas...

INFORMANTE 2: Eu tenho um terreno com meu irmão... tô construindo uma casinha lá no Feira VII.

INFORMANTE 1: É?

INFORMANTE 2: É. Dividido em dois... duas casinhas pra vender.

INFORMANTE 1: Cinco de frente?

INFORMANTE 2: Cinco de frente, por vinte e cinco de fundo. Já tá... quase botando o telhado já.

INFORMANTE 1: Dois quartos é?

INFORMANTE 2: Não. Três, lá tem três... Essas casinhas pra vender tem que ser de telha... (risos) e... três quartos, que aí agrada. Se for bater laje, essas coisas, fica caro demais, VOCÊ não acha gente... comprador logo.

INFORMANTE 1: Vai pedir quanto lá?

INFORMANTE 2: Cento e dez, cento e vinte (risos).

INFORMANTE 3: (risos) Gasta trinta... hein bem? (risos)

INFORMANTE 1: Gasta trinta? (risos) Trinta se for botar portão eletrônico...

INFORMANTE 2: (risos) Não, mas VOCÊ sabe que sai no padrãozinho... (risos) Quando VOCÊ vier aqui VOCÊ vai ver, já vai estar bem... Aqui ó... vou colocar revestimento na escada... Hein Informante 4? Faz a instalação na casa do homem ali...

INFORMANTE 1: Na hora! Pegue lá o contato (inint).

INFORMANTE 2: Aqui tem projeto de elétrica e de hidráulica.

INFORMANTE 1: Oxente! O cara é eletricista e projetista também, é?

INFORMANTE 2: É, aí é...mas a faca... (inint). Cê vê que só de olhar VOCÊ gosta, não é?

INFORMANTE 1: É, aí tapeia os bestas...

INFORMANTE 2: Qualquer coisa que tiver... (inint)

INFORMANTE 1: Rapaz, eu tava vendo a planta lá da casa, sem entender esses fios aqui... essas... como é... esses negócios aqui... rapaz, é uma onda, viu?

INFORMANTE 2: É uma onda...

INFORMANTE 1: Dá pra entender?

INFORMANTE 2: Claro, rapaz, oxe! E tem uma simbologia aqui também... tem tudo.

INFORMANTE 1: Eu tô brincando, rapaz, isso aí o cara...

INFORMANTE 3: Mas é show de bola.

INFORMANTE 2: É.

INFORMANTE 1: E aqui... vai botar um geloso aqui?

INFORMANTE 2: Oi?

INFORMANTE 1: Vai botar um geloso aqui na sala?

INFORMANTE 2: Botar o quê?

INFORMANTE 1: Um ar condicionado.

INFORMANTE 2: Informante 1, aqui é muito ventilado, não precisa de ar condicionado na sala não.

INFORMANTE 1: É um luxo... é um excesso de luxo, não é?

INFORMANTE 2: É... aqui é muito ventilado. Aqui vai ser gesso, tô cobrindo pra rebaixar, dar uma rebaixadinha aqui... não é? fazer uma faixa de um metro ao redor... colocar aquelas luminárias no teto (inint).

INFORMANTE 1: Show de bola, show de bola, viu velho. Aí tem que fazer mais um filho aí... pra caber quarto... Vai deixar o quarto pra hóspede?

INFORMANTE 2: Vou deixar pra vocês, que estão começando. (risos) Quando vocês empatarem, aí eu vou e desempato. (risos)

INFORMANTE 3: (risos) Empa... não, a gente não tem a... a gente não tem a pretensão de empatar não.

INFORMANTE 1: A mulher do cara é oficial de justiça, Informante 3.

INFORMANTE 2: (inint) vai ter concurso, Informante 1, dá pra VOCÊ... TU num vai fazer pra delegado, não? Tem que fazer.

INFORMANTE 1: Vou fazer.

INFORMANTE 2: Tem que fazer. Eu acho que eu vou fazer, tô há muitos anos sem fazer concurso. Vou fazer um treino aí pra não ficar lerdo, não é?

INFORMANTE 1: O homem tem três faculdades, Informante 3, e diz que quer fazer a quarta... Economia, Matemática, Direito...

INFORMANTE 2: Direito eu parei no quinto... mas vou terminar.

INFORMANTE 1: Essa casa aqui também ficou massa... só essa porta aí, Informante 3, uns dez mil.

INFORMANTE 2: Agora repare, uma porta de madeira...

INFORMANTE 3: Vai molhar toda aí...

INFORMANTE 2: E sol e chuva nela, essa porta não vai suportar isso.

INFORMANTE 3: Aqui ele tinha que fazer alguma coisa pra frente.

INFORMANTE 2: E... repare, viu... ele colocou a porta da frente de madeira e as outras agora ele colocou tudo de vidro... ficou um carnaval. Mas... essa casa é tipo aquelas casas de novela que... aqui (inint)

INFORMANTE 1: É... pé direito alto... pé direito duplo, não é?.

INFORMANTE 2: É... eu achei que ele perdeu muito terreno...

INFORMANTE 1: Olha, Informante 3, que lindo. Ali é... gesso acartonado, não é?

INFORMANTE 2: É... é gesso. E outra coisa, não tem quarto embaixo, uma mulher parida vai subir escada?

INFORMANTE 1: Aí ele bota a cama embaixo (risos).

INFORMANTE 2: Aonde?

INFORMANTE 1: Vai pra casa da sogra (risos).

INFORMANTE 2: Tem que ter, pô, um quarto embaixo. Essa casa... é porque é assim... ela é imponente...

INFORMANTE 1: É... ela fica bonita mas... menos funcional, não é?

INFORMANTE 2: E ele perdeu essa área aqui...

INFORMANTE 1: E agora?

INFORMANTE 3: Agora é isso, não é? Colocar uma porta dessa e... tomar sol e chuva.

INFORMANTE 1: E a tubulação de ar condicionado ali... ele já colocou tudo. E o cara do gesso já coloca a propaganda do gesso ali, não é? O cara passa, vê, acha bonito... eu vou ligar...

INFORMANTE 2: Se bem que esse gesso não tá bonito... o rebaixe foi muito simples... podia ter decorado mais... gesso VOCÊ faz até estrelinhas, se VOCÊ quiser, meia lua, faz tudo com gesso. Ele não fez nada. Além dele levar o gesso todo reto, não tem nem rodapé, tá vendo, por dentro?

INFORMANTE 1: Mas agora o rodapé é invertido, ó lá... no cantinho mais alto...

INFORMANTE 2: Aqui fora, mas lá, dentro de casa, não.

INFORMANTE 1: Ah... Aqui debaixo também tem um cantinho assim...

INFORMANTE 2: É... mas em cima, não.

INFORMANTE 3: Ah... tem gente que usa assim, não é? é... com (inint) ao redor...

INFORMANTE 2: É... exatamente, o meu vai ser assim na sala. O piso dele em cima... Informante 1, é do mesmo nível que... dessa área aqui... todo aberto... na primeira chuva aí, vai alagar tudo.

INFORMANTE 1: Aí a mulher se reta e manda fechar aqui de vidro, bota um blindex cá fora, aí mata a casa.

INFORMANTE 2: E vai perder a ventilação, que é pior ainda.

INFORMANTE 3: E mata mesmo, porque vai ficar um vidrão retado.

INFORMANTE 2: E o preço?

INFORMANTE 1: Tem GVT, tem tudo aqui. Tem esgoto aqui, não?

INFORMANTE 2: Não, é fossa. A minha já tem fossa, já tem (inint), a dele, não tem fossa ainda não.

INFORMANTE 1: Vixe!

INFORMANTE 2: E... e outra coisa, a casa dele... ele...

INFORMANTE 1: Ainda vai ter que cavar a fo...?

INFORMANTE 2: Vai ter que cavar a fossa. O lado da casa dele aqui, ó... é o limite do muro, é como tua casa lá... é no limite com o vizinho, esse paredão todo aí.. No inverno ele vai pegar aquele mesmo problema que eu lhe falei, de umidade na parede.

INFORMANTE 1: Se bem que ele deve ter feito melhor, não é? que lá, com certeza, não é?

INFORMANTE 2: Essa casa só é chapiscada por fora, por dentro não tem chapisco nenhum, quer economizar demais...

INFORMANTE 3: Pagar duas vezes...

INFORMANTE 2: Tá tudo bonitinho, mas se VOCÊ ver o reboco dele... tá todo rachado.

INFORMANTE 1: É mesmo?

INFORMANTE 2: E veja a cor do reboco dele, tá vendo como é escuro?

INFORMANTE 1: Hum.

INFORMANTE 2: Ele trabalha com terra, eu trabalho com areia. Olha como fica branquinho o meu... Olha a cor do reboco. Aqui é reboco de areia. O dele é com aquelas (inint) de terra escura que o cara pega mais barato, e aí bota. Aquela zorra ali, meu amigo...

INFORMANTE 1: Areia é essa daqui, não é, Luciano?

INFORMANTE 2: Areia, é... ele trabalha com... o que ele rebocou a casa dele eu usei com aterro no chão pra mim... É sério.

INFORMANTE 1: (risos) É isso mesmo.

INFORMANTE 2: Pela cor da parede dá pra VOCÊ ver como fica branquinho o reboco, ó... Areia mesmo, já o dele fica todo escuro, ó... Todo escuro, por dentro e por fora, é a terra que ele usou. Cê vê que essa parte aqui da frente... da porta, ó... como já é diferente a cor... ele já usou uma areia melhor.

INFORMANTE 3: Agora essa... essa porta aí é... dinheiro jogado fora...

INFORMANTE 1: O carpinteiro (inint). Rapaz que casa massa aquela, ó... Ali é um terreno só, é?

INFORMANTE 2: Ali tava vendendo até outro dia.

INFORMANTE 1: É casa pra seiscentos mil, não é?

INFORMANTE 2: Acho que foi isso mesmo, viu?

INFORMANTE 1: Ó, Informante 3, que linda!

INFORMANTE 2: Seiscentos pau.

INFORMANTE 1: Deixa eu ir lá, velho, deixa eu ir pra minha casinha (risos). Sonhar, estudar pra... estudar pra passar num concurso...

INFORMANTE 3: (risos) Voltar pra nossa realidade nesse momento...

INFORMANTE 2: Não, mas vocês tão bem encaminhados, é isso mesmo. O investimento ali foi bom, Informante 1.

INFORMANTE 1: Já falei... já falei com a mulher que vou procurar um terreno pra comprar... vou fazer igual TU, dez por trinta, vou fazer duas casinhas e ganhar uma grana... entendeu? (risos)

INFORMANTE 2: É isso aí...(risos) melhor VOCÊ pegar um terreno bom e fazer sua casa, com mais espaço. Porque ali no teu, ali, ó... TU vai morrer retocando e num vai ficar bom.

INFORMANTE 1: Vou fazer de aluguel, Informante 3 (risos). Ali é de aluguel... com certeza. Rapaz, ali ontem eu fiquei com vergonha, pô, a gente foi ver a... a varanda da mulher, abriram a janela assim... por isso que eu... o cara fica meio assim...

INFORMANTE 2: Ela saiu pra olhar...

INFORMANTE 1: Mas aquela ficou legal, não ficou? Aquela que a gente viu, que tinha um...

INFORMANTE 2: Que TU falou que tinha que suspender o telhado?

INFORMANTE 1: Não. Aquela da esquina que TU parou assim...

INFORMANTE 2: Sim, que tinha um carro estacionado...

INFORMANTE 1: Ali mesmo...

INFORMANTE 2: VOCÊ bota um pilar só ali no meio e cê estaciona um carro de um lado e um do outro...

INFORMANTE 1: Aí fica beleza, é...

INFORMANTE 3: Bora, filho.

INFORMANTE 1: Depois ela vai lá pra ver...

INFORMANTE 2: Não vale a pena investir muito lá, não porque a casa não tem altura, aí vai ter que arrancar o telhado pra suspender...

INFORMANTE 1: Daqui a uns dias, rapaz, aqui tá ganhando mais que eu hoje...

INFORMANTE 2: É... a tendência é essa, pô, vocês tão estudando, tão lutando junto... e morar ali sem filho, dá. Até com um filho dá. Agora com dois como eu tô... (risos)

INFORMANTE 1: Aí eu mando um pra cá... (risos)

INFORMANTE 3: Aqui tem quarto já sobrando, não é? (risos)

INFORMANTE 1: Valeu, brother, show de bola sua casa.

INFORMANTE 2: Ainda não, quando tiver pronta VOCÊ vem olhar.

INFORMANTE 1: E na inauguração, me chame, viu... ou vai esquecer dos amigos? (risos)

INFORMANTE 2: (risos) Na hora, rapaz.